

SAMAEL AUN WEOR



EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL

EDUCAR É BEM MAIS QUE PROGRAMAR
PESSOAS A PRODUZIR E CONSUMIR

EDISAW



Este livro digital foi disponibilizado gratuitamente pelo
Projeto Abragnose Digital, mantido pela
ABRAGNOSE - Academia Brasileira de Gnose.

O Projeto Abragnose Digital, por meio de contribuições
de estudantes gnósticos e simpatizantes,
tem por objetivo disponibilizar versões digitais gratuitas
de obras publicadas pela EDISAW - Editora Samael Aun Weor.

Para adquirir cópias impressas de obras do catálogo da EDISAW,
a preço de custo, visite a nossa loja na página www.edisaw.com.br.
Ao adquirir as versões impressas das obras da EDISAW
você contribui para a expansão do seu catálogo e
para a manutenção de sua obra de divulgação
do conhecimento gnóstico contemporâneo.

Para ajudar a manter este e outros trabalhos de cunho cultural,
assistencial e missionário você pode também contribuir diretamente
para com a ABRAGNOSE realizando doações
por meio da seguinte conta bancária:

Banco do Brasil
Agencia: 3390-1
Conta: 27.361-9
CNPJ 14.578.176/0001-30
Academia Brasileira de Gnose

Agradecemos o seu apoio!

Paz Inverencial!



EDISAW

Aviso de copyright:

Todos os direitos reservados para a EDISAW - Editora Samael Aun Weor.
A distribuição deste material é permitida desde que seja mantida a totalidade do material,
e seja expressamente mencionada a fonte (EDISAW / Projeto Abragnose Digital)
e ambos os nossos endereços na internet (www.gnose.org.br e www.edisaw.com.br).

EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL

Samael Aun Weor

EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL

Educar é bem mais que programar pessoas a produzir e consumir

1ª. Edição

Curitiba - PR

EDISAW

2011

EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL

Educar é bem mais que programar pessoas a produzir e consumir

Samael Aun Weor
Buddha Maitreya - Grande Avatar da Nova Era de Aquário

DO ORIGINAL:

Educación Fundamental
Psicología Revolucionaria
Samael Aun Weor

Maitreya Buddha - Gran Avatara de la Nueva Era Acuaria

Primera edición - 1970 - Cali
Tercera edición - 1975 - Bogotá
Colombia - Sur America

TRADUÇÃO: KARL BUNN – Presidente da Igreja Gnóstica do Brasil
Curitiba – PR – Brasil – AGOSTO 2009 – XLVIII Ano de Aquário.

Design da Capa: Ricardo Bianca de Mello e Helen Sarto de Mello

Imagem da Capa: A Escola de Atenas, de Rafael Sanzio

Diagramação: Gilberto da Lapa Silva

Produção Gráfica: Paulo Lima

Fotolitos e Impressão: Gráfica Editora Pallotti

1ª reimpressão (Quarto milheiro) fevereiro 2011

© Direitos autorais desta edição: Igreja Gnóstica do Brasil

www.gnose.org.br

Textos entre [] são do tradutor; não constam no original. Usamos esse recurso para oferecer rápido e melhor entendimento e orientação para o leitor, evitando assim as nem sempre práticas notas de rodapé. Textos entre () constam do original exatamente entre ().

Em sinal de respeito ao autor e aos irmãos que nos antecederam na história do Movimento Gnóstico, nossas edições mantêm a totalidade e a integridade das obras originais. Nossos adendos estão sinalizados de forma expressa e direta, de modo que nossos leitores possam diferenciar claramente o que é um e o que é outro.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Weor, Samael Aun, 1917-1977.

Educação fundamental : educar é bem mais que programar pessoas a produzir e consumir / Samael Aun Weor ; [tradução Karl Bunn]. -- 1. ed. -- Curitiba, PR : Edisaw, 2011.

Título original: Educación fundamental : psicología revolucionaria
ISBN 978-85-62455-06-3

1. Educação - Filosofia 2. Educação fundamental
3. Gnosticismo 4. Psicologia educacional I. Título.

11-00277

CDD-370.194

Índices para catálogo sistemático:

1. Educação fundamental : Psicologia revolucionária gnóstica 370.194

Apresentação

Karl Bunn



Falar de **Educação Fundamental** nesta época no Brasil [2009] soa como coisa de outro mundo. O descaso com que o estado brasileiro trata a educação em todos os níveis configura-se como verdadeiro crime de lesa-pátria.

Não se trata só do baixo nível de investimento em educação. Trata-se do abandono mesmo, de parte do estado, da formação cultural, cívica e profissional dos professores e alunos. Apenas as classes privilegiadas têm acesso hoje a uma boa formação básica e profissional, o que não significa que nesses centros sejam cultivados os valores propostos e defendidos aqui pelo autor neste livro.

O cenário é tão dramático que, simplesmente, os alunos estão deixando de ir à escola nos grandes centros urbanos. Professores e alunos não falam mais a mesma língua. Aqueles, porque não se atualizaram tecnologicamente; estes, porque não encontram motivação suficiente nos currículos usados pelos centros de ensino. Além disso, a violência se tornou parte do ambiente educacional, sem contar outros desvios e patologias sociais, como a corrupção, que vemos diariamente nos noticiários regionais e nacionais.

A essência da **Educação Fundamental** proposta nesta obra vem de antigos tempos. Pitágoras, com sua escola de ensino integral, é o exemplo acabado do que pretende nos passar o autor deste livro. *Educar é eduzir* potencialidades natas do ser humano, e não meramente despejar conteúdos intelectuais na mente dos estudantes. Mas hoje, isso – a educação fundamental aqui proposta pelo autor - é apenas uma idéia utópica, considerando-se que a sociedade privilegia apenas e tão só a formação intelectual, e ainda assim, valendo-se de metodologias pedagógicas ultrapassadas, que remontam à Idade Média.

A proposta essencial da **Educação Fundamental** está contida no capítulo 34 deste mesmo livro. Para cumprir, ainda que minimamente, a

proposta contida neste livro, seria necessário fazer uma revolução – algo que governo algum do mundo faria, como não fizeram nem mesmo os governos que chegaram ao poder pela via da revolução armada.

De nada serve um país erradicar o analfabetismo educacional se os valores morais, culturais, religiosos, filosóficos e éticos seguem sendo os dos analfabetos do espírito. Sabemos que não é aconselhável eliminar o ensino religioso. Mas também sabemos que basear todo o sistema educacional em cima de valores religiosos não é inteligente. Exemplos existem de sobra em todas as partes do mundo para demonstrar que tanto um quanto o outro, não tornaram nem tornam o homem um ser “bom” ou “melhor”. O que falta a todos é a verdadeira integração entre matéria e espírito ou a visão holística da vida em si mesma.

A **Educação Fundamental** repete, enfatiza e segue os valores universalmente aceitos. Nenhuma escola que ensine valores transcendentais, ontológicos, recebe apoio do estado ou da comunidade em que está inserida no mundo moderno. Por isso mesmo o autor deste livro é insistente nas afirmações de que a **Educação Fundamental** é indispensável para formar uma nova sociedade. Mas é preciso ir muito além do que hoje se entende e se pratica como métodos e conteúdos educacionais.

Dar uma boa formação básica não é apenas encaminhar o estudante a uma boa profissão, a uma profissão socialmente valorizada e bem remunerada ou formar uma base intelectual ampla. O mundo necessita de múltiplas atividades; logo, é preciso haver gente qualificada e conhecedora dessas atividades, como agricultores, donas de casa, pedreiros, marceneiros, jardineiros, etc.

- Por que apenas valorizamos algumas profissões e rejeitamos outras? Por que pagamos tão mal a uns e muito a outros? Afinal, o mundo não necessita de tudo e de todos?

Enfim, questionamentos filosóficos profundos nos levariam a uma total revisão dos atuais modelos políticos e econômicos do mundo. Todos eles se mostraram incapazes de proporcionar ao ser humano um mínimo de dignidade, decência, respeito e igualdade.

De fato, tudo precisa ser revisto... Se a humanidade não fizer essa revisão [como de fato não fará], certamente a “inteligência da vida” ou esse “organismo vivo”, antigamente conhecido como “Grande Mãe”, o fará, usando os meios próprios que possui – e que são desconhecidos por governos e educadores.

Este é um livro de estudo e reflexão; não é uma obra intelectual para ser lida e debatida apressadamente para se inteirar de seus conteúdos e depois ser deixada mofando em alguma prateleira.

Bem poucos saberão apreciar e reconhecer os valores que prevalecerão no mundo dentro de uma época não muito distante no futuro. A “inteligência da vida” ou esse “grande organismo vivo e consciente”, no dizer de James Lovelock, sabe o que é preciso fazer. Aguardemos, pois, dia e hora precisos e exatos em que a Grande Mãe Gaea fará a renovação da vida orgânica que vive na superfície do planeta, fenômeno esse que ocorre ciclicamente sem que, nem remotamente, a ciência positivista desconfie ou saiba.

Paz Inverencial!

Prefácio da edição original

Julio Medina V.

S.S.S.



Educação Fundamental é a ciência que nos permite descobrir nossa relação com os seres humanos, com a natureza e com todas as coisas. Por meio dessa ciência conhecemos o funcionamento da mente, porque sendo ela o instrumento do conhecimento, devemos aprender a manejá-la, pois é o núcleo básico do “eu psicológico”.

Nesta obra é ensinado, em forma quase objetiva, o modo de pensar por meio da investigação, da análise, da compreensão e da meditação. Ela nos informa como melhorar nossa memória usando sempre os três fatores: sujeito, objeto e lugar.

A memória funciona pelo interesse, de modo que é preciso pôr interesse naquilo que se estuda para que seja gravado na memória.

A memória melhora com a prática da transmutação alquímica, a qual, pouco a pouco, os estudantes que se interessarem pelo seu aperfeiçoamento pessoal irão conhecer.

Para os ocidentais o estudo começa aos seis anos, quando se supõe que se inicia o uso da razão. Para os orientais, especialmente os hindus, a educação tem início na gestação. Para os gnósticos, a educação tem início já no namoro dos futuros pais. Ou seja: antes mesmo de haver a concepção da criança.

No futuro, a educação se dará em duas fases: uma, a cargo dos pais; a outra, a cargo dos professores. A educação futura porá os educandos no divino conhecimento de aprender a serem pais e mães.

A mulher precisa de proteção e amparo. Por isso, a filha se apega mais ao pai quando criança, porque o percebe como forte e vigoroso. O filho precisa de amor, cuidado, atenção; por isso, por instinto natural, se apega mais à mãe quando criança. Mais tarde, quando mudam os sentidos de ambos, a mulher busca um bom partido ou um homem que

a queira, quando ela é que deve dar amor; o homem busca uma mulher que tenha meios para viver ou que tenha uma profissão. Para outros acaba prevalecendo a aparência e as formas corporais.

É surpreendente examinar os textos escolares... Cada livro contém milhares de perguntas que o autor responde por escrito para que os alunos aprendam de memória, a infiel memória, que se torna depositária do conhecimento que com tanta dedicação estudam os jovens. Essa educação materialista prepara-os para ganhar a vida ao terminarem seus estudos. Porém, da vida em si, nada aprendem; nela entram cegos, nem sequer lhes é ensinado a se reproduzirem de forma enaltecida, cujo aprendizado acaba sendo feito com os vagabundos das esquinas sob a luz da impudicícia.

É preciso que o jovem compreenda o que é a semente que produz o corpo humano. Ela é o fator mais importante para a vida da espécie humana. Essa semente é bendita; por isso o mau uso que dela se faz danifica até a procriação humana.

Nos altares da igreja católica guarda-se no sacrário, com suma veneração, a hóstia como representação do corpo de Cristo, essa figura sagrada. A hóstia é feita da semente de trigo. No altar vivo, que é nosso corpo, nossa semente ocupa o mesmo posto que a hóstia sagrada ocupa no cristianismo que segue o Cristo histórico. Nós, que seguimos o Cristo vivo, sabemos que guardamos em nossa própria semente o Cristo em substância.

É com grande interesse que vemos os agrônomos, responsáveis por melhorar as sementes das plantas usadas pelo homem, ensinarem os agricultores a terem cuidados especiais com as sementes que semeiam no campo. Percebemos que melhoraram a qualidade das sementes para produzirem melhores colheitas, guardando-as depois em enormes silos para que se conservem adequadamente.

Vemos também que os veterinários, encarregados de manejar a vida animal, têm conseguido melhorar a qualidade dos reprodutores, cujo sêmen é muito mais valioso que a sua carne. Isso mostra que a sua semente é o mais importante de tudo, sendo vendida por altos preços.

Mas, só a medicina oficial, responsável pela qualidade da semente humana, nada fala a respeito de como melhorar a semente humana. E a semente humana é a mais fácil de todas para ser melhorada, mediante o uso permanente de três alimentos básicos: o que pensamos, o que respiramos e o que comemos.

Se apenas pensamos bobagens e coisas sem importância assim também será nossa semente, porque o pensamento é fator determinante de tudo que fazemos. O jovem que estuda é diferente, tanto em aspecto quanto em presença, daquele que não recebe educação; suas personalidades são distintas.

O fato de se respirar cervejas digeridas em bares e botecos é determinante na vida de seus freqüentadores. As pessoas que se alimentam de salgadinhos, carne de porco, cerveja, temperos fortes, álcool e afrodisíacos levam uma vida passionária que as levam à fornicação. E todo animal fornicário é horrível. Observem os burros, porcos, bodes, galinhas, macacos, etc.

É visível a diferença existente entre os animais fornicários e aqueles que o homem obriga a serem castos. Observem um cavalo de corrida [casto] e um cavalo de carga; entre um touro de lida e outro reprodutor; até os pequenos animais, como os ratos - tremendamente passionários - seu aspecto sempre é repugnante. O mesmo acontece com o homem fornicário, que sente necessidade de ocultar seus odores com desodorantes e perfumes. Mas, quando o homem se torna casto, puro e santo em palavras, pensamentos e obras, recupera a sua infância [inocência], e seu corpo se torna belo e sua atmosfera não exala podridões.

Como fazer a educação pré-natal? Isso é possível nos casais que praticam a castidade, ou seja, aqueles casais que decidiram não perder mais a sua semente na displicência e no prazer passageiro. Quando querem ter um filho pedem aos Céus para serem assistidos na concepção de um novo ser. Depois, seguem vivendo alegres e felizes em atitude permanente de amor, aproveitando as épocas em que a natureza é mais favorável à concepção, como fazem os agricultores para semear seus campos. Valem-se do processo alquímico para a união sexual, a qual permite que um espermatozóide fortalecido e vigoroso fecunde um óvulo, igualmente melhorado por essa prática. Com isso dá-se uma concepção divina.

Uma vez que a mulher perceba que está grávida, aparta-se do marido, ou seja, interrompe a vida sexual. O homem, disciplinado por esta mesma prática, mantém-se em continência facilmente, porque está carregado de graça e de poder. E por todos os meios possíveis, torna agradável a vida de sua parceira, para que ela se mantenha tranqüila e feliz, porque tudo isso influencia o feto em gestação.

Então, se essas pequenas coisas já afetam a gravidez, imagine-se, portanto, como e quanto uma união sexual libidinosa, que todo mundo

pratica por falta de orientação, irá afetar a mente do futuro bebê... Isso é a causa de muitas crianças, desde cedo, sentirem intensas paixões, a ponto de fazerem enrubescer suas mães de forma escandalosa.

A mãe sabe que está dando vida a um novo ser, o qual está guardado em seu próprio templo vivo [corpo] como uma preciosa jóia. As orações e pensamentos positivos lhe dão belas formas que o enaltecerão quando, depois, em vida. Então vem o parto, que geralmente transcorre sem dor, em forma simples e natural para glória dos pais. Após o parto, o casal espera um período de 40 dias para que o útero que serviu de berço à criança retorne ao seu lugar e tamanho normal. Ao mesmo tempo, o marido brinda à sua esposa um ambiente amoroso e carinhoso, sem paixões bestiais que afetam o corpo da mulher que se vê com os condutos dos seios obstruídos, impedindo assim que o precioso líquido [leite] amamente o bebê como é devido.

A mulher que praticar estas orientações verá que desaparece o problema de ter que operar os seios devido às obstruções dos condutos mamários. Onde há castidade, há amor e obediência. Os filhos crescem em forma normal e o mal desaparece. Assim, começa esta Educação Fundamental para a preparação da personalidade do novo ser que irá à escola, pronto para seguir a educação que lhe permitirá conviver em sociedade e, mais tarde, ganhar o seu sustento diário por si próprio.

Nos primeiros sete anos de vida se forma a personalidade. Portanto, esses anos são tão importantes quanto aqueles meses de gestação. O que se espera de uma pessoa gerada e educada dessa maneira é algo que a humanidade nem suspeita.

A inteligência é um atributo do Ser; precisamos conhecer o Ser. O ego não pode conhecer a verdade porque a verdade não pertence ao tempo; o ego, sim, pertence ao tempo!

O medo e o temor prejudicam a livre iniciativa. A iniciativa é criadora; o temor é destrutivo.

A tudo analisando e meditando despertamos a consciência adormecida.

A verdade é o desconhecido de momento a momento; a verdade nada tem a ver com aquilo que alguém acredita ou não acredita.

A verdade é algo a ser experimentado, vivenciado e compreendido.

A LIVRE INICIATIVA



Milhares de estudantes, em todos os países do mundo, vão diariamente à escola e à universidade de forma inconsciente, automática, subjetiva, sem saber por que, nem para que.

Ali, os estudantes são obrigados a estudar matemática, física, química, geografia, etc.

A mente dos estudantes está recebendo informação diariamente, mas eles jamais na vida se detêm um momento para pensar no porquê dessa informação ou no objetivo dessa informação.

Por que nos enchemos dessa informação? Para que nos enchemos dessa informação?

Os estudantes vivem uma vida mecânica, e só sabem que têm de receber informação intelectual e conservá-la armazenada na memória infiel, isso é tudo.

Aos estudantes jamais ocorre pensar sobre o que é realmente essa educação. Vão à escola, ao colégio ou à universidade porque seus pais mandaram, isso é tudo.

Não ocorre aos estudantes, nem aos professores ou professoras, alguma vez perguntar a si mesmos: Por que estou aqui? Que vim fazer aqui? Qual é realmente o verdadeiro e secreto motivo que me traz aqui?

Professores, professoras e estudantes em geral vivem com a consciência adormecida; agem como verdadeiros autômatos; vão à escola, ao colégio e à universidade de forma inconsciente, subjetiva, sem saber realmente nada do por que ou do para que.

É necessário deixar de ser autômato, despertar a consciência, descobrir por si mesmo o que é essa luta tão terrível para passar nos exames, para estudar, para viver em determinado lugar estudando diariamente, para passar de ano sofrendo sustos, angústias, preocupações; para praticar esportes, para brigar com os companheiros de escola, etc.

Os professores e professoras precisam se tornar mais conscientes, a fim de cooperar na escola, no colégio ou na universidade, ajudando os estudantes a despertar consciência.

É lamentável ver tantos autômatos sentados nos bancos das escolas, colégios e universidades, recebendo informações que devem conservar na memória, sem saber por que nem para que.

Os rapazes só se preocupam em passar de ano. É dito a eles que devem se preparar para ganhar a vida, para conseguir emprego, etc. E eles estudam formando mil fantasias na mente com respeito ao futuro, sem conhecer realmente o presente, e sem saber o verdadeiro motivo pelo qual devem estudar física, química, biologia, aritmética, geografia, etc.

As mocinhas de hoje estudam para ter a preparação que lhes permita conseguir um bom marido ou para ganhar a vida, estando devidamente preparadas para o caso de o marido as abandonar ou que fiquem viúvas ou solteiras.

Puras fantasias da mente, porque elas não sabem realmente qual haverá de ser seu futuro, nem em que idade morrerão.

A vida na escola é muito vaga, incoerente, subjetiva... Muitas vezes faz-se com que a criança aprenda certas matérias que na vida prática não servem para nada.

Hoje em dia, na escola, o importante é passar de ano, e isso é tudo. Em outros tempos havia pelo menos um pouco mais de ética nessas coisas. Agora, não há mais tal ética. Os pais podem subornar sigilosamente o professor ou a professora, e o rapaz ou a moça, ainda que seja um péssimo estudante, passará de ano inevitavelmente.

Há moças na escola que costumam fazer certos favores ao professor com o propósito de passar de ano; o resultado é maravilhoso, ainda que não tenham compreendido nada do que foi ensinado. De qualquer maneira, saem-se bem nos exames e passam de ano.

Há rapazes e moças prontos para passar de ano. Simples questão de esperteza em muitos casos.

Se um aluno passa vitorioso por certo exame (algum estúpido exame), isso não indica que tenha consciência objetiva verdadeira sobre aquela matéria na qual foi examinado.

O estudante repete como papagaio, de forma mecânica, aquela matéria que estudou e na qual foi examinado.

Isso não é estar autoconsciente daquela matéria. Isso é memorizar e repetir como um papagaio ou uma caturrita o que aprendeu. Isso é tudo.

Passar nos exames, passar de ano, não significa ser inteligente. Temos conhecido pessoas inteligentes na vida prática que na escola jamais se saíram bem nos exames.

Conhecemos magníficos escritores e grandes matemáticos que na escola foram péssimos estudantes e jamais passaram bem nos exames de gramática e matemática.

Sabemos do caso de um estudante, péssimo em anatomia, e que só depois de muito sofrer conseguiu vencer os exames de anatomia. Hoje, tal estudante, é autor de uma grande obra sobre anatomia.

Passar de ano não significa necessariamente ser inteligente. Há pessoas que jamais passaram bem de ano e que são muito inteligentes.

Há algo mais importante do que passar de ano e de estudar certas matérias: é preciso ter plena consciência objetiva, clara e luminosa, daquelas matérias que estuda.

Os professores e professoras devem se esforçar para ajudar os estudantes a despertar sua consciência. Todo o esforço dos professores deve ser dirigido à consciência dos estudantes.

É urgente que os estudantes se façam plenamente autoconscientes daquelas matérias que estudam.

Aprender de memória, aprender como papagaio, é simplesmente estúpido, no sentido mais completo da palavra.

Os estudantes vêm-se obrigados a estudar difíceis matérias e a armazená-las na memória para passar de ano. Depois, na vida prática, tais matérias não só se tornam inúteis como ainda são esquecidas, porque a memória é infiel.

Os rapazes estudam com o propósito de conseguir emprego e ganhar a vida. Mais tarde, se têm a sorte de conseguir tal emprego ou de se tornarem profissionais, médicos, advogados, etc., a única coisa que conseguem fazer é repetir a mesma história de sempre: casam, sofrem, têm filhos e morrem sem terem despertado a consciência; morrem sem terem tido consciência de sua própria vida. Isso é tudo.

As moças se casam, formam seus lares, têm filhos, brigam com os vizinhos, com o marido, com os filhos, divorciam-se, voltam a se casar, enviúvam, envelhecem e, por fim, morrem, depois de terem vivido adormecidas, inconscientes, repetindo como sempre o mesmo drama doloroso da existência.

Os professores e as professoras não querem se dar conta cabal de que todos os seres humanos têm a consciência adormecida. É urgente que os professores também despertem, para que possam despertar os alunos.

De nada serve encher a cabeça de teorias e mais teorias, citar Dante, Homero, Virgílio, etc., se temos a consciência adormecida, se não temos consciência objetiva, clara e perfeita de nós mesmos, das matérias que estudamos e da vida prática.

De que serve a educação se não nos tornamos criativos, conscientes e inteligentes de verdade?

A verdadeira educação não consiste em saber ler e escrever. Qualquer mentecapto, qualquer tonto pode aprender a ler e escrever.

Precisamos ser inteligentes, e a inteligência só desperta em nós quando a consciência desperta.

A humanidade tem 97% de subconsciência e 3% de consciência.

Precisamos despertar a consciência, precisamos converter o subconsciente em consciente. Precisamos ter cem por cento de consciência.

O ser humano não só sonha quando seu corpo físico dorme, mas também sonha quando seu corpo físico não dorme, quando está em estado de vigília.

É necessário deixar de sonhar, é necessário despertar a consciência, e esse processo do despertar deve começar desde o lar e desde a escola.

O esforço dos professores deve ser dirigido à consciência dos estudantes, e não unicamente à memória.

Os estudantes devem aprender a pensar por si mesmos, e não apenas a repetir como papagaios as teorias alheias.

Os professores precisam lutar para acabar com o medo dos estudantes.

Os professores devem permitir aos estudantes a liberdade de discordar e criticar de forma sadia e construtiva todas as teorias que estudam.

É absurdo obrigá-los a aceitar de forma dogmática todas as teorias que são ensinadas na escola, no colégio ou na universidade.

É preciso que os estudantes percam o medo para que aprendam a pensar por si mesmos. É urgente que os estudantes percam o medo, para que possam analisar as teorias que estudam.

O medo é uma das barreiras para a inteligência. O estudante com medo não se atreve a discordar e aceita como artigo de fé cega tudo o que disseram os diferentes autores.

De nada serve que os professores falem de intrepidez se eles mesmos têm medo. Os professores têm de estar livres do temor. Aqueles que temem a crítica, que temem o que dirão, etc. não podem ser verdadeiramente inteligentes.

O verdadeiro objetivo da educação deve ser acabar com o medo e despertar a consciência.

De que serve passar nos exames se continuamos medrosos e inconscientes?

Os professores têm o dever de ajudar os alunos desde os bancos da escola, para que sejam úteis na vida, mas enquanto existir o medo ninguém poderá ser útil na vida.

A pessoa cheia de temor não se atreve a discordar da opinião alheia.

A pessoa cheia de temor não pode ter livre iniciativa.

Evidentemente, é função de todo professor ajudar a todos e a cada um dos alunos de sua escola a estarem completamente livres do medo, a fim de que possam agir de forma espontânea, sem necessidade de indicar ou mandar.

É urgente que os estudantes percam o medo, para que possam ter livre iniciativa, iniciativa espontânea e criadora.

Quando os estudantes, por iniciativa própria, livre e espontânea, puderem analisar e criticar as teorias que estudam, deixarão de ser meros entes mecânicos, subjetivos e estúpidos.

É urgente que exista a livre iniciativa, para que surja a inteligência criadora nos alunos e alunas.

É necessário dar liberdade de expressão criadora, espontânea e sem condicionamento de espécie alguma, a todos os alunos e alunas, a fim de que possam se fazer conscientes daquilo que estudam.

O livre poder criativo só pode se manifestar quando não temos medo da crítica, do que dirão a respeito, da fêrula do professor, das réguas, etc.

O medo e o dogmatismo degeneraram a mente humana. Faz-se urgente regenerá-la mediante a livre iniciativa, iniciativa livre de medos...

Precisamos nos tornar conscientes de nossa própria vida, e esse processo do despertar deve começar nos próprios bancos da escola.

De pouco nos servirá a escola se dela sairmos inconscientes e adormecidos.

A abolição do medo e a livre iniciativa darão origem à ação espontânea e pura.

Por livre iniciativa, os alunos e alunas, em todas as escolas, deveriam ter direito a discutir em assembléia todas as teorias que estão estudando.

Somente assim, mediante a libertação do temor e com liberdade para discutir, analisar, meditar e criticar sadiamente o que estamos estudando, é que poderemos nos tornar conscientes dessas matérias e não meramente papagaios ou caturritas que repetem o que acumulam na memória.

Capítulo 2 A IMITAÇÃO



Já foi totalmente demonstrado que o medo impede a livre iniciativa. Sem dúvida, a má situação econômica de milhões de pessoas se deve a isso que se chama medo.

A criança amedrontada busca sua querida mãezinha e se apegua a ela querendo segurança. O esposo amedrontado se apegua à esposa e sente que a ama muito mais. A esposa atemorizada procura seu marido e seus filhos e sente que os ama muito mais.

Do ponto de vista psicológico torna-se curioso e interessante saber que o temor costuma às vezes se disfarçar com a roupagem do amor.

As pessoas que internamente têm poucos valores espirituais, as pessoas internamente pobres, sempre buscam fora de si algo para se completarem.

As pessoas pobres internamente vivem sempre em intrigas, sempre às voltas com tolices, prazeres animais, etc.

As pessoas pobres internamente vivem de temor em temor. Como é natural, apegam-se ao marido, à mulher, aos pais, aos filhos, às velhas tradições caducas e degeneradas, etc.

Todo velho, doente e pobre psicologicamente, em geral é cheio de medo e se aferra com ânsia infinita ao dinheiro, às tradições da família, aos netos, às recordações, etc., como que buscando segurança. Isso é algo que podemos evidenciar observando cuidadosamente os anciões.

Sempre que alguém sente medo, esconde-se atrás do escudo protetor da respeitabilidade, seguindo uma tradição, seja de raça, de família, de nação, etc.

Realmente, toda tradição é uma mera repetição sem sentido algum, oca, sem valor verdadeiro...

Todas as pessoas têm uma marcada tendência a imitar o outro. Isso de imitar é produto do medo.

As pessoas com medo imitam todos aqueles a quem se apegam. Imitam o marido, a esposa, os filhos, os irmãos, os amigos que os protegem, etc.

A imitação é o resultado do medo. A imitação destrói totalmente a livre iniciativa.

Nas escolas, colégios e universidades os professores e professoras cometem o erro de ensinar aos estudantes, homens e mulheres, isso que se chama imitação.

Nas aulas de pintura e desenho se ensina os alunos a copiar imagens de árvores, montanhas, casas, animais, etc. Isso não é criar; isso é imitar, fotografar.

Criar não é imitar. Criar não é fotografar. Criar é traduzir, transmitir com o pincel e ao vivo a árvore que nos encanta, o belo pôr do sol, o amanhecer com suas inefáveis melodias, etc.

Há verdadeira criação na arte chinesa e japonesa do zen, na arte abstrata e semi-abstrata...

Qualquer pintor chinês do *chan* e do *zen* não se interessa por imitar, fotografar.

Os pintores da China e do Japão se alegram criando e tornando novamente a criar.

Os pintores do *zen* e do *chan* não imitam; eles criam. Esse é o seu trabalho.

Os pintores da China e do Japão não se interessam em pintar ou fotografar uma bela mulher; eles desfrutam transmitindo sua beleza abstrata.

Os pintores da China e do Japão não imitariam jamais um belo ocaso; eles se enlevam transmitindo em beleza abstrata todo o encanto do pôr do sol.

O importante não é imitar, copiar em negro ou em branco; o importante é sentir o profundo significado da beleza e sabê-la transmitir. Mas para isso é necessário que não haja medo, apego às regras, à tradição, o temor ao que dirão ou à régua do professor.

É urgente que os professores e professoras compreendam a necessidade de que os alunos desenvolvam o poder criador.

Sob todas as luzes é absurdo ensinar os estudantes a imitar. É melhor ensiná-los a criar.

Infelizmente, o ser humano é um autômato adormecido, inconsciente, que só sabe imitar.

Imitamos a roupa alheia e dessa imitação saem as diversas correntes da moda.

Imitamos os costumes alheios mesmo quando eles são bem equivocados.

Imitamos os vícios, imitamos tudo que é absurdo ou isso que sempre vive se repetindo no tempo, etc.

É preciso que os professores e professoras das escolas ensinem os estudantes a pensarem por si mesmos, de forma independente.

Os professores devem oferecer aos estudantes todas as possibilidades para que deixem de ser autômatos imitadores.

Os professores devem facilitar aos estudantes melhores oportunidades para que eles desenvolvam o poder criador.

É urgente que os estudantes conheçam a verdadeira liberdade, para que, sem temor algum, possam aprender a pensar por si mesmos, livremente.

A mente que vive escrava da opinião alheia, a mente que imita por temor de violar as tradições, as regras e os costumes, não é uma mente criadora, não é uma mente livre.

A mente das pessoas é como uma casa fechada e selada com sete selos. Uma casa onde nada de novo pode ocorrer, uma casa onde não entra o sol, uma casa onde só reina a morte e a dor.

O novo só pode ocorrer onde não há medo, onde não existe imitação, onde não existe apego às coisas, ao dinheiro, às pessoas, às tradições e aos costumes.

As pessoas vivem escravas da intriga, da inveja, dos costumes familiares, dos hábitos, do insaciável desejo de ganhar posições, escalar, subir ou chegar ao topo da escada social, etc.

É urgente que os professores e professoras ensinem aos seus estudantes, homens e mulheres, a necessidade de não imitar toda essa ordem caduca e degenerada de coisas velhas.

É urgente que os alunos aprendam na escola a criar, a pensar e a sentir livremente.

Os alunos e alunas passam o melhor de sua vida na escola adquirindo informação e, no entanto, não lhes sobra tempo para pensar em todas essas coisas.

Dez ou quinze anos na escola, vivendo vida de autômatos inconscientes, saem da escola com a consciência adormecida. Mas se julgam muito despertos.

A mente do ser humano vive engarrafada em idéias conservadoras e reacionárias.

O ser humano não consegue pensar com verdadeira liberdade porque está cheio de medo.

O ser humano tem medo da vida, medo da morte, medo do que dirão, do disse que disse, da intriga, da perda do emprego, de violar os regulamentos, de que alguém lhe tire o esposo ou a esposa, etc.

Na escola somos ensinados a imitar e saímos da escola convertidos em imitadores.

Não temos livre iniciativa porque desde os bancos escolares nos ensinaram a imitar.

As pessoas imitam por medo do que os outros possam falar. Os alunos e alunas imitam devido a que os professores os mantêm realmente aterrorizados. Ameaçam-nos a todo instante com uma nota ruim, com determinados castigos, com expulsão, etc.

Se realmente queremos nos tornar criadores, no mais completo sentido da palavra, devemos nos fazer conscientes de toda essa série de imitações que nos mantêm presos, infelizmente.

Quando já formos capazes de conhecer toda a série de imitações, quando já tivermos analisado detidamente cada uma delas, nos torna-

mos conscientes delas, e como consequência lógica nascerá em nós, de forma espontânea, o poder de criar.

É necessário que os alunos e alunas das escolas, colégios e universidades se libertem de toda imitação, a fim de que se tornem criadores de verdade.

Equivocam-se os professores e professoras que supõem que os alunos e alunas precisam imitar para aprender. Quem imita não aprende. Quem imita se converte num autômato. Isso é tudo!

Não se trata de imitar o que disseram os autores de geografia, física, aritmética, história, etc.

Imitar, memorizar ou repetir como caturrita ou papagaio é estúpido. Melhor é compreender conscientemente o que está estudando.

A Educação Fundamental é a ciência da consciência, a ciência que permite descobrir a nossa relação com os seres humanos, com a natureza e com todas as coisas.

A mente que só sabe imitar é mecânica; é uma máquina que funciona, mas não é criadora; não é capaz de criar; não pensa realmente, apenas repete. Isso é tudo.

Os professores e professoras devem se ocupar com o despertar da consciência de cada estudante.

Os alunos e alunas só se preocupam em passar de ano, e depois, já fora da escola, na vida prática, convertem-se em funcionários de escritório ou maquininhas de fazer filhos.

Dez ou quinze anos de estudos para sair da escola transformado em autômato falante...

As matérias estudadas vão sendo esquecidas pouco a pouco e, por fim, não resta nada na memória.

Se os estudantes fizessem consciência das matérias estudadas, se seu estudo não se baseasse unicamente na informação, na imitação e na memória, outro galo lhes anunciaria um novo dia. Sairiam da escola com conhecimentos conscientes, inesquecíveis, completos, os quais não estariam submetidos à infiel memória.

A Educação Fundamental ajudará os estudantes, despertando-lhes a consciência e a inteligência.

A Educação Fundamental leva os jovens pelo caminho da verdadeira revolução.

Os alunos e alunas devem insistir para que os professores lhes dêem a verdadeira educação, a Educação Fundamental.

Não é suficiente que os alunos e alunas fiquem sentados nos bancos escolares para receber informação de algum rei ou de alguma guerra.

Necessita-se algo mais; necessita-se de Educação Fundamental para despertar a consciência.

É urgente que os alunos saiam da escola maduros, conscientes de verdade, inteligentes, para que não se convertam em simples peças mecânicas da maquinaria social.

Capítulo 3

AS AUTORIDADES



O governo possui autoridade, o estado possui autoridade. A polícia, a lei, o soldado, os pais de família, os professores, os guias religiosos, etc., todos possuem autoridade.

Existem dois tipos de autoridade:

Autoridade subconsciente.

Autoridade consciente.

As autoridades inconscientes ou subscientes não servem para nada. Necessitamos com urgência de autoridades autoconscientes.

As autoridades inconscientes ou subscientes têm enchido o mundo de lágrimas e de dor.

No lar e na escola, as autoridades inconscientes abusam de seu poder, pelo próprio fato de serem inconscientes ou subscientes.

Os pais e professores inconscientes hoje em dia são apenas cegos guias de cegos, e como dizem as Sagradas Escrituras, irão todos despencar de cabeça no abismo.

Pais e professores inconscientes nos obrigam durante a infância a fazer coisas absurdas, mas que para eles são lógicas, e ainda dizem que é para o nosso bem.

Os pais de família são autoridades inconscientes, como bem demonstra o fato de tratarem seus filhos como retardados e como se eles [pais] fossem seres superiores da espécie humana.

Os professores e professoras terminam odiando determinados alunos ou alunas e mimando ou favorecendo outros. Às vezes, castigam severamente qualquer estudante odiado, ainda que este último não seja perverso, e recompensam com magníficas notas muitos alunos mimados que não merecem.

Pais de família e professores de escola ditam normas equivocadas para os meninos, meninas, jovens, senhoritas, etc.

As autoridades que não têm autoconsciência só conseguem fazer coisas absurdas.

Necessitamos de autoridades autoconscientes. Entende-se por autoconsciência o conhecimento íntegro de si mesmo, o total conhecimento de todos os valores internos.

Só aquele que realmente possui pleno conhecimento de si mesmo está desperto de forma íntegra. Isso é ser autoconsciente.

Todo mundo pensa que se autoconhece, porém é muito difícil achar na vida alguém que realmente conheça a si mesmo. As pessoas têm conceitos totalmente equivocados sobre si mesmas.

Conhecer a si mesmo requer grandes e terríveis auto-esforços. Só mediante o conhecimento de si mesmo se chega verdadeiramente à autoconsciência.

O abuso de autoridade deve-se à inconsciência. Nenhuma autoridade autoconsciente chegaria jamais ao abuso de poder.

Alguns filósofos são contra qualquer tipo de autoridade; detestam as autoridades. Semelhante forma de pensar é falsa, porque em toda a Criação, desde o micróbio até o sol, há escalas e escalas, graus e graus, forças superiores que controlam e dirigem, e forças inferiores que são controladas e dirigidas.

Em uma simples colméia de abelhas há autoridade na rainha. Em qualquer formigueiro há leis e autoridade. A destruição do princípio de autoridade conduz à anarquia.

As autoridades desta época crítica em que vivemos são inconscientes; é claro que devido a esse fato psicológico, escravizam, prendem, abusam, causam dor, etc.

Precisamos de professores, instrutores ou guias espirituais, autoridades governamentais, pais de família, etc. plenamente autoconscientes. Só assim conseguiremos fazer de verdade um mundo melhor.

É estúpido dizer que não se precisa de professores e guias espirituais.

É absurdo desconhecer o princípio de autoridade em toda a Criação.

Aqueles que são auto-suficientes, orgulhosos, opinam que os professores e guias espirituais não são necessários.

Devemos reconhecer nossa própria nulidade e miséria. Devemos compreender que precisamos de autoridades: Mestres, instrutores espirituais, etc., mas autoconscientes, a fim de que sejamos dirigidos, ajudados e guiados sabiamente.

A autoridade inconsciente dos professores destrói o poder criador dos alunos e alunas. Se o aluno pinta, o professor inconsciente lhe diz o que deve pintar: a árvore ou a paisagem que deve copiar.

O aluno, aterrorizado, não se atreve a sair das normas mecânicas do professor. Isso não é criar.

É preciso que o estudante se torne criador e que seja capaz de sair das normas inconscientes do professor inconsciente, a fim de que possa transmitir tudo aquilo que sente em relação à árvore, todo o encanto da vida que circula pelas folhas trêmulas da árvore, todo o seu profundo significado.

Um professor consciente não se oporia à criatividade libertadora do espírito.

Os professores com autoridade consciente jamais mutilam a mente dos alunos e alunas.

Os professores inconscientes destroem com sua autoridade a mente e a inteligência dos alunos e alunas.

Os professores com autoridade inconsciente só sabem castigar e ditar normas estúpidas para que os alunos se comportem bem.

Os professores autoconscientes ensinam seus alunos e alunas com suma paciência, ajudando-os a compreender suas dificuldades individuais, a fim de que, as compreendendo, possam transcender todos seus erros e avançar com sucesso.

A autoridade consciente ou autoconsciente jamais destruiria a inteligência.

A autoridade inconsciente destrói a inteligência causando graves danos aos alunos e alunas.

A inteligência só vem a nós quando gozamos de verdadeira liberdade, e os professores com autoridade autoconsciente sabem de verdade respeitar a liberdade criadora.

Os professores inconscientes crêem que sabem tudo e atropelam a liberdade dos estudantes, castrando-lhes a inteligência com suas normas sem vida.

Os professores autoconscientes sabem que não sabem e até se dão ao luxo de aprender observando as capacidades criadoras de seus discípulos.

É preciso que os estudantes das escolas, colégios e universidades passem da simples condição de autômatos disciplinados à brilhante posição de seres inteligentes e livres para que possam fazer frente, com todo êxito, a todas as dificuldades da existência.

Isso requer professores autoconscientes, competentes, que realmente se interessem por seus discípulos. Professores que sejam bem pagos, para que não tenham angústias monetárias de espécie alguma.

Infelizmente, todo professor, todo pai de família, todo aluno se crê autoconsciente, desperto; esse é o seu maior erro.

É muito raro achar uma pessoa autoconsciente e desperta na vida.

As pessoas sonham quando o corpo dorme e sonham quando o corpo está em estado de vigília.

As pessoas dirigem o carro sonhando; trabalham sonhando; andam pelas ruas sonhando; vivem sonhando a toda hora.

É muito natural que um professor se esqueça do guarda-chuva, que deixe no carro um livro ou sua carteira. Tudo isso acontece porque o professor tem a consciência adormecida, sonha...

É muito difícil que as pessoas aceitem que estejam adormecidas. Todo mundo se julga desperto. Se alguém aceitasse que tem sua consciência adormecida é claro que a partir desse momento começaria a despertar.

O aluno ou aluna esquece em casa o livro ou caderno que teria de levar à escola; esse esquecimento parece normal, e é, mas indica e mostra o estado de sonho em que se acha a consciência humana.

Os passageiros de qualquer serviço de transporte urbano costumam às vezes passar da rua que deveriam descer. Estavam adormecidos e

quando se acordam percebem que passaram da rua e agora têm que voltar a pé umas quantas quadras.

Rara vez na vida o ser humano está desperto realmente. Quando estive em estado desperto, ao menos por um momento, como nos casos de infinito terror, pôde perceber a si mesmo de forma íntegra. Aqueles momentos foram inesquecíveis.

O homem que volta para casa, depois de ter percorrido toda a cidade, dificilmente se lembrará de forma minuciosa de todos os pensamentos, incidentes, pessoas, coisas, idéias, etc.

Ao tratar de se lembrar encontrará em sua memória grandes vazios que correspondem precisamente aos estados de sono mais profundos.

Alguns estudantes de psicologia se propuseram a viver alertas de momento a momento, porém logo dormiram. Talvez ao encontrar algum amigo na rua, ao entrar em alguma loja para fazer compras, etc.

Horas mais tarde se lembraram da decisão de viver alertas e despertos de momento a momento, e aí se deram conta que haviam dormido quando entraram em tal ou qual lugar ou quando se encontraram com tal ou qual pessoa.

Ser autoconsciente é algo muito difícil, mas pode-se chegar a este estado aprendendo a viver alerta e vigilante de momento a momento.

Se quisermos chegar à autoconsciência temos que conhecer a nós mesmos de forma integral.

Todos nós temos o eu, o mim mesmo, o ego, que precisamos explorar para conhecer e para nos tornarmos autoconscientes.

É urgente observar, analisar e compreender cada um dos nossos defeitos.

É necessário estudar a nós mesmos no terreno da mente, das emoções, dos hábitos, do instinto e do sexo.

A mente tem muitos níveis, regiões ou departamentos subconscientes que devemos conhecer a fundo através da observação, da análise, da meditação e da profunda compreensão íntima.

Qualquer defeito pode desaparecer da região intelectual e continuar existindo em outros níveis inconscientes da mente.

A primeira coisa que precisamos é despertar, para então compreender nossa própria miséria, nulidade e dor. Depois, o eu começa a morrer de momento a momento. A morte do Eu Psicológico é urgente.

Só com a morte do Ego nasce o Ser verdadeiramente consciente em nós. Apenas o Ser pode exercer verdadeira autoridade consciente.

Despertar, morrer e nascer são as três fases psicológicas que nos levam à verdadeira existência consciente.

Há que se despertar para morrer e há que se morrer para nascer. Quem morre [em si mesmo] sem haver despertado [a consciência] se converte em um santo estúpido. Quem nasce [alquimicamente] sem haver morrido [psicologicamente] se converte em um indivíduo de dupla personalidade: muito justa e muito perversa ao mesmo tempo.

O exercício da verdadeira autoridade só pode ser exercido por aqueles que possuem o Ser consciente.

Aqueles que ainda não possuem o Ser consciente, aqueles que ainda não são autoconscientes, costumam abusar de sua autoridade e causar muitos danos.

Os professores devem aprender a mandar e os alunos devem aprender a obedecer.

Aqueles psicólogos que se pronunciam contra a obediência estão de fato muito equivocados, porque ninguém pode mandar conscientemente sem antes ter aprendido a obedecer.

Há que se saber mandar conscientemente e há que se saber obedecer conscientemente.

Capítulo 4

A DISCIPLINA



Os professores de escolas, colégios e universidades dão muita importância à disciplina e nós devemos estudá-la detidamente neste capítulo.

Todos nós que passamos por escolas, colégios e universidades sabemos bem o que é a disciplina: regras, palmatórias, repreensões, etc.

Disciplina é isso que se chama cultivo da resistência. Os professores de escola ficam encantados em cultivar a resistência.

Ensinam-nos a resistir, a erguer algo contra alguma coisa. Ensinam-nos a resistir às tentações da carne, a nos açoitarmos e a fazermos penitência para resistir.

Ensinam-nos a resistir às tentações que traz a preguiça: tentações para não estudar, para não ir à escola, e a brincar, rir, zombar dos professores, violar os regulamentos, etc.

Os professores e professoras têm o conceito equivocado de que mediante a disciplina poderemos compreender a necessidade de respeitar a ordem da escola, a necessidade de estudar, de guardar compostura diante deles, de nos comportarmos bem com os demais alunos, etc.

Existe entre as pessoas o conceito equivocado de que quanto mais resistirmos, quanto mais repelirmos, mais nos tornaremos compreensíveis, livres, plenos e vitoriosos. Não querem se dar conta de que quanto mais lutarmos contra alguma coisa, quanto mais a repelirmos, quanto mais resistirmos a ela, menor será a compreensão.

Se lutamos contra o vício da bebida, este desaparecerá por um tempo, mas como não o compreendemos a fundo, em todos os níveis da mente, ele retornará mais tarde, quando nos descuidarmos da guarda, e beberemos numa vez por todo o ano.

Se repelirmos o vício da fornicação, por um tempo seremos aparentemente bem castos, porém em outros níveis da mente continuaremos sendo espantosos sátiros, como bem podem demonstrar os sonhos eróticos e as poluições noturnas.

Depois, voltamos com mais força às nossas antigas andanças de fornicários irredentos, devido ao fato concreto de não termos compreendido a fundo o que é a fornicação.

Muitos são os que rechaçam a cobiça, os que lutam contra ela, os que se disciplinam contra ela seguindo determinadas normas de conduta. Mas, como não compreenderam de verdade todo o processo da cobiça, terminam no fundo cobiçando não ser cobiçosos.

Muitos são os que se disciplinam contra a ira, os que aprendem a resisti-la, mas ela continua existindo em outros níveis da mente subconsciente, mesmo quando aparentemente tenha desaparecido de nosso caráter. Ao menor descuido, o subconsciente nos atraiçoa e tropejamos e relampejamos cheios de ira, quando menos esperamos e talvez por algum motivo sem a menor importância.

São muitos os que se disciplinam contra o ciúme e por fim crêem firmemente que o extinguiram. Mas, como não o compreenderam, é claro que aparece novamente em cena, justamente quando já o julgávamos bem morto.

Só com plena ausência de disciplinas, só em liberdade autêntica, surge na mente a ardente labareda da compreensão.

A liberdade criadora não pode existir jamais dentro de uma armadura. Precisamos de liberdade para compreender nossos defeitos psicológicos de forma integral. Precisamos com urgência derrubar muros e romper grilhões de aço para sermos livres.

Temos que experimentar por nós mesmos tudo aquilo que os professores na escola e os pais em casa disseram que é bom e útil. Não basta aprender de memória e imitar. Necessitamos compreender.

Todo o esforço dos professores e professoras deve ser dirigido à consciência dos alunos. Devem se esforçar para que eles entrem no caminho da compreensão.

Não é suficiente dizer aos alunos que devem ser isto ou aquilo. É preciso que os alunos aprendam a ser livres para que possam por si mesmos examinar, estudar e analisar todos os valores, todas as coisas que lhes dizem ser boas, úteis, nobres; não basta meramente aceitá-las e imitá-las.

As pessoas não querem descobrir por si mesmas; têm a mente fechada; mente que não quer indagar; mente mecânica que jamais indaga e que só imita.

É necessário, urgente e indispensável que os alunos e alunas, desde a mais tenra idade até o momento de abandonar as aulas, gozem de verdadeira liberdade para descobrir por si próprios, para inquirir, para compreender, a fim de não ficarem limitados pelos abjetos muros das proibições, censuras e disciplinas.

Se aos alunos se diz o que devem e o que não devem fazer e não se lhes permite compreender e experimentar, onde então está a sua inteligência? Qual foi a oportunidade dada à inteligência?

Para que serve passar em exames, se vestir bem, ter muitos amigos, etc., se não somos inteligentes?

A inteligência só virá a nós quando formos verdadeiramente livres para investigar por nós mesmos, para compreender, para

analisar independentemente, sem temor à censura e sem o castigo das disciplinas.

Os estudantes medrosos, assustados, submetidos a terríveis disciplinas, jamais poderão saber. Jamais poderão ser inteligentes.

Hoje em dia, a única coisa que interessa aos pais de família e aos professores é que os alunos façam uma carreira, que se tornem médicos, advogados, engenheiros, contadores, etc., isto é, autômatos viventes. Que depois se casem e se convertam em máquinas de fazer bebês. Isso é tudo!

Quando um rapaz ou uma moça quer fazer alguma coisa nova, diferente, quando sente a necessidade de sair dessa armadura de preconceitos, hábitos antiquados, regras, tradições familiares, nacionais, etc., os pais de família apertam mais os grilhões da prisão e dizem ao rapaz ou à moça: “não faça isso, não estamos dispostos a te apoiar nisso! Essas coisas são loucuras”, etc.

Conclusão: o rapaz ou a garota ficam formalmente presos no cárcere das disciplinas, tradições, costumes antiquados, idéias decrépitas, etc.

A Educação Fundamental ensina a conciliar a ordem com a liberdade.

A ordem sem liberdade é tirania. A liberdade sem ordem é anarquia. Liberdade e ordem sabiamente combinadas constituem a base da Educação Fundamental.

Os alunos devem gozar de perfeita liberdade para averiguarem por si mesmos, para inquirirem, para descobrirem o que há realmente de certo nas coisas e aquilo que podem fazer na vida.

Os alunos e alunas, os soldados e os policiais e, em geral, todas as pessoas que têm de viver submetidas a rigorosas disciplinas, costumam se tornar cruéis, insensíveis à dor humana, impiedosas...

A disciplina [inconsciente] destrói a sensibilidade humana e isso já está totalmente demonstrado pela observação e pela experiência.

Devido a tantas disciplinas e regulamentos, as pessoas desta época perderam totalmente a sensibilidade e se tornaram cruéis e impiedosas.

Para sermos verdadeiramente livres temos que ser muito sensíveis e humanitários.

Nas escolas, colégios e universidades ensinam-se aos estudantes que devem prestar atenção durante a aula, e os alunos e as alunas prestam atenção para evitar a censura, o puxão de orelhas, a batida com a régua,

etc. Porém, infelizmente, não se lhes ensina a compreender realmente o que é a atenção consciente.

Por disciplina, o estudante presta atenção e gasta energia criadora muitas vezes de forma inútil.

A energia criadora é o tipo mais sutil de força fabricado pela máquina orgânica.

Nós comemos e bebemos e todos os processos da digestão são, no fundo, processos de transformações sutis, em que as matérias grosseiras se convertem em matérias e forças úteis. A energia criadora é o tipo de matéria e de força mais sutil elaborado pelo organismo.

Se soubermos prestar atenção conscientemente poderemos economizar energia criadora. Infelizmente, os professores e professoras não ensinam aos seus discípulos o que é a atenção consciente.

Para onde quer que dirijamos a atenção, gastamos energia criadora. Poderemos economizar essa energia se dividirmos a atenção, se não nos identificarmos com as coisas, com as pessoas ou com as idéias.

Quando nos identificamos com as pessoas, as coisas ou com as idéias, nos esquecemos de nós mesmos e perdemos energia criadora da forma mais lastimável.

É urgente saber que precisamos economizar a energia criadora para despertar a consciência, e que a energia criadora é o potencial vivo, o veículo da consciência, o instrumento para despertar a consciência.

Quando aprendemos a não nos esquecer de nós mesmos, quando aprendemos a dividir a atenção em sujeito, objeto e lugar, economizamos energia criadora para despertar a consciência.

É preciso aprender a dirigir a atenção para despertar a consciência, mas os alunos e as alunas nada sabem sobre isso porque seus professores e professoras não lhes ensinaram.

Quando aprendemos a usar a atenção conscientemente a disciplina fica sobrando.

O estudante ou a estudante atento em sua classe, à sua lição, em ordem, não precisa de qualquer espécie de disciplina.

É urgente que os professores compreendam a necessidade de conciliar inteligentemente a ordem e a liberdade, e isso só é possível com a atenção consciente.

A atenção consciente exclui isso que se chama identificação. Quando nos identificamos com as pessoas, com as coisas ou com as idéias, vem a fascinação e esta produz o sonho da consciência.

É preciso aprender a prestar atenção sem se identificar. Quando prestamos atenção em algo ou alguém e nos esquecemos de nós mesmos, o resultado é a fascinação e o sonho da consciência.

Observem cuidadosamente alguém que está vendo um filme no cinema. Encontra-se adormecido. Ignora a tudo e a si mesmo, está oco, parece um sonâmbulo. Sonha com o que vê no filme, com o herói da aventura.

Os alunos e alunas devem prestar atenção nas aulas sem se esquecerem de si mesmos, para não caírem no espantoso sonho da consciência.

O aluno deve ver a si mesmo em cena quando estiver prestando exame ou quando estiver no quadro negro por ordem do professor, quando estiver estudando, descansando ou brincando com seus colegas.

A atenção dividida em três partes: sujeito, objeto e lugar, é de fato atenção consciente.

Quando não cometemos o erro de nos identificar com as pessoas, com as coisas ou com as idéias, economizamos energia criadora e nos precipitamos no despertar da consciência.

Quem quiser despertar a consciência nos mundos superiores, deve começar por despertar aqui e agora.

Quando o estudante comete o erro de se identificar com as pessoas, as coisas ou as idéias, quando comete o erro de se esquecer de si mesmo, cai na fascinação e no sonho.

A disciplina não ensina os estudantes a prestar atenção conscientemente. A disciplina é uma verdadeira prisão para a mente.

Os alunos e alunas devem aprender a dirigir a atenção consciente desde os bancos da escola, para que mais tarde, na vida prática, fora da escola, não cometam o erro de se esquecerem de si mesmos.

O homem que se esquece de si mesmo diante de um insultador, identifica-se com ele, fascina-se e cai no sono da inconsciência. Então, fere ou mata e vai para a prisão inevitavelmente.

Aquele que não se deixa fascinar com o insulto, aquele que não se identifica com ele, aquele que não se esquece de si mesmo, aquele que

sabe usar sua atenção conscientemente, seria incapaz de dar valor às palavras do insultador, de feri-lo ou de matá-lo.

Todos os erros que o ser humano comete na vida são devidos a que se esquece de si mesmo, se identifica, fascina-se e cai no sonho.

Melhor seria que para a juventude, para todos os estudantes, fosse ensinado o despertar da consciência em lugar de escravizá-los com tantas disciplinas absurdas.

Capítulo 5

O QUE PENSAR E COMO PENSAR



No lar e na escola, os pais de família e os professores sempre nos dizem o que devemos pensar, mas jamais na vida nos ensinam o como pensar.

Ensinar sobre o que pensar é relativamente fácil. Nossos pais, professores, tutores, autores de livros, etc. são, cada um, ditadores ao seu modo. Cada um deles quer que pensemos em seus ditos, exigências, teorias, preconceitos, etc.

Os ditadores da mente abundam como a erva daninha. Existe por todas as partes uma tendência perversa para escravizar a mente alheia, para engarrafá-la, para obrigá-la a viver dentro de determinadas normas, preconceitos, escolas, etc.

Os milhares e milhões de ditadores da mente jamais quiseram respeitar a liberdade mental de ninguém. Se alguém não pensa como eles pensam, é classificado de perverso, renegado, ignorante, etc.

Todo mundo quer escravizar todo mundo. Todo mundo quer atropelar a liberdade intelectual dos demais. Ninguém quer respeitar a liberdade do pensamento alheio. Cada um se julga judicioso, sábio, maravilhoso, etc. e quer, como é natural, que os outros sejam como ele, que o convertam em modelo e que pensem como ele.

Abusou-se demasiado da mente. Observem os comerciantes e sua propaganda através do jornal, do rádio ou da televisão. A propaganda comercial é feita de forma ditatorial. Compre o sabão tal! Os sapatos tal! Tantos reais! Tantos dólares! Compre agora mesmo! Imediatamente! Não

deixe para amanhã! Tem de ser imediatamente! etc. Só falta dizer que se não obedecermos, nos metem na cadeia ou nos assassinam.

O pai quer meter suas idéias à força na cabeça do filho; na escola, o professor censura, castiga e dá notas baixas se o rapaz ou a moça não aceita suas idéias, expostas ditatorialmente.

Metade da humanidade quer escravizar a mente da outra metade. Essa tendência a escravizar a mente dos demais salta aos olhos quando estudamos as negras páginas da negra história.

Por todas as partes existiram e existem sangrentas ditaduras empenhadas em escravizar os povos. Sangrentas ditaduras que ditam o que a gente deve pensar. Infeliz daquele que tente pensar livremente; inevitavelmente irá para os campos de concentração da Sibéria, para a prisão, para os trabalhos forçados, para a força, o fuzilamento, o exílio, etc.

Tanto os professores e professoras, os pais de família e os livros, não querem ensinar o como pensar.

As pessoas adoram obrigar os outros a pensar de acordo com o que crêem. É claro que com isso cada um se torna um ditador a seu modo. Cada um se julga a última palavra, cada um crê firmemente que todos os outros devem pensar como ele, porque ele é o melhor do melhor...

Pais de família, professores, patrões, etc., censuram e voltam a censurar seus subordinados.

É espantosa essa horrível tendência da humanidade a faltar com o respeito aos outros, a atropelar a mente alheia, a enjaular, prender, escravizar, acorrentar o pensamento alheio.

O marido quer meter à força suas idéias, sua doutrina, na cabeça da mulher e esta quer fazer a mesma coisa com ele.

Muitas vezes, marido e mulher se divorciam por incompatibilidade de idéias.

Os cônjuges não querem compreender a necessidade de se respeitar a liberdade intelectual alheia. Nenhum cônjuge tem o direito de escravizar a mente do outro. Cada um, de fato, é digno de respeito. Cada um tem o direito de pensar como quiser, de professar sua religião e de pertencer ao partido político que quiser.

Na escola, os meninos e meninas são obrigados a pensar em tais ou quais idéias, porém não lhes é ensinado a controlar a mente.

A mente das crianças é delicada, elástica e dúctil, enquanto que a dos velhos já está endurecida, rija como argila em um molde; já não muda e não pode mudar.

A mente das crianças e jovens é suscetível de muitas mudanças; pode mudar.

Às crianças e jovens pode-se ensinar o como pensar. Aos velhos é muito difícil ensinar isso, porque eles já são como são, e assim morrem. É muito raro encontrar na vida algum velho interessado em mudar radicalmente sua forma de pensar.

A mente das pessoas é moldada desde a infância. Isso é o que os pais de família e os professores de escola preferem fazer. Eles gozam dando forma à mente das crianças e jovens.

Mente posta num molde é de fato mente condicionada, mente escrava.

É preciso que os professores e professoras rompam os grilhões da mente.

É urgente que os professores saibam dirigir a mente das crianças para a verdadeira liberdade, para que não se deixem escravizar mais.

É indispensável que os professores ensinem aos alunos e alunas *o como se deve pensar*.

Os professores devem compreender a necessidade de ensinar aos alunos e alunas o caminho da análise, da meditação e da compreensão.

Nenhuma pessoa compreensiva deve aceitar jamais, de forma dogmática, nada. Antes de aceitar, primeiro é preciso investigar, inquirir e compreender.

Em outras palavras, diremos que não há necessidade de aceitar, e sim de investigar, analisar, meditar e compreender.

Quando a compreensão é plena, a aceitação é desnecessária.

De nada serve enchermos a cabeça de informação intelectual se, ao sairmos da escola, não sabemos pensar [por nós mesmos] e continuamos como autômatos viventes, como máquinas, repetindo a mesma rotina de nossos pais, avós, bisavós, etc.

Repetir sempre a mesma coisa, viver vida de máquina, da casa para o escritório e do escritório para casa, casar para se converter em maquininha de fazer filhos, isso não é viver. Se para isso estudamos, se para

isso fomos à escola, ao colégio e à universidade durante dez ou quinze anos, melhor teria sido não estudar.

Mahatma Gandhi foi um homem bem singular. Muitas vezes os pastores protestantes sentaram-se à sua porta por horas inteiras lutando para convertê-lo ao cristianismo protestante. Gandhi não aceitava o ensinamento dos pastores, mas tampouco o rejeitava. Compreendia-o, respeitava-o e isso era tudo.

Muitas vezes o Mahatma dizia: “Eu sou brâmane, sou judeu, sou cristão, sou muçulmano...”

O Mahatma compreendia que todas as religiões são necessárias, porque todas elas conservam os mesmos valores eternos.

Isso de rejeitar ou aceitar alguma doutrina ou conceito revela falta de maturidade mental.

Quando rejeitamos ou aceitamos alguma coisa, é porque não a compreendemos.

Onde há compreensão, a aceitação ou a rejeição ficam sobrando.

A mente que crê, a mente que não crê ou a mente que duvida, é mente ignorante.

O caminho da sabedoria não consiste em crer, não crer ou duvidar.

O caminho da sabedoria consiste em inquirir, analisar, meditar e experimentar.

A verdade é o desconhecido de momento a momento. A verdade nada tem que ver com o que alguém acredita ou o que deixe de acreditar, nem tampouco com o ceticismo.

A verdade não é questão de aceitar ou de rejeitar. A verdade é questão de experimentar, viver, compreender.

Todo o esforço dos professores deve ser para levar, em última síntese, os alunos e alunas à experiência do real, do verdadeiro.

É urgente que os professores e professoras abandonem essa tendência antiquada e perniciosa de modelar a mente plástica e dúctil das crianças.

É absurdo que pessoas adultas, cheias de preconceitos, paixões, idéias preconcebidas e antiquadas, atropelem a mente das crianças e dos jovens, procurando modelar suas mentes de acordo com suas idéias rançosas, estúpidas e antiquadas.

Melhor é respeitar a liberdade intelectual dos alunos e alunas, respeitar sua destreza mental e sua espontaneidade criadora.

Os professores e professoras não têm o direito de enjaular a mente dos alunos e alunas.

O fundamental não é ditar à mente dos alunos o que deve pensar, e sim ensinar-lhes como pensar de forma completa.

A mente é o instrumento do conhecimento, e é necessário que os professores e professoras ensinem os alunos e alunas a usar sabiamente esse instrumento.

Capítulo 6

A BUSCA DA SEGURANÇA



Quando os pintinhos sentem medo, escondem-se debaixo das asas amorosas da galinha em busca de segurança.

A criança assustada corre em busca de sua mãe, porque junto a ela se sente segura. Portanto, está demonstrado que o medo e a busca de segurança estão sempre intimamente associados.

O homem que teme ser assaltado por bandidos busca segurança em seu revólver.

O país que teme ser atacado por outro comprará canhões, aviões, navios de guerra, armará exércitos e se porá em pé de guerra.

Muita gente que não sabe trabalhar, aterrorizada diante da miséria, busca segurança no delito e se torna ladrão, assaltante, etc.

Muitas mulheres, limitadas de inteligência, assustadas diante da possibilidade da miséria, convertem-se em prostitutas.

O homem ciumento teme perder sua mulher e busca segurança na arma; mata, e depois, é claro, vai parar na cadeia.

A mulher ciumenta mata sua rival ou seu marido e assim se converte em assassina. Ela teme perder o marido, e querendo segurá-lo, mata a outra ou resolve matar o marido.

O proprietário, temeroso que o inquilino não pague o aluguel da casa, exige contratos, fiadores, depósitos, etc. querendo assim se proteger. Se

uma viúva pobre e cheia de filhos não pode preencher tão tremendos requisitos, e se todos os proprietários de casas de uma cidade pedem a mesma coisa, a infeliz terá de ir dormir com seus filhos na rua ou na praça pública.

Todas as guerras tiveram sua origem no medo.

As Gestapos, as torturas, os campos de concentração, as Sibérias, as espantosas prisões, os exílios, trabalhos forçados, fuzilamentos, etc., têm sua origem no medo.

As nações atacam outras nações por medo, buscam segurança na violência. Crêem que matando, invadindo, etc., poderão fazer-se seguras, fortes e poderosas.

Nos escritórios das polícias secretas, de contra-espionagem, etc. tanto no leste como no oeste, se tortura os espiões, se os teme, querem fazê-los confessar com o propósito de tornar o estado mais seguro.

Todos os delitos, todas as guerras, todos os crimes, têm sua origem no medo e na busca de segurança.

Em outros tempos, havia sinceridade entre as pessoas. Hoje, o medo e a busca de segurança acabaram com a maravilhosa fragrância da sinceridade.

O amigo desconfia do amigo, pois teme que este o roube, o engane, o explore, etc. Até existem máximas estúpidas e perversas como esta: Nunca dê as costas ao teu melhor amigo. Os hitlerianos diziam que esta máxima era de ouro.

Agora, o amigo teme o amigo e até usa máximas para se proteger, já não há sinceridade entre os amigos. O medo e a busca de segurança acabaram com a deliciosa fragrância da sinceridade.

Fidel Castro fuzilou milhares de cidadãos em Cuba, temeroso de que acabassem com ele. Castro busca segurança fuzilando. Crê que assim se manterá seguro.

Stalin, o perverso e sanguinário Stalin, empestou a Rússia com seus sangrentos expurgos. Esta era a sua maneira de procurar segurança.

Hitler organizou a Gestapo, a terrível Gestapo, para segurança do estado. Não resta dúvida que temia que o derrubassem e por isso criou essa sangrenta polícia secreta.

Todas as amarguras deste mundo têm origem no medo e na busca de segurança.

Os professores e professoras de escola devem ensinar aos alunos e alunas a virtude da coragem.

É lamentável encher os meninos e meninas de temor, começando no próprio lar.

Os meninos e meninas são ameaçados, intimidados, atemorizados, surrados, etc.

Os pais de família e os professores costumam atemorizar as crianças e os jovens com o propósito de fazê-los estudar.

Geralmente se diz às crianças e aos jovens que se não estudarem terão de pedir esmola, de vagar famintos pelas ruas, de exercer trabalhos muito humildes como engraxar sapatos, carregar fardos, vender jornais, trabalhar no arado, etc. como se trabalhar fosse delito.

No fundo, atrás de todas estas palavras dos pais e dos professores, está o medo e a busca de segurança para o filho.

O grave de tudo isto que estamos dizendo é que a criança e o jovem ficam complexados, enchem-se de temor e mais tarde, na vida prática, serão pessoas medrosas.

Os pais de família e professores que têm o mau gosto de assustar os meninos e meninas, os jovens e as senhoritas, de forma inconsciente os estão encaminhando para o caminho do delito, pois, como já dissemos, todo delito tem sua origem no medo e na busca de segurança.

Hoje em dia, o medo e a busca de segurança converteram o planeta Terra num espantoso inferno. Todo mundo teme. Todo mundo quer segurança.

Em outros tempos, podia-se viajar livremente. Agora, as fronteiras estão cheias de guardas armados, que exigem passaportes e atestados de todo tipo para se ter o direito de passar de um país a outro.

Tudo isso é o resultado do medo e da busca de segurança. Teme-se o que viaja, teme-se quem chega e busca-se segurança em passaportes e papéis de todo tipo.

Os professores e professoras de escolas, colégios e universidades devem compreender o horror de tudo isso e cooperar para o bem do mundo sabendo como educar as novas gerações, ensinando-lhes o caminho da coragem autêntica.

É urgente ensinar as novas gerações a não temer e a não buscar segurança em nada e ninguém.

É indispensável que todo indivíduo aprenda a confiar mais em si mesmo.

O medo e a busca de segurança são terríveis fraquezas que converteram a vida num espantoso inferno.

Por todas as partes abundam os covardes, os medrosos, os fracos, que andam sempre em busca de segurança.

Teme-se a vida, teme-se a morte, teme-se o que dirão, teme-se perder a posição social, a posição política, o prestígio, o dinheiro, a bela casa, a bonita mulher, o bom marido, o emprego, o negócio, a loja, os móveis, o carro, etc. Teme-se a tudo e por todas as partes abundam os covardes, os fracos, os medrosos, etc. Mas ninguém se julga covarde; todos se presumem fortes, valentes, etc.

Em todas as categorias sociais há milhares e milhões de interesses que se teme perder e por isso todo mundo busca seguranças que, por força de se fazerem cada vez mais e mais complexas, tornam de fato a vida cada vez mais complicada, cada vez mais difícil, cada vez mais amarga, cruel e impiedosa.

Todas as fofocas, calúnias, intrigas, etc. têm sua origem no medo e na busca de segurança.

Para não perder a fortuna, a posição, o prestígio, o poder, etc. propagam-se as calúnias e as intrigas. Assassina-se e paga-se para que se assassine em segredo.

Os poderosos da Terra até dão-se ao luxo de terem assassinos contratados e muito bem pagos, com o asqueroso propósito de eliminar todo aquele que ameaça eclipsar-lhes.

Eles amam o poder pelo próprio poder e o asseguram à base de dinheiro e muito sangue.

Os jornais constantemente estão dando notícias de inúmeros casos de suicídio.

Muitos crêem que quem se suicida é um valente, mas, na realidade, quem se suicida é um covarde que tem medo da vida e que busca segurança nos descarnados braços da morte.

Alguns heróis de guerra foram conhecidos como pessoas fracas e covardes, mas seu terror foi tão espantoso quando se viram cara a cara

com a morte que se tornaram terríveis feras buscando segurança para sua vida, fazendo um esforço supremo contra a morte. Então, foram declarados heróis.

Costuma-se confundir o medo com a coragem. Quem se suicida parece muito valente; quem carrega uma arma também parece ser muito valente, mas, na realidade, os suicidas e os pistoleiros são bastante covardes.

Quem não tem medo da vida não se suicida.

Quem não tem medo de ninguém não carrega uma pistola na cintura.

É urgente que os professores e professoras ensinem aos cidadãos de forma clara e precisa o que é a coragem de verdade e o que é o medo.

O medo e a busca de segurança converteram o mundo em um espantoso inferno.

Capítulo 7 A AMBIÇÃO



A ambição tem várias causas e uma delas é isso que se chama medo.

O humilde rapaz que nas praças das luxuosas cidades engraxa os sapatos dos orgulhosos cavalheiros poderia se converter em ladrão se chegasse a ter medo da pobreza, medo de si mesmo ou medo do seu futuro.

A humilde balconista que trabalha na luxuosa loja de um shopping poderia se converter em ladra ou em prostituta do dia para a noite se chegasse a sentir medo do futuro, medo da vida, medo da velhice, medo de si mesma, etc.

O elegante garçom do restaurante de luxo ou do grande hotel poderia se converter num gangster, num assaltante de bancos ou num refinado ladrão se, por desgraça, chegasse a sentir medo de si mesmo, de sua humilde posição de garçom, de seu próprio futuro, etc.

O insignificante inseto ambiciona ser elefante. O pobre empregado vendedor que atende à clientela, e que com tanta paciência mostra a gravata, a camisa, os sapatos, que faz tantas reverências, sempre sorrindo com

fingida simpatia, ambiciona algo mais porque tem medo, muito medo; medo da miséria, medo de seu futuro sombrio, medo da velhice, etc.

A ambição é polifacetada. A ambição tem cara de santo e cara de diabo, cara de homem e cara de mulher, cara de interesse e cara de desinteresse, cara de virtuoso e cara de pecador.

Existe ambição naquele que quer se casar e no velho solteirão empedernido que detesta o casamento.

Existe ambição naquele que deseja com infinita loucura ser alguém, destacar-se, subir, etc. e existe ambição naquele que se faz anacoreta, que não deseja nada deste mundo; sua única ambição é alcançar o céu, libertar-se, etc.

Existem ambições terrenas e ambições espirituais. Às vezes, a ambição usa a máscara do desinteresse e do sacrifício.

Quem não ambiciona este mundo ruim e miserável, ambiciona o outro. Quem não ambiciona dinheiro, ambiciona poderes psíquicos.

O eu, o mim mesmo, o si mesmo, encanta-se em esconder a ambição, em metê-la nos esconderijos mais secretos da mente, para dizer em seguida: Eu não ambiciono nada. Eu amo meus semelhantes. Eu trabalho desinteressadamente pelo bem de todos os seres humanos.

O político astuto que conhece todas as manhas às vezes surpreende as multidões com suas obras aparentemente desinteressadas. Mas, quando abandona seu cargo político, é apenas normal que saia de seu país com muitos milhões de dólares.

A ambição disfarçada com a máscara do desinteresse costuma enganar até as pessoas mais astutas.

Existe no mundo muita gente que só ambiciona não ser ambiciosa.

São muitas as pessoas que renunciam a todas as pompas e vaidades do mundo, porque só ambicionam a própria autoperfeição íntima.

O penitente que caminha de joelhos até o templo e se flagela cheio de fé não ambiciona aparentemente nada e até se dá ao luxo de dar sem tirar nada de ninguém. Mas é claro que ambiciona o milagre de sua cura, a saúde para si mesmo ou para algum familiar ou ainda a salvação eterna.

Nós admiramos os homens e as mulheres verdadeiramente religiosos, porém lamentamos que não amem a sua religião com todo desinteresse.

As santas religiões, as seitas sublimes, ordens, sociedades espirituais, etc. merecem nosso amor desinteressado.

É muito raro encontrar neste mundo uma pessoa que ame sua religião, sua escola, sua seita, etc. desinteressadamente. Isto é lamentável!

Todo mundo está cheio de ambições. Hitler lançou-se à guerra por ambição.

Todas as guerras têm sua origem no medo e na ambição. Os problemas mais graves da vida têm sua origem na ambição.

Todo mundo vive em luta contra todo mundo devido à ambição; uns contra os outros e todos contra todos.

Toda pessoa ambiciona ser algo na vida. As pessoas de uma certa idade, professores, pais de família, tutores, etc., estimulam os meninos, as meninas, as senhoritas, os jovens, a seguir pelo horrendo caminho da ambição.

Os adultos dizem aos jovens que eles precisam ser alguma coisa na vida, que têm de ficar ricos, que devem casar com gente milionária, ser poderosos...

As gerações mais velhas, horríveis, feias, antiquadas, querem que as novas gerações sejam também ambiciosas, feias e horríveis como elas.

O mais grave de tudo isso é que a gente nova se deixa levar, se deixa conduzir pelo horrível caminho da ambição.

Os professores e professoras devem ensinar aos alunos e alunas que nenhum trabalho honrado merece desprezo. É absurdo olhar com desprezo o motorista de táxi, o balconista, o camponês, o engraxate, etc.

Todo trabalho humilde é belo. Todo trabalho humilde é necessário na vida social.

Nem todos nasceram para engenheiro, advogado, governador, presidente, doutor, etc.

No conglomerado social, todos os trabalhos são necessários, todos os ofícios; nenhum trabalho honrado deve jamais ser depreciado.

Na vida prática, cada ser humano serve para alguma coisa. O importante é saber para o que serve cada um.

O dever dos professores e professoras é descobrir a vocação de cada estudante e orientá-lo nesse sentido.

Aquele que trabalhar na vida de acordo com a sua vocação, trabalhará com verdadeiro amor e sem ambição.

O amor deve substituir a ambição. A vocação é aquilo que realmente nos agrada, é aquela profissão que desempenhamos com alegria, porque é o que nos agrada, o que amamos.

Infelizmente, na vida moderna, as pessoas, trabalham sem gosto e por ambição; exercem profissões que não se harmonizam com a sua vocação.

Quando alguém trabalha no que gosta, em sua verdadeira vocação, o faz com amor - porque ama sua vocação, porque suas atitudes para a vida são precisamente as de sua vocação.

Esse é, precisamente, o trabalho dos professores. Saber orientar os alunos e alunas para que descubram suas aptidões; orientá-los pelo caminho de sua autêntica vocação.

Capítulo 8

O AMOR



Os alunos e alunas devem compreender de forma integral, desde os bancos da escola, isso que se chama amor.

O medo e a dependência costumam confundir-se com o amor, mas não são o amor.

Os jovens estudantes dependem de seus pais e professores e é claro que os respeitam e temem ao mesmo tempo.

Os meninos e meninas, os jovens e senhoritas, dependem de seus pais para questões de roupa, comida, dinheiro, moradia, etc. Sob todas as luzes fica claro que se sentem protegidos. Sabem que dependem de seus pais e por isso os respeitam e até os temem, mas isso não é amor.

Como exemplo do que estamos dizendo, podemos verificar com total exatidão que todo menino, menina, jovem ou senhorita tem mais confiança em seus amiguinhos ou amiguinhas da escola do que em seus próprios pais.

Realmente, os meninos, meninas, jovens e senhoritas falam com seus companheirinhos e companheirinhas coisas íntimas que jamais na vida falaria com seus pais.

Isso está demonstrando que não há confiança verdadeira entre pais e filhos, que não há verdadeiro amor.

Faz-se urgente compreender que existe uma diferença radical entre o amor e isso que é respeito, temor, dependência e medo.

É urgente saber respeitar nossos pais e professores, mas não confundir respeito com amor.

O respeito e o amor devem estar intimamente unidos, mas não devemos confundir um com o outro.

Os pais temem por seus filhos e desejam para eles o melhor: uma boa profissão, um bom casamento, proteção, etc. Porém, confundem esse temor com o verdadeiro amor.

Faz-se necessário compreender que sem amor verdadeiro é impossível para os pais e professores guiar as novas gerações sabiamente, ainda que tenham boas intenções.

O caminho que conduz ao abismo está pavimentado de boas intenções.

Vejamos o caso mundialmente conhecido dos “rebeldes sem causa”. Essa é uma epidemia mental que se propagou pelo mundo inteiro. Multidões de jovens “bem nascidos”, que se dizem que muito amados por seus pais, muito mimados, muito queridos, assaltam transeuntes indefesos, atacam e violentam mulheres, roubam, apedrejam, andam em bandos causando dano por todas as partes, e faltam com o respeito aos professores e pais de família.

Os “rebeldes sem causa” são o produto da falta de verdadeiro amor.

Onde existe verdadeiro amor, não pode existir “rebeldes sem causa”.

Se os pais de família amassem de verdade seus filhos, saberiam orientá-los inteligentemente e então não existiriam os “rebeldes sem causa”.

Os “rebeldes sem causa” são o resultado de uma má orientação.

Os pais de família não tiveram amor suficiente para dedicarem-se de verdade a orientar os seus filhos sabiamente.

Os pais de família modernos só pensam em dinheiro. Só pensam em dar a seu filho o carro último modelo, as roupas da moda, etc.

Não os amam de verdade, não sabem amar; por isso surgem os “rebeldes sem causa”.

A superficialidade desta época deve-se à falta de verdadeiro amor.

A vida moderna é semelhante a um charco sem profundidade.

No fundo do lago da vida podem viver muitas espécies de criaturas, muitos peixes, mas a poça da beira do caminho logo seca com os ardentes raios do sol; e a única coisa que resta é o lodo, a podridão, a lama...

É impossível compreender a beleza da vida em todo seu esplendor se ainda não aprendemos a amar.

As pessoas confundem o respeito e o temor com isso que se chama amor.

Respeitamos nossos superiores e os tememos e então julgamos que os amamos.

As crianças temem seus pais e professores; os respeitam, e assim pensam que os amam.

A criança teme a surra, a bronca, a nota ruim, a censura em casa ou na escola, etc. Assim, crê que ama seus pais e professores; mas, na realidade, só os teme.

Dependemos do emprego e do patrão, tememos a miséria, o desemprego; assim cremos que amamos o patrão e até cuidamos de seus interesses, cuidamos de suas propriedades, porém isso não é amor; isso é temor.

Muita gente tem medo de pensar por si mesma nos mistérios da vida e da morte; medo de inquirir, de investigar, compreender, estudar, etc. Então, exclamam: Eu amo a Deus e isso é suficiente!

Crêem que amam a Deus, porém, na realidade, não amam; temem.

Em tempos de guerra, a esposa sente que adora seu marido mais do que nunca e deseja com ansiedade infinita sua volta à casa. Contudo, na realidade, não o ama; apenas tem medo de ficar sem marido e sem proteção.

A escravidão psicológica, a dependência, o depender de alguém, não é amor; é unicamente temor. Isso é tudo.

A criança em seus estudos depende do professor e da professora, e é claro que teme a expulsão, a nota ruim, a censura, etc. Muitas vezes julga que os ama, mas o que acontece é que os teme.

Quando a esposa está no parto, ou em perigo de vida por alguma doença, o marido acha que a ama muito mais, mas na realidade, o que

acontece é que teme perdê-la; depende dela em muitas coisas, como comida, sexo, roupa lavada, carinho, etc. Ele teme perdê-la, e isso não é amor.

Todo mundo diz que adora todo mundo, mas isso não existe. É muito raro achar alguém na vida que saiba verdadeiramente amar.

Se os pais amassem de verdade a seus filhos, se os filhos amassem de verdade a seus pais, se os professores amassem de verdade a seus alunos e alunas, não poderia haver guerras. As guerras seriam completamente impossíveis.

O que ocorre é que as pessoas não compreenderam o que é o amor e confundem o temor, a escravidão psicológica, a paixão, etc. com isso que se chama amor.

As pessoas não sabem amar. Se as pessoas soubessem amar, a vida seria de fato um paraíso.

Os namorados crêem que estão amando e muitos até seriam capazes de jurar que estão amando. No entanto, só estão apaixonados. Satisfeita a paixão, o castelo de cartas vem abaixo.

A paixão costuma enganar a mente e o coração. Todo apaixonado pensa que está enamorado.

É muito raro encontrar na vida algum casal verdadeiramente enamorado. São muitos os casais de apaixonados, porém é difícil encontrar um casal de enamorados.

Os artistas cantam o amor, mas não sabem o que é o amor; confundem-no com a paixão.

Se existe algo difícil nesta vida é não confundir a paixão com o amor.

A paixão é o veneno mais delicioso e mais sutil que se pode conceber; e termina sempre triunfando, a preço de sangue.

A paixão é cem por cento sexual e animal, mas algumas vezes é também muito refinada e sutil. Sempre a confundimos com o amor.

Os professores e professoras devem ensinar os alunos, jovens e senhoritas, a diferenciar entre o amor e a paixão.

Somente assim se evitará mais tarde muitas tragédias na vida.

Os professores e professoras estão obrigados a formar a responsabilidade dos alunos e alunas. Por isso, eles devem prepará-los devidamente para que não se convertam em atores trágicos na vida.

É preciso compreender o que é o amor. O amor não pode misturar-se com ciúmes, paixões, apegos, violências, temor, dependência psicológica, etc.

Infelizmente, o amor não existe nos seres humanos; tampouco é algo que se pode adquirir, comprar, cultivar como flor de jardim, etc.

O amor tem de nascer em nós, e só nasce quando compreendemos a fundo o ódio que levamos dentro, o temor, a paixão sexual, o medo, a escravidão psicológica, a dependência, etc.

Temos de compreender o que são estes defeitos psicológicos; temos de compreender como eles se manifestam em nós não só no nível intelectual da vida, mas também em outros níveis ocultos e desconhecidos do subconsciente.

Faz-se necessário extrair dos diferentes esconderijos da mente todos esses defeitos. Somente assim nasce em nós, de forma espontânea e pura, isso que se chama amor.

É impossível querer transformar o mundo sem a labareda do amor. Só o amor pode, de verdade, transformar o mundo..

Capítulo 9

A MENTE



Podemos evidenciar, através da experiência, que é impossível compreender isso que se chama amor, sem que tenhamos compreendido antes de forma integral o complexo tema da mente.

Aqueles que supõem que a mente é o cérebro estão totalmente equivocados.

A mente é energética, sutil, pode se tornar independente da matéria; pode, em certos estados hipnóticos ou durante o sono normal, transportar-se a lugares remotos para ver e ouvir o que está acontecendo nesses locais.

Nos laboratórios de parapsicologia, são feitos notáveis experimentos com pessoas em estado hipnótico.

Muitos sujeitos, em estado hipnótico, puderam informar com minúcias de detalhes sobre acontecimentos, pessoas e situações que estavam a longínquas distâncias durante seu transe hipnótico.

Os cientistas puderam verificar depois a realidade das informações. Puderam comprovar a realidade dos fatos e a exatidão dos acontecimentos.

Com estes experimentos dos laboratórios de parapsicologia fica totalmente demonstrado, pela observação e pela experiência, que o cérebro não é a mente.

Realmente, podemos dizer que a mente pode viajar através do tempo e do espaço independentemente do cérebro, para ver e ouvir coisas que acontecem em lugares distantes.

A realidade das percepções extra-sensoriais já está completamente demonstrada e só a um doido varrido ou a um idiota poderia ocorrer negar a sua realidade.

O cérebro foi feito para elaborar o pensamento, mas não é o pensamento. O cérebro é apenas o instrumento da mente, mas não é a mente.

Necessitamos estudar a fundo a mente se é que de verdade queremos conhecer de forma integral isso que se chama amor.

As crianças e os jovens têm a mente mais elástica, flexível, viva, alerta, etc.

Muitas são as crianças e jovens que gostam de perguntar a seus pais e professores sobre tais e quais coisas. Eles desejam saber algo mais. Querem saber e por isso perguntam, observam, vêem certos detalhes que os adultos desprezam ou não percebem. Porém, conforme passam os anos, conforme avançam em idade, sua mente vai se cristalizando pouco a pouco.

A mente dos anciões está fixa, petrificada. Já não muda nem a tiros de canhão.

Os velhos são assim e assim morrem. Eles não mudam e abordam tudo de um ponto fixo.

A caducidade dos velhos, seus preconceitos, suas idéias fixas, etc. parecem tudo junto uma rocha, uma pedra que não muda de forma alguma. Por isso diz o ditado popular: Gênio e figura até a sepultura.

É urgente que os professores e professoras encarregados de formar a personalidade dos alunos e alunas estudem bem a fundo a mente, a fim de que possam orientar as novas gerações inteligentemente.

É doloroso compreender a fundo como a mente vai se petrificando pouco a pouco através do tempo.

A mente é o matador do real, do verdadeiro. A mente destrói o amor.

Quem fica velho já não é capaz de amar, porque sua mente está cheia de dolorosas experiências, idéias fixas como ponta de aço, preconceitos, etc.

Existem por aí velhos tarados que se julgam ainda capazes de amar; no entanto, o que ocorre, é que esses velhos, cheios de paixão sexual senil, confundem a paixão com o amor.

Todo velho tarado e toda velha tarada passam por tremendos estados luxurioso-passionais antes de morrerem e pensam que isso é amor.

O amor nos velhos é impossível porque a mente o destrói com suas idéias fixas e caducas, preconceitos, ciúmes, experiências, recordações, paixões sexuais...

A mente é o pior inimigo do amor. Nos países supercivilizados, o amor já não existe porque a mente das pessoas cheira somente a fábricas, contas bancárias, gasolina e celulóide.

Existem muitas garrafas para a mente, e a mente de cada pessoa está bem engarrafada.

Uns têm a mente engarrafada no abominável comunismo e outros a têm engarrafada no impiedoso capitalismo.

Há aqueles que têm a mente engarrafada nos ciúmes, no ódio, no desejo de ser rico, na boa posição social, no pessimismo, no apego a determinadas pessoas, no apego a seus próprios sofrimentos, em seus problemas familiares, etc.

As pessoas gostam de engarrafar a mente. Raras são aquelas que decidem quebrar a garrafa em pedaços.

Precisamos libertar a mente, mas as pessoas gostam da escravidão. É muito raro encontrar alguém na vida que não tenha a mente bem engarrafada.

Os professores e professoras devem ensinar a seus alunos e alunas todas estas coisas. Devem ensinar as novas gerações a investigar, observar e compreender suas próprias mentes. Só assim, mediante a compreensão de fundo, poderemos evitar que a mente se cristalice, se congele, se engarrafe.

A única coisa que pode transformar o mundo é o amor, mas a mente destrói o amor.

Precisamos estudar nossa própria mente, observá-la, investigá-la profundamente, compreendê-la verdadeiramente. Só assim, somente tornando-nos donos de nós mesmos, de nossa própria mente, mataremos a matadora do amor e seremos felizes de verdade.

Aqueles que vivem fantasiando sobre o amor, aqueles que vivem fazendo projetos sobre o amor, aqueles que querem que o amor aja de acordo com seus gostos e desgostos, projetos e fantasias, normas e preconceitos, lembranças e experiências, etc., jamais poderão saber realmente o que é o amor. De fato, eles se converteram em inimigos do amor.

É necessário compreender de forma integral o que são os processos da mente em estado de acumulação de experiências.

O professor ou a professora censuram muitas vezes de forma justa, mas às vezes estupidamente e sem motivo verdadeiro, sem compreender que toda censura injusta fica depositada na mente dos estudantes. O resultado de semelhante proceder equivocado costuma ser a perda do amor para com o professor ou professora.

A mente destrói o amor e isto é algo que os professores e professoras de escolas, colégios e universidades não devem esquecer jamais.

É necessário compreender a fundo todos esses processos mentais que acabam com a beleza do amor.

Não basta ser pai ou mãe de família; há que saber amar. Os pais e mães de família crêem que amam seus filhos e filhas porque os têm, porque são seus, porque os possuem como quem tem uma bicicleta, um automóvel ou uma casa.

Esse sentimento de posse, de dependência, costuma ser confundido com o amor, mas jamais poderia ser amor.

Os professores e professoras de nosso segundo lar, que é a escola, crêem que amam seus discípulos e discípulas porque lhes pertencem como tais, porque os possuem, mas isso não é amor. O sentimento de posse e de dependência não é amor.

A mente destrói o amor; só compreendendo todas as funções equivocadas da mente, as formas absurdas de pensar, os maus costumes, hábitos automáticos e mecânicos, a maneira equivocada de ver as coisas, etc., poderemos chegar a vivenciar, a experimentar de verdade isso que não pertence ao tempo, isso que se chama amor.

Aqueles que querem que o amor se converta em uma peça de sua própria máquina rotineira, aqueles que querem que o amor caminhe pelos trilhos equivocados de seus próprios preconceitos, apetites, temores, experiências da vida, modo egoísta de ver as coisas, forma equivocada de pensar, etc., acabam de fato com o amor, porque este jamais se deixa submeter.

Aqueles que querem que o amor funcione como eles querem, como eles desejam, como eles pensam, perdem o amor, porque Cupido, o deus do amor, nunca está disposto a se deixar escravizar pelo eu.

Há que acabar com o eu, com o mim mesmo, com o si mesmo, para não perder o menino do amor.

O eu é um punhado de recordações, apetites, temores, ódios, paixões, experiências, egoísmos, invejas, cobiças, luxúrias, etc.

Só compreendendo cada defeito em separado, só estudando-o, observando-o diretamente, não apenas na região intelectual, mas também em todos os níveis subscientes da mente, é que ele vai desaparecendo.

Assim vamos morrendo de momento a momento. Assim, e só assim, conseguimos a desintegração do eu.

Aqueles que querem engarrafar o amor dentro da horrível garrafa do eu, perdem o amor, ficam sem ele, porque o amor jamais poderá ser engarrafado.

Infelizmente, as pessoas querem que o amor se comporte de acordo com seus próprios hábitos, desejos, costumes, etc.

As pessoas querem que o amor se submeta ao eu, e isto é completamente impossível, porque o amor não obedece ao eu.

Os casais de namorados, ou melhor diríamos de “apaixonados”, supõem que o amor deve caminhar fielmente pelos trilhos de seus próprios desejos, concupiscência, erros, etc. Nisto, estão totalmente equivocados.

“Falemos de nós”, dizem os namorados ou apaixonados sexuais... Em seguida, vêm os planos, os projetos, os desejos e os suspiros. Cada um diz alguma coisa, expõe seus projetos, seus desejos, sua maneira de ver as coisas da vida e quer que o amor corra como uma locomotiva pelos trilhos de aço traçados por sua mente.

Quão equivocados andam esses namorados ou apaixonados! Quão longe estão da realidade!

O amor não obedece ao eu e, quando os cônjuges querem lhe pôr correntes no pescoço, foge, deixando o casal na desgraça.

A mente tem o mau gosto de comparar. O homem compara uma noiva com outra. A mulher compara um homem com outro. O professor compara um aluno com outro, uma aluna com outra, como se todos seus alunos não merecessem o mesmo apreço. Realmente, toda comparação é abominável.

Quem contempla um bonito pôr de sol e o compara com outro, não sabe realmente compreender a beleza que tem diante dos olhos.

Quem contempla uma bela montanha e a compara com outra que viu ontem, não está realmente compreendendo a beleza da montanha que tem diante de seus olhos.

Onde existe comparação não existe amor verdadeiro. O pai e a mãe que amam seus filhos de verdade jamais os comparam com ninguém. Amam-nos e isso é tudo.

O esposo que realmente ama sua esposa jamais comete o erro de compará-la com alguém. Ama-a e isso é tudo.

O professor ou a professora que ama seus alunos e alunas jamais discrimina; nunca os compara entre si; ama-os de verdade, e isso é tudo.

A mente dividida pelas comparações, a mente escrava do dualismo, destrói o amor.

A mente dividida pelo batalhar dos opostos não é capaz de compreender o novo; se petrifica, se congela.

A mente tem muitas profundidades, regiões, terrenos subconscientes, esconderijos; mas o melhor é a Essência, a Consciência, e ela está no centro.

Quando o dualismo acaba, quando a mente se torna íntegra, serena, quieta, profunda, quando já não compara mais, desperta a Essência, a Consciência, e este deve ser o objetivo verdadeiro da Educação Fundamental.

Distingamos entre objetivo e subjetivo. No objetivo, há consciência desperta. No subjetivo, há consciência adormecida, subconsciência. Só a consciência objetiva pode gozar do conhecimento objetivo.

A informação intelectual que atualmente recebem os alunos e alunas de todas as escolas, colégios e universidades é cem por cento subjetiva.

O conhecimento objetivo não pode ser adquirido sem consciência objetiva.

Os alunos e alunas devem primeiro chegar à autoconsciência e depois à consciência objetiva.

Só pelo caminho do amor podemos chegar à consciência objetiva e ao conhecimento objetivo.

É necessário compreender o complexo tema da mente se é que de verdade queremos percorrer o caminho do amor.

Capítulo 10

SABER ESCUTAR



Existem muitos oradores no mundo que assombam por sua eloquência; mas são poucas as pessoas que sabem escutar.

Saber escutar é muito difícil; poucas são, na verdade, as pessoas que sabem escutar.

Quando fala o professor, a professora ou o conferencista, o auditório parece estar atento, como que seguindo em detalhe cada palavra do orador.

Tudo dá a idéia de que estão escutando, de que se acham em estado de alerta; no entanto, no fundo psicológico de cada indivíduo, há um secretário que traduz cada palavra do orador.

Esse secretário é o eu, o mim mesmo, o si mesmo. O trabalho desse secretário consiste em mal interpretar, mal traduzir as palavras do orador.

O eu traduz de acordo com seus preconceitos, pré-julgamentos, temores, orgulho, ansiedades, idéias, memórias, etc.

Os alunos na escola, as alunas, os indivíduos que constituem o auditório que escuta, realmente não estão escutando o orador; só estão escutando a si mesmos, estão escutando seu próprio Ego, seu querido e maquiavélico Ego, o qual não está disposto a aceitar o real, o verdadeiro, o essencial.

Somente em estado de alerta novidade, com mente espontânea, livre do peso do passado, em estado de plena receptividade, podemos realmente escutar sem a intervenção desse péssimo secretário de mau agouro chamado eu, mim mesmo, si mesmo ou Ego.

Quando a mente está condicionada pela memória, só repete aquilo que acumulou.

A mente condicionada pelas experiências de tantos e tantos ontens só consegue ver o presente através das lentes turvas do passado.

Se queremos saber escutar, se queremos aprender a escutar para descobrirmos o novo, devemos viver de acordo com a filosofia da momentaneidade.

É urgente viver de momento a momento, sem as preocupações do passado e sem os projetos do futuro. A verdade é o desconhecido de momento a momento.

Nossa mente deve estar sempre alerta, em plena atenção, livre de idéias preconcebidas e de preconceitos a fim de estar realmente receptiva.

Os professores e professoras de escola devem ensinar a seus alunos o profundo significado que há em saber escutar.

É necessário aprender a viver sabiamente, refinar nossos sentidos, refinar nossa conduta, nossos pensamentos e nossos sentimentos.

De nada serve ter uma grande cultura acadêmica se não sabemos escutar, se não somos capazes de descobrir o novo de momento a momento.

Precisamos refinar a atenção, refinar nossos modos, refinar nossa pessoa, as coisas, etc.

É impossível ser verdadeiramente refinado quando não se sabe escutar.

As mentes toscas, rudes, deterioradas, degeneradas, jamais sabem escutar, não sabem descobrir o novo.

Essas mentes só compreendem, só entendem de forma equivocada as absurdas traduções desse secretário satânico, chamado eu, mim mesmo, Ego.

Ser refinado é algo muito difícil e requer plena atenção. Alguém pode ser uma pessoa muito entendida em moda, roupas, vestidos, jardins, automóveis, amizades, etc. e, no entanto, continuar sendo no íntimo, rude, tosco e desajeitado.

Quem sabe viver de momento a momento segue, realmente, pelo caminho do verdadeiro refinamento.

Quem tiver mente receptiva, espontânea, íntegra, alerta, caminhará pela senda do autêntico refinamento.

Quem se abre ao novo, abandonando o peso do passado, os preconceitos, os pré-julgamentos, receios, fanatismos, etc., anda com êxito pelo caminho do legítimo refinamento.

A mente degenerada vive engarrafada no passado, nos preconceitos, no orgulho, no amor próprio, nos pré-julgamentos, etc.

A mente degenerada não sabe ver o novo; não sabe escutar; está condicionada pelo amor próprio.

Os fanáticos do marxismo-leninismo não aceitam o novo; não admitem a quarta característica de todas as coisas, a quarta dimensão, por amor próprio. Querem-se demasiadamente a si mesmos, apegam-se às suas próprias teorias materialistas absurdas.

Quando os colocamos no terreno dos fatos concretos, quando demonstramos a eles o absurdo de seus sofismas, levantam o braço esquerdo, olham os ponteiros de seus relógios de pulso, dão uma desculpa evasiva e se vão.

Essas são mentes degeneradas, mentes decrépitas que não sabem escutar, que não sabem descobrir o novo, que não aceitam a realidade porque estão engarrafadas no amor próprio; são mentes que querem demasiadamente a si mesmas, mentes que nada sabem de refinamentos culturais, mentes toscas, mentes rudes, que só escutam ao seu querido Ego.

A Educação Fundamental ensina a escutar, ensina a viver sabiamente.

Os professores e professoras de escolas, colégios e universidades devem ensinar a seus alunos e alunas o caminho autêntico do verdadeiro refinamento vital.

De nada serve permanecermos dez ou quinze anos em bancos escolares nos colégios e universidades se, ao sairmos de lá, somos internamente verdadeiros porcos em nossos pensamentos, idéias, sentimentos e costumes.

Necessitamos da Educação Fundamental de forma urgente porque as novas gerações significam o começo de uma nova era.

Chegou a hora da verdadeira revolução; chegou o momento da revolução fundamental.

O passado é passado e já deu seus frutos. Precisamos compreender o profundo significado do momento em que vivemos.

Capítulo 11

SABEDORIA E AMOR



A Sabedoria e o Amor são as duas colunas fundamentais de toda verdadeira civilização.

Num prato da balança da justiça devemos colocar a sabedoria; no outro, o amor.

A Sabedoria e o Amor devem equilibrar-se mutuamente; sabedoria sem amor é um elemento destrutivo; amor sem sabedoria, pode nos conduzir ao erro. “Amor é lei, porém amor consciente”.

É necessário estudar muito e adquirir grandes conhecimentos, mas também é urgente desenvolver em nós o Ser Espiritual.

O conhecimento, sem o Ser Espiritual bem desenvolvido em forma harmoniosa dentro de nós, vem a ser a causa disso que se chama cinismo intelectual.

O Ser bem desenvolvido dentro de nós, mas sem conhecimentos intelectuais, dá origem aos “santos estúpidos”.

Um “santo estúpido” tem o Ser Espiritual muito desenvolvido, mas como não tem cultura intelectual, não pode fazer nada porque não sabe “como” fazer.

O santo estúpido tem o poder de fazer, mas não pode fazer porque não sabe como fazer.

O conhecimento intelectual sem o Ser Espiritual bem desenvolvido produz confusão mental, perversidade, orgulho, etc.

Durante a Segunda Guerra Mundial, milhares de cientistas, desprovidos de qualquer sentimento espiritual, em nome da ciência e do bem-estar da humanidade, cometeram crimes espantosos com o propósito de fazer experiências científicas.

Necessitamos formar uma poderosa cultura intelectual, porém tremendamente equilibrada com a verdadeira espiritualidade consciente.

Necessitamos uma ética revolucionária e uma psicologia revolucionária, se de fato quisermos dissolver o “Eu” e desenvolver o legítimo Ser Espiritual em nós.

É lamentável que as pessoas, por falta de amor, utilizem o intelecto de forma destrutiva.

Os alunos e alunas necessitam estudar Ciências, História, Geografia, Matemática, Química, etc.

É necessário adquirir conhecimentos vocacionais com o propósito de sermos úteis.

Estudar é necessário; acumular conhecimentos básicos é indispensável; mas o medo não é indispensável.

Muitas pessoas acumulam conhecimentos por medo; medo da vida, medo da morte, medo da fome, medo da miséria, medo do que os outros vão dizer, etc., e estudam por esse motivo.

Devemos estudar por amor a nossos semelhantes, por querer servi-los melhor, mas jamais estudar por medo.

Na vida prática podemos comprovar que aqueles estudantes que estudam motivados pelo medo, mais cedo ou mais tarde convertem-se em velhacos.

Temos que ser sinceros conosco mesmos para podermos nos auto-observar e descobrir em nós todos os processos do medo.

Não devemos esquecer jamais que o medo tem muitas faces. Às vezes, o medo se confunde com a coragem. Os soldados nos campos de batalha parecem ser muito corajosos, mas na verdade movem-se e lutam por causa do medo.

O suicida também pode parecer muito corajoso, mas na verdade é um covarde que tem medo da vida.

Todo sujeito troçador aparenta ser muito corajoso na vida, mas no fundo é um covarde.

Os patifes costumam utilizar a profissão e o poder de forma destrutiva. Exemplo: Fidel Castro, em Cuba.

Jamais nos pronunciaríamos contra a experiência da vida prática nem contra o cultivo do intelecto, mas condenamos a falta de amor.

O conhecimento e as experiências da vida se tornam destrutivos quando falta o amor. Quando não existe amor, o Ego costuma capturar as experiências e os conhecimentos intelectuais.

O Ego abusa das experiências e do intelecto quando os utiliza para se fortalecer.

Desintegrando o Ego, o Eu, o Mim Mesmo, as experiências e o intelecto ficam nas mãos do Ser Íntimo, e o abuso torna-se então impossível.

Todo estudante deve orientar-se pelo caminho vocacional e estudar a fundo todas as teorias relacionadas com sua profissão.

O estudo e o intelecto não prejudicam ninguém, mas não devemos abusar do intelecto.

Necessitamos estudar para não abusarmos da mente. Abusa da mente quem quer estudar todas as teorias das distintas profissões, quem quer prejudicar os outros com o intelecto, quem exerce violência sobre a mente alheia, etc.

Para ter uma mente equilibrada é necessário estudar os assuntos profissionais e os assuntos espirituais.

É urgente chegar à síntese intelectual e à síntese espiritual, se de fato quisermos ter uma mente equilibrada.

Os professores de todas as escolas, de todos os níveis, devem estudar a psicologia revolucionária gnóstica, se verdadeiramente quiserem conduzir seus alunos pelo caminho da Educação Fundamental.

É necessário que os estudantes adquiram o Ser Espiritual, desenvolvam em si mesmos o Ser Verdadeiro, para que saiam da escola transformados em indivíduos responsáveis e não em patifes estúpidos.

De nada serve a Sabedoria sem o Amor. O intelecto sem amor só produz velhacos.

A sabedoria, em si mesma, é substância atômica, é capital atômico, que só deve ser administrado por indivíduos cheios de verdadeiro amor.

A GENEROSIDADE



É necessário amar e ser amado, mas, para a desgraça do mundo, as pessoas não amam nem são amadas.

Isso que se chama amor é algo desconhecido para as pessoas, que o confundem facilmente com a paixão e com o temor.

Se as pessoas pudessem amar e ser amadas, as guerras seriam completamente impossíveis sobre a face da terra.

Muitos casamentos que poderiam verdadeiramente ser felizes, infelizmente não o são, porque há velhos e antigos ressentimentos acumulados na memória.

Se houvesse generosidade entre os cônjuges, esqueceriam o passado doloroso e viveriam em plenitude, cheios de verdadeira felicidade.

A mente mata o amor, o destrói. As experiências, os velhos desgostos, os ciúmes antigos, tudo isso, acumulado na memória, destrói o amor.

Muitas esposas ressentidas poderiam ser felizes se tivessem suficiente generosidade para esquecer o passado e viver o presente adorando o seu marido.

Muitos maridos poderiam ser verdadeiramente felizes com suas mulheres se tivessem generosidade suficiente para perdoar os velhos erros e lançar no esquecimento as rugas e os dissabores guardados na memória.

É necessário, é urgente que os casais compreendam o profundo significado do momento.

Maridos e mulheres devem sempre sentir-se como recém-casados, esquecendo o passado e vivendo alegremente no presente.

O amor e os ressentimentos são substâncias atômicas incompatíveis. No amor não pode existir ressentimentos de qualquer espécie. O amor é eterno perdão...

Existe amor naqueles indivíduos que sentem verdadeira angústia pelos sofrimentos dos seus amigos e dos seus inimigos.

Existe amor verdadeiro naqueles que trabalham de todo coração pelo bem-estar dos humildes, dos pobres e dos necessitados.

Existe amor naquele que de forma espontânea e natural sente simpatia pelo camponês que rega o sulco da terra com o seu suor, pelo aldeão que sofre, pelo mendigo que pede esmolas, pelo cachorro que sofre, doente, a morrer de fome à beira do caminho.

Existe autêntica generosidade, verdadeiro amor e verdadeira simpatia quando, de forma natural e espontânea, cuidamos da árvore e regamos as flores do jardim sem que ninguém nos peça.

Para infelicidade do mundo as pessoas não têm verdadeira generosidade. As pessoas preocupam-se apenas por suas próprias metas egoístas, desejos, sucessos, conhecimentos, experiências, sofrimentos, prazeres, etc.

No mundo existem muitas pessoas que só possuem falsa generosidade. Existe falsa generosidade no político astuto, que esbanja dinheiro com o propósito egoísta de conseguir poder, prestígio, posição, riquezas, etc.

Não devemos confundir gato com lebre. A verdadeira generosidade é absolutamente desinteressada, mas facilmente se confunde com a falsa generosidade egoísta das raposas políticas, dos velhacos capitalistas, dos devassos que cobiçam a mulher, etc.

Devemos ser generosos de coração. A generosidade verdadeira não é da mente; a generosidade autêntica é o perfume do coração.

Se as pessoas tivessem generosidade, esqueceriam todos os ressentimentos acumulados na memória, todas as experiências dolorosas dos muitos ontens e aprenderiam a viver, de momento em momento, sempre felizes, sempre generosas, cheias de verdadeira sinceridade.

Infelizmente, o Eu é memória e vive no passado, quer sempre voltar ao passado. O passado acaba com as pessoas, destrói a felicidade, mata o amor.

A mente engarrafada no passado jamais pode compreender de forma íntegra o profundo significado do momento em que vivemos.

São muitas as pessoas que nos escrevem procurando consolo, pedindo um bálsamo precioso para curar seu coração dolorido, mas são poucos aqueles que se preocupam por consolar o aflito.

São muitas as pessoas que nos escrevem para relatar o estado miserável em que vivem, mas são poucos aqueles que repartem o único pão que têm para se alimentar compartilhando-o com outros necessitados.

As pessoas não querem entender que por trás de todo efeito existe uma causa e que só alterando a causa modificamos o efeito.

O Eu, nosso querido Eu, é energia que viveu em nossos antepassados e que originou certas causas pretéritas, cujos efeitos presentes condicionam nossa existência.

Necessitamos de generosidade para modificar causas e transformar efeitos. Necessitamos generosidade para dirigir sabiamente o barco de nossa existência. Necessitamos generosidade para transformar radicalmente nossa própria vida.

A legítima e efetiva generosidade não é da mente. A autêntica simpatia e o afeto verdadeiro e sincero jamais podem ser o resultado do medo.

É necessário compreender que o medo destrói a simpatia, acaba com a generosidade do coração e aniquila em nós o perfume delicioso do Amor.

O medo é a raiz de toda corrupção, a origem secreta de toda guerra, o veneno mortal que degenera e mata.

Os professores e professoras de escolas, colégios e universidades devem compreender a necessidade de encaminhar seus alunos e alunas pelo caminho da generosidade verdadeira, do valor e da sinceridade do coração.

As pessoas rançosas e estúpidas da geração passada, em vez de compreender o que é esse veneno do medo, o cultivaram como uma fatal flor de estufa. O resultado foi a corrupção, o caos e a anarquia.

Os professores e professoras devem compreender a hora em que vivemos, o estado crítico em que nos encontramos e a necessidade de educar as novas gerações sobre a base de uma ética revolucionária que esteja sintonizada com a era atômica que nestes instantes de angústia e de dor está se iniciando por entre o augusto soar do pensamento.

A Educação Fundamental se baseia em uma psicologia revolucionária e em uma ética revolucionária, de acordo com o ritmo vibratório da nova era.

O sentido da cooperação deverá substituir totalmente o horrível batalhar da competição egoísta. É impossível saber cooperar quando excluímos o princípio da generosidade efetiva e revolucionária.

É urgente compreender de forma íntegra, não só no nível intelectual, mas também nos diferentes aspectos da mente inconsciente e subconsciente, o que é a falta de generosidade e o horror do egoísmo.

Só fazendo consciência do que é em nós a falta de generosidade e o egoísmo é que brotará em nosso coração a fragrância deliciosa do verdadeiro amor e da efetiva generosidade que não é da mente.

Capítulo 13

COMPREENSÃO E MEMÓRIA



Recordar é lembrar-se do que foi armazenado na mente: o que vimos e ouvimos, o que lemos, o que outras pessoas disseram, o que nos aconteceu, etc.

Os professores e professoras querem que seus alunos e alunas armazenem na memória suas palavras, suas frases, o que está escrito nos textos escolares, capítulos inteiros, tarefas opressoras com todos seus pontos e vírgulas, etc.

Passar nos exames significa rememorar o que nos disseram, o que lemos mecanicamente, verbalizar de memória, repetir como papagaios tudo o que temos armazenado na memória.

É preciso que a nova geração entenda que repetir como disco todas as gravações feitas na memória não significa ter entendido a fundo.

Recordar não é compreender. De nada serve recordar sem compreender. A lembrança pertence ao passado; é algo morto, algo que já não tem vida.

É indispensável, urgente e de palpitante atualidade que todos os alunos e alunas de escolas, colégios e universidades entendam realmente o grande significado da compreensão profunda.

Compreender é algo imediato, direto, algo que vivenciamos intensamente, que experimentamos bem profundamente e que inevitavelmente vem a se converter em verdadeiro recurso íntimo da ação consciente.

Recordar, rememorar, é algo morto, pertence ao passado, e, infelizmente, converte-se em ideal, em lema, em idéia, em idealismo que queremos imitar mecanicamente e seguir inconscientemente.

Na verdadeira compreensão, na compreensão profunda, na compreensão íntima de base, só há a pressão íntima da consciência, a pressão constante nascida da Essência que temos dentro de nós; isso é tudo.

A autêntica compreensão manifesta-se como ação espontânea, natural, simples, livre do deprimente processo da escolha; pura e sem indecisões de espécie alguma. A compreensão, convertida em mola secreta da ação, é formidável, maravilhosa, edificante e essencialmente dignificante.

A ação, baseada na recordação do que lemos, do ideal que aspiramos, da norma de conduta que nos ensinaram, das experiências acumuladas na memória, etc., é calculista, dependente da deprimente opção; é dualista, baseia-se na escolha conceitual e só conduz, inevitavelmente, ao erro e à dor.

Isso de acomodar a ação à recordação, isso de tratar de modificar a ação para que coincida com as recordações acumuladas na memória, é algo artificioso, absurdo, sem espontaneidade e que, inevitavelmente, só pode nos conduzir ao erro e à dor.

Passar nos exames, passar de ano, é algo que qualquer mentecapto, que tenha uma boa dose de astúcia e memória, pode fazer.

Compreender as matérias que se estudou, e nas quais vão nos examinar, é algo bem diferente; não tem nada a ver com a memória, e pertence à verdadeira inteligência, que não deve ser confundida com o intelectualismo.

Aquelas pessoas que querem embasar todos os atos de sua vida nos ideais, teorias e recordações de toda espécie acumuladas nas garrafas da memória, andam sempre de comparação em comparação; onde existe comparação existe também a inveja.

Essa gente compara seus familiares, seus filhos, com os filhos do vizinho, com as pessoas da vizinhança. Comparam sua casa, seus móveis, suas roupas, todas as suas coisas com as coisas do vizinho, da vizinhança e dos demais. Comparam suas idéias, a inteligência dos seus filhos, com as idéias e a inteligência de outras pessoas. Então, vem a inveja que se converte na mola secreta da ação.

Para desgraça do mundo, todo o mecanismo da sociedade se baseia na inveja e no espírito aquisitivo. Todo mundo inveja a todo mundo. Invejamos as idéias, as coisas, as pessoas, etc. Estamos sempre querendo dinheiro e mais dinheiro, novas teorias e novas idéias que acumulamos na memória, novas coisas para deslumbrar os nossos semelhantes, etc.

Na compreensão verdadeira, legítima, autêntica, existe verdadeiro amor - e não mera verbalização da memória.

As coisas que dependem de recordação, aquilo que se confia à memória, logo caem no esquecimento porque a memória é infiel.

Os estudantes depositam nos armazéns da memória, ideais, teorias, textos completos, que de nada servem na vida prática, porque, no fim, desaparecem da memória sem deixar rastro algum.

As pessoas que vivem lendo e lendo mecanicamente, as pessoas que gozam armazenando teorias nas garrafas da memória, destroem a mente, danificam-na miseravelmente.

Nós não nos pronunciamos contra o verdadeiro estudo, profundo e consciente, baseado na compreensão de fundo.

Nós apenas condenamos os métodos antiquados da pedagogia extemporânea. Condenamos todo sistema mecânico de estudo, toda memorização. A recordação fica sobrando onde há verdadeira compreensão.

Necessitamos estudar, necessitamos de livros úteis, necessitamos de professores e professoras de escolas, colégios e universidades; necessitamos de gurus, de guias espirituais, de mahatmas, etc.

Mas precisamos também compreender, de forma integral, os ensinamentos, e não depositá-los meramente nas garrafas da memória infiel.

Jamais conseguiremos ser verdadeiramente livres enquanto tivermos o mau gosto de comparar a nós mesmos com a recordação acumulada na memória, com o ideal, com o que ambicionávamos chegar a ser e não somos, etc.

Quando verdadeiramente compreendemos os ensinamentos recebidos, não precisamos mais nos lembrar deles de memória, nem convertê-los em ideais.

Onde existe comparação do que somos aqui e agora com o que queremos chegar a ser mais tarde, onde existe comparação de nossa vida prática com o ideal, o modelo ao qual queremos nos acomodar, não pode existir verdadeiro amor.

Toda comparação é abominável, toda comparação traz medo, inveja, orgulho, etc. Medo de não conseguir o que se quer, inveja do progresso alheio, orgulho por nos acharmos superiores aos demais, etc.

O importante na vida prática em que vivemos, sejamos feios, invejosos, egoístas, cobiçosos, etc., é não nos presumirmos de santos.

Devemos partir do zero absoluto e compreender a nós mesmos profundamente, tal como somos, e não como gostaríamos de chegar a ser ou como nos presumimos ser.

É impossível dissolver o eu, o mim mesmo, se não aprendermos a nos observar para perceber e para compreender o que realmente somos, aqui e agora, de forma efetiva e absolutamente prática.

Se realmente queremos compreender, temos de escutar nossos professores, professoras, gurus, sacerdotes, preceptores, guias espirituais, etc.

Os rapazes e moças da nova onda perderam o sentimento de respeito e de veneração aos pais, professores, professoras, guias espirituais, gurus, mahatmas, etc.

É impossível compreender os ensinamentos quando não sabemos venerar e respeitar nossos pais, nossos preceptores ou guias espirituais.

A simples recordação mecânica do que aprendemos de memória, sem uma compreensão de fundo, mutila a mente e o coração - e gera inveja, medo, orgulho, etc.

Quando de verdade sabemos escutar de forma consciente e profunda, surge dentro de nós um poder maravilhoso, uma compreensão formidável, natural, simples, livre de todo processo mecânico, livre de toda cerebrização e livre de toda recordação.

Quando livrarmos o cérebro do estudante do enorme esforço de memória que tem de realizar, será totalmente possível ensinar a estrutura do núcleo e a tabela periódica dos elementos aos alunos do primeiro grau, bem como fazer um bacharel compreender a teoria quântica e da relatividade.

Quando dialogamos com alguns professores e professoras de escola secundária, compreendemos que se aferram com verdadeiro fanatismo à velha pedagogia antiquada e extemporânea. Querem que os alunos e alunas aprendam tudo de memória, ainda que não compreendam.

Às vezes, aceitam que seria melhor compreender do que memorizar, mas insistem que as fórmulas de física, química, matemática, etc., devem ser gravadas na memória.

É claro que tal concepção é falsa, porque quando uma fórmula de física, química ou matemática é devidamente compreendida, não apenas

no nível intelectual como também nos outros níveis da mente, como o inconsciente, o subconsciente, o infraconsciente, etc., não precisa ser memorizada; ela vem a fazer parte da nossa mente e pode se manifestar como conhecimento instintivo e imediato quando as circunstâncias da vida o exigirem.

Este conhecimento íntegro vem nos dar uma forma de onisciência, um modo de manifestação consciente e objetivo.

A compreensão de fundo e em todos os níveis da mente só é possível através da meditação introspectiva profunda.

Capítulo 14 INTEGRAÇÃO



Um dos maiores objetivos da psicologia é chegar à integração total.

Se o Ego fosse individual, o problema da integração psicológica seria resolvido com suma facilidade, mas, para a desgraça do mundo, o Eu existe dentro de cada pessoa de forma pluralizada.

O Eu Pluralizado é a causa fundamental de todas as nossas íntimas contradições.

Se pudéssemos nos ver de corpo inteiro num espelho, tal como somos psicologicamente, com todas as nossas íntimas contradições, chegaríamos à penosa conclusão que não temos ainda verdadeira individualidade.

O organismo humano é uma máquina maravilhosa, controlada pelo eu pluralizado, que é estudado a fundo pela psicologia revolucionária.

“Vou ler o jornal”, diz o eu intelectual. “Não, quero ir à festa”, exclama o eu emocional. “Ao diabo com a festa”, grunhe o eu do movimento; “melhor dar um passeio”. “Eu não quero passear”, grita o eu do instinto de conservação; “estou com fome; vou comer”.

Cada um dos pequenos eus que constituem o Ego quer mandar, ser o patrão, o senhor.

À luz da psicologia revolucionária, podemos compreender que o eu é legião e que o corpo humano é uma máquina.

Os pequenos eus brigam entre si, lutam pela supremacia; cada um quer ser o chefe, o amo, o senhor.

Isto explica o lamentável estado de desintegração psicológica em que vive o pobre animal intelectual equivocadamente chamado homem.

É preciso compreender o que significa a palavra “desintegrar” em psicologia. Desintegrar é desbaratar, dispersar, desgarrar, contradizer, etc.

A principal causa da desintegração psicológica é a inveja, que costuma se manifestar, às vezes, de forma sutil e deliciosa.

A inveja é polifacética; existem milhares de razões para justificá-la. A inveja é a mola secreta de toda a maquinaria social. Os imbecis adoram justificar a inveja.

O rico inveja o rico e quer ser mais rico. Os pobres invejam os ricos e também querem ser ricos. O escritor inveja o escritor e quer escrever melhor. O que tem muita experiência inveja o que tem mais experiência e deseja ter mais do que ele.

As pessoas não se contentam em ter casa, comida e roupa. A inveja do automóvel alheio, da casa alheia, da roupa do vizinho, do dinheiro do amigo ou do inimigo, etc., é a mola secreta que produz desejos de melhorar, de adquirir coisas e mais coisas, vestidos, roupas, virtudes, etc., para não sermos menos que os outros.

O mais trágico de tudo isso é que o processo acumulativo de experiências, virtudes, coisas, dinheiro, etc., robustece o eu pluralizado, intensificando-se dentro de nós mesmos as contradições íntimas, as espantosas dilacerações, as cruéis batalhas em nosso foro interno, etc.

Tudo isso é dor. Nada disso pode trazer verdadeiro contentamento ao coração aflito. Tudo isso produz aumento de crueldade em nossa psique, multiplicação da dor, descontentamento cada vez mais e mais profundo.

O eu pluralizado sempre encontra justificativas até para os piores delitos; a esse processo de invejar, adquirir, acumular, conseguir, ainda que seja às custas do trabalho alheio, chama de evolução, progresso, avanço, etc.

As pessoas têm a consciência adormecida e não se dão conta que são invejosas, cruéis, cobiçosas e ciumentas. Quando, por algum motivo, chegam a se dar conta de tudo isto, terminam se justificando, buscando evasivas, condenando, mas não compreendem.

A inveja é difícil de ser descoberta, devido ao fato concreto de que a mente humana é invejosa. A estrutura da mente se baseia na inveja e na aquisição.

A inveja começa nos bancos escolares. Invejamos a maior inteligência dos nossos colegas, as melhores notas, as melhores roupas, os melhores vestidos, os melhores sapatos, a melhor bicicleta, os tênis, o celular, etc.

Os professores e professoras, chamados a formar a personalidade dos alunos e alunas, precisam compreender o que são os infinitos processos da inveja e estabelecer dentro da mente de seus estudantes o fundamento adequado para a compreensão.

A mente, invejosa por natureza, só pensa em função do mais. Eu posso explicar melhor, eu tenho mais conhecimentos, eu sou mais inteligente, eu tenho mais virtudes, sou mais santo, tenho mais perfeições, mais evolução, etc.

Todo o funcionamento da mente se baseia no mais. O mais é a mola íntima e secreta da inveja.

O mais é o processo comparativo da mente. Todo processo comparativo é abominável. Exemplo: Eu sou mais inteligente que você. Fulano de tal é mais virtuoso do que você. Fulano de tal é melhor que você, mais sábio, mais bondoso, mais bonito, etc.

O mais cria o tempo. O eu pluralizado precisa de tempo para ser melhor que o vizinho; para mostrar à família que é genial e que pode chegar a ser alguém na vida, para mostrar aos seus inimigos ou àqueles que inveja que é mais inteligente, mais poderoso, mais forte, etc.

O pensamento comparativo baseia-se na inveja e produz isso que se chama descontentamento, amargura, desassossego...

Infelizmente, as pessoas vão de um oposto ao outro, de um extremo ao outro, não sabem caminhar pelo meio. Muitos lutam contra o descontentamento, a inveja, a cobiça, os ciúmes, mas a luta contra o descontentamento não traz jamais o verdadeiro contentamento do coração.

É urgente compreender que o verdadeiro contentamento do coração tranqüilo não se compra nem se vende. Ele só nasce em nós com inteira naturalidade e de forma espontânea quando compreendemos a fundo as próprias causas do descontentamento: ciúmes, inveja, cobiça, etc.

Aqueles que querem conseguir dinheiro, boa posição social, virtudes, satisfações de toda espécie, etc., com o propósito de alcançar o

verdadeiro contentamento, estão totalmente equivocados, porque tudo isso se baseia na inveja; o caminho da inveja não pode jamais conduzir ao porto do coração tranqüilo e contente.

A mente engarrafada no eu pluralizado faz da inveja uma virtude e até se dá ao luxo de dar-lhe nomes magníficos: progresso, evolução espiritual, desejo de superação, luta pela dignidade, etc.

Tudo isso produz desintegração, íntimas contradições, lutas secretas, problemas de difícil solução, etc.

É difícil achar na vida alguém que seja verdadeiramente íntegro, no sentido mais completo da palavra.

É totalmente impossível conseguir a integração total enquanto existir dentro de nós mesmos o eu pluralizado.

É urgente compreender que dentro de cada pessoa existem três fatores básicos: O primeiro é a personalidade, o segundo é o eu pluralizado e o terceiro é o material psíquico, isto é, a própria essência da pessoa.

O eu pluralizado gasta estupidamente o material psicológico em explosões atômicas de inveja, ciúmes, cobiça, etc. É necessário dissolver o eu pluralizado com o propósito de acumular o material psíquico para estabelecer em nosso interior um centro permanente de consciência.

Quem não possui um centro permanente de consciência não pode ser íntegro. Só o centro permanente de consciência nos dá verdadeira individualidade. Só o centro permanente de consciência nos faz íntegros.

Capítulo 15

A SIMPLICIDADE



É urgente, indispensável, desenvolver a compreensão criadora, porque ela traz ao ser humano a verdadeira liberdade de viver. Sem compreensão, é impossível conseguir a autêntica faculdade crítica da análise profunda.

Os professores e professoras das escolas, colégios e universidades devem conduzir seus alunos e alunas pelo caminho da compreensão autocrítica.

No capítulo anterior examinamos amplamente os processos da inveja; se quisermos acabar com todos os matizes dos ciúmes, sejam eles religiosos, passionais, etc., devemos fazer plena consciência do que realmente é a inveja, porque só compreendendo a fundo e de forma íntima os infinitos processos da inveja, conseguiremos acabar com os ciúmes de todo tipo.

Os ciúmes destroem os casamentos, destroem as amizades, provocam guerras religiosas, ódios fratricidas, assassinatos e sofrimentos de toda espécie.

A inveja, com todos os seus infinitos matizes, esconde-se atrás de sublimes propósitos.

Existe inveja naquele que, tendo sido informado da existência de sublimes santos, mahatmas ou gurus, deseja também chegar a ser santo.

Existe inveja no filantropo que se esforça por superar a outros filantropos.

Existe inveja em todo indivíduo que cobiça as virtudes alheias porque teve informações ou porque em sua mente há dados sobre a existência de indivíduos sagrados cheios de virtudes.

O desejo de ser santo, o desejo de ser virtuoso e o desejo de ser grande, têm por fundamento a inveja.

Os santos com suas virtudes também causaram muitos danos.

Vem-nos à memória o caso de um homem que se considerava muito santo. Em certa ocasião, um poeta faminto e miserável bateu à sua porta para lhe entregar um belo verso, especialmente dedicado ao santo do nosso relato.

O poeta só esperava uma moeda para comprar comida para seu corpo exausto e envelhecido.

Dito poeta esperava tudo do santo, menos um insulto. Foi grande a sua surpresa quando o santo, com um olhar piedoso e a testa franzida, fechou a porta em sua cara, dizendo: Fora daqui, amigo! Anda, anda! Não me agradam estas coisas; não gosto de elogios... Não me agradam as vaidades do mundo; esta vida é ilusão... Eu sigo a senda da humildade e da modéstia.

O infeliz poeta, que só esperava uma moeda, no lugar dela recebeu o insulto do santo, a palavra que fere, a bofetada. Com o coração dolorido

e a lira feita em pedaços, afastou-se pelas ruas da cidade caminhando a passos lentos...

A nova geração deve ser levantada sobre a base da autêntica compreensão porque esta é totalmente criadora.

A memória e a recordação não são criadoras. A memória é o sepulcro do passado. A memória e a recordação são morte.

A verdadeira compreensão é o fator psicológico da libertação total.

As lembranças da memória jamais poderão nos trazer verdadeira libertação, porque pertencem ao passado; portanto, estão mortas.

A compreensão não é coisa do passado, nem do futuro. A compreensão pertence ao momento que estamos vivendo, aqui e agora. A memória sempre traz a idéia do passado.

É urgente estudar ciência, filosofia, arte e religião, mas não se deve confiar os estudos à fidelidade da memória, porque ela não é fiel.

É absurdo depositar os conhecimentos no sepulcro da memória. É estúpido enterrar na fossa do passado os conhecimentos que precisam de compreensão.

Nós jamais poderíamos nos pronunciar contra o estudo, contra a sabedoria, contra a ciência, porém é incongruente depositar as jóias vivas do conhecimento no corrompido sepulcro da memória.

Faz-se necessário estudar, investigar e analisar, mas devemos meditar profundamente para compreender em todos os níveis da mente.

O homem verdadeiramente simples é profundamente compreensivo e tem mente simples.

O importante na vida não é o que conseguimos acumular no sepulcro da memória, e sim o que tenhamos compreendido, não só no nível intelectual como também nos distintos terrenos subconscientes e inconscientes da mente.

A ciência e o saber devem se converter em compreensão imediata. Quando o conhecimento e o estudo se transformam em autêntica compreensão criadora, poderemos saber todas as coisas de imediato, porque o entendimento torna-se imediato, instantâneo.

Na mente do homem simples não existem complicações; toda a complicação da mente é devido à memória. O maquiavélico eu que levamos dentro é memória acumulada.

As experiências da vida devem se transformar em compreensão verdadeira. Quando as experiências não se convertem em compreensão, quando as experiências permanecem na memória, constituem a podridão do sepulcro sobre o qual arde a chama fátua e luciférica do intelecto animal.

É preciso que se saiba que o intelecto animal, desprovido totalmente de espiritualidade, é tão só a verbalização da memória, a candeia sepulcral ardendo sobre a lousa funeral.

O homem simples tem a mente livre de experiências, porque elas se tornaram consciência, se transformaram em compreensão criadora.

A morte e a vida estão intimamente associadas. Só morrendo o grão, nasce a planta. Só morrendo a experiência, nasce a compreensão. Este é um processo de autêntica transformação.

O homem complicado tem a memória cheia de experiências. Isto demonstra sua falta de compreensão criadora, porque quando as experiências são inteiramente compreendidas em todos os níveis da mente, deixam de existir como experiências e nascem como compreensão.

Primeiro é preciso experimentar, mas não devemos ficar no terreno da experiência, porque então a mente se complica e se torna difícil.

É necessário viver a vida intensamente e transformar todas as experiências em autêntica compreensão criadora.

Aqueles que supõem, equivocadamente, que para sermos compreensivos, simples e humildes temos de abandonar o mundo, nos converter em mendigos, viver em cabanas isoladas e vestir farrapos em vez de roupas elegantes, estão totalmente equivocados.

Muitos anacoretas, muitos ermitões solitários, muitos mendigos, têm a mente complicadíssima.

É inútil afastar-se do mundo e viver como anacoretas se a mente está cheia de experiências que condicionam o livre fluir do pensamento.

É inútil viver como ermitão, querendo levar vida de santo, se a memória está repleta de informações que não foram devidamente compreendidas, que não se tornaram consciência nos distintos esconderijos, corredores ou regiões inconscientes da mente.

Aqueles que transformam as informações intelectuais em verdadeira compreensão criadora, aqueles que transformam as experiências da vida em verdadeira e profunda compreensão, nada têm na memória; vivem de momento a momento, cheios de verdadeira plenitude.

Estes se tornaram simples e humildes, ainda que vivam em suntuosas residências e dentro do perímetro da vida urbana.

As crianças, antes dos sete anos, estão cheias de simplicidade e de verdadeira beleza interior, devido a que só se expressa através delas a vívida essência da vida, em ausência total do eu psicológico.

Precisamos reconquistar a infância perdida em nosso coração e em nossa mente. Temos que reconquistar a inocência, se é que de verdade queremos ser felizes.

As experiências e o estudo, transformados em compreensão profunda, não deixam resíduos no sepulcro da memória; então nos tornamos humildes, simples, inocentes e felizes.

A meditação profunda acerca das experiências e conhecimentos adquiridos, a profunda autocrítica e a psicanálise íntima convertem ou transformam tudo em profunda compreensão criadora.

Este é o caminho da autêntica felicidade nascida da sabedoria e do amor.

Capítulo 16

O ASSASSINATO



Matar é evidentemente e fora de toda dúvida o ato mais destrutivo e de maior corrupção que se conhece no mundo.

A pior forma de assassinato consiste na destruição da vida de nossos semelhantes.

Espantosamente horrível é o caçador que com seu rifle assassina as inocentes criaturas da mata.

Porém mil vezes mais monstruoso, mil vezes mais abominável é aquele que assassina seus semelhantes.

Não só se mata com metralhadoras, escopetas, canhões, pistolas, bombas atômicas, etc., como também se mata com o olhar que fere o coração, com o olhar humilhante, cheio de desprezo, cheio de ódio.

Também se mata com uma ação ingrata, com uma ação negativa, tenebrosa, com um insulto ou com a palavra que fere.

O mundo está cheio de parricidas, matricidas ingratos, que assassinaram seus pais e mães, seja com seus olhares, seja com suas palavras ou com suas cruéis ações.

O mundo está cheio de homens que sem saber assassinaram suas mulheres, e de mulheres que sem saber assassinaram seus maridos.

Para o cúmulo da desgraça, neste mundo cruel em que vivemos, o ser humano mata aquilo que mais ama.

Não só de pão vive o homem, mas também de diferentes fatores psicológicos.

São muitos os maridos que poderiam ter vivido mais se suas esposas tivessem permitido.

São muitas as esposas que poderiam ter vivido mais se seus maridos tivessem permitido.

São muitos os pais e mães de família que poderiam ter vivido mais se seus filhos e filhas tivessem permitido.

A enfermidade que leva nosso querido parente à sepultura tem por *causa causorum* as palavras que matam, os olhares que ferem, as ações ingratas, etc.

Esta sociedade caduca e degenerada está cheia de assassinos inconscientes que se julgam inocentes.

As prisões estão cheias de assassinos, mas a pior espécie de criminoso se julga inocente e anda livre.

Nenhuma forma de assassinato pode ter justificativa. Com o ato de matar não se resolve nenhum problema na vida.

As guerras jamais resolveram problema algum. Bombardeando-se cidades indefesas e assassinando-se milhões de pessoas não se resolve nada.

A guerra é algo demasiado rude, tosco, monstruoso, abominável. Milhões de máquinas humanas adormecidas, inconscientes, estúpidas, lançam-se à guerra com o propósito de destruir a outros tantos milhões de máquinas humanas inconscientes.

Muitas vezes, basta uma catástrofe planetária no cosmo ou uma péssima posição dos astros no céu para que milhões de homens se lancem à guerra.

As máquinas humanas não têm consciência de nada e movem-se de forma destrutiva quando certo tipo de ondas cósmicas as atinge secretamente.

Se as pessoas despertassem a consciência, se desde os bancos escolares os alunos e alunas fossem educados sabiamente, levando-os à compreensão consciente do que é a inimizade e a guerra, um outro galo cantaria; ninguém se lançaria à guerra e as ondas catastróficas do cosmo seriam usadas de forma diferente.

A guerra cheira a canibalismo, a vida das cavernas, a bestialidade do pior tipo, a arco, flecha e lança, a orgia de sangue...

Sob todos os pontos de vista a guerra é incompatível com a civilização.

Na guerra, todos os homens são covardes, medrosos. Os heróis, cheios de medalhas, são precisamente os mais covardes, os mais medrosos.

O suicida também parece ser muito valente, mas é um covarde porque teve medo da vida.

O herói, no fundo, é um suicida; num instante de supremo terror cometeu a loucura do suicida.

A loucura do suicida confunde-se facilmente com a coragem do herói.

Se observarmos cuidadosamente a conduta do soldado durante a guerra, suas maneiras, seu olhar, suas palavras, seus passos na batalha, poderemos evidenciar a sua covardia total.

Os professores e professoras das escolas, colégios e universidades devem ensinar aos seus alunos e alunas a verdade sobre a guerra. Devem levar seus alunos e alunas a experimentar conscientemente essa verdade.

Se as pessoas tivessem plena consciência do que é esta tremenda verdade da guerra, se os professores e professoras soubessem educar sabiamente seus discípulos e discípulas, nenhum cidadão se deixaria levar para o matadouro.

A Educação Fundamental deve ser ensinada agora mesmo em todas as escolas, colégios e universidades porque é precisamente a partir dos bancos escolares que se começa a trabalhar pela paz.

É urgente que as novas gerações se façam plenamente conscientes do que é a barbárie e do que é a guerra.

A inimizade e a guerra devem ser compreendidas em todos os seus aspectos, nas escolas, colégios e universidades.

As novas gerações devem compreender que os velhos, com suas idéias rançosas e estúpidas, sacrificam sempre os jovens, levando-os como bois ao matadouro.

Os jovens não devem se deixar convencer pela propaganda belicosa nem pelas razões dos velhos, porque a uma razão se opõe outra razão; e a uma opinião se opõe outra e nem razões nem opiniões são a verdade sobre a guerra.

Os velhos têm milhares de razões para justificar a guerra e levar os jovens ao matadouro.

O importante não são os argumentos sobre a guerra, mas experimentar a verdade do que é a guerra.

Nós não nos pronunciamos contra a razão nem contra a análise, apenas queremos dizer que primeiro devemos experimentar a verdade sobre a guerra e depois sim dar-nos ao luxo de raciocinar e analisar.

É impossível experimentar a verdade do NÃO MATAR se excluirmos a meditação íntima profunda.

Somente a meditação profunda pode nos levar a experimentar a verdade sobre a guerra.

Os professores e professoras não devem dar só informação intelectual a seus alunos e alunas. Os professores devem ensinar seus estudantes a manejar a mente, a experimentar a verdade.

Esta raça caduca e degenerada já não pensa senão em matar. Isso de matar e matar é próprio de uma raça humana degenerada.

Através da televisão e do cinema, os agentes do delito propagam suas idéias criminosas.

Os jovens da nova geração recebem diariamente, através do vídeo da televisão, das histórias infantis, do cinema, das revistas, etc., uma boa e venenosa dose de assassinatos, tiroteios, crimes espantosos, etc.

Não se consegue ligar a televisão sem toparmos com palavras de ódio, luxúria, balaços, perversidades, etc.

Os governos da Terra nada estão fazendo contra a propagação do delito. As mentes das crianças e dos jovens estão sendo conduzidas pelos agentes do delito para o caminho do crime.

A idéia de matar já está tão propagada, já está tão difundida por meio dos filmes, novelas, etc., que já se tornou totalmente familiar para todo mundo.

Os rebeldes da nova era foram educados para o crime e matam pelo prazer de matar, e gozam vendo os outros morrerem. Assim aprenderam na televisão em casa, no cinema, nas novelas, nas revistas, etc.

Por todas as partes reina o delito e os governos nada fazem para corrigir o instinto de matar a partir de suas próprias raízes.

Cabe aos professores e professoras de escolas, colégios e universidades dar o grito de alerta e revolver céus e terra para corrigir esta epidemia mental.

Torna-se urgente que os professores e professoras das escolas, colégios e universidades dêem o brado de alerta e peçam a todos os governos da terra a proibição disso tudo no cinema, na televisão, etc.

O crime está se multiplicando terrivelmente devido a todos esses espetáculos de sangue; desse jeito chegará o dia em que ninguém poderá circular livremente pelas ruas sem medo de ser assassinado [é o que ocorre no Brasil nos dias atuais nos grandes centros urbanos].

O rádio, o cinema, a televisão, as revistas fizeram tanta propaganda do assassinato, o tornaram tão agradável às mentes débeis e degeneradas que ninguém mais sente remorso ao meter um balaço ou uma punhalada em outra pessoa.

À força de tanta propaganda do delito de matar, as mentes débeis se familiarizaram demasiado com o crime e agora até se dão ao luxo de matar para imitar o que viram no cinema ou na televisão.

Os professores e professoras, que são os educadores do povo, estão obrigados, em cumprimento de seu dever, a lutar pelas novas gerações, pedindo aos governos da terra a proibição dos espetáculos de sangue, enfim o cancelamento de todo tipo de filmes sobre ladrões, assassinatos, etc.

A luta dos professores e professoras deve se estender também às touradas e ao boxe.

O toureiro é o tipo mais covarde e criminoso que existe. O toureiro quer todas as vantagens para si e mata para divertir o público.

O boxeador é o monstro assassino que de forma sádica fere e mata para divertir o público.

Este tipo de espetáculos são cem por cento bárbaros e estimulam as mentes para o caminho do crime. Se quisermos de verdade lutar pela paz do mundo, devemos começar uma campanha de fundo contra os espetáculos de violência e de sangue.

Enquanto existirem dentro da mente humana os fatores destrutivos haverá guerras, inevitavelmente.

Dentro da mente humana estão os fatores que causam a guerra. Estes fatores são o ódio e a violência em todos os seus aspectos; são o egoísmo, a ira, o medo, os instintos criminosos; são as idéias belicosas propagadas pela televisão, pelo rádio, pelo cinema, etc.

A propaganda pela paz, o prêmio Nobel da paz, resultam absurdos, pois os fatores psicológicos que causam as guerras continuam existindo dentro do homem.

Atualmente, muitos assassinos já receberam o prêmio Nobel da Paz.

Capítulo 17

A PAZ



A paz não pode vir através da mente porque não é da mente. A paz é o delicioso perfume do coração tranqüilo.

A paz não é coisa de projetos, polícia internacional, ONU, OEA, tratados internacionais ou de exércitos invasores que lutam em nome da paz.

Se realmente queremos paz verdadeira, devemos aprender a viver como a sentinela em tempo de guerra, sempre alerta e vigilante, com a mente pronta e flexível, porque a paz não é questão de fantasias românticas ou de sonhos bonitos.

Se não aprendemos a viver em estado de alerta de momento a momento, o caminho que conduz à paz torna-se impossível, estreito, e depois de tornar-se extremamente difícil, vai desembocar por fim num beco sem saída.

É preciso compreender, é urgente saber que a paz autêntica do coração tranqüilo não é uma casa onde podemos chegar e onde nos aguarda alegre uma bela mulher. A paz não é uma meta, um lugar, etc. Perseguir a paz, buscá-la, fazer projetos sobre ela, lutar em nome dela,

fazer propaganda sobre ela, fundar organismos para trabalhar por ela, etc., é totalmente absurdo porque a paz não é da mente, a paz é o maravilhoso perfume do coração tranqüilo.

A paz não se compra nem se vende. A paz não se pode conseguir com sistemas de apaziguamentos, com controles especiais, polícias, etc.

Em alguns países, o exército nacional anda pelos campos destruindo povoados, assassinando gente e fuzilando supostos bandidos. Dizem que tudo isso é em nome da paz. O resultado de semelhante procedimento é a multiplicação da barbárie.

A violência gera mais violência, o ódio produz mais ódio. Não se pode conquistar a paz. A paz não pode ser o resultado da violência. A paz só vem a nós quando dissolvemos o eu, quando destruímos dentro de nós mesmos todos os fatores psicológicos que causam a guerra.

Se quisermos paz, temos que contemplar, temos que estudar, temos que ver o quadro total e não unicamente um lado dele.

A paz nasce em nós quando mudamos radicalmente, de forma íntima.

A questão de controles, de organismos pró paz, pacificações, etc., são detalhes isolados, pontos no oceano da vida, frações ilhadas do quadro total da existência, que jamais poderão resolver o problema da paz em forma radical, total e definitiva.

Devemos olhar o quadro em sua forma completa. O problema do mundo é o problema do indivíduo. Se o indivíduo não tem paz em seu interior, a sociedade, o mundo, viverá inevitavelmente em guerra.

Os professores e professoras de escolas, colégios e universidades devem trabalhar pela paz, a menos que amem a barbárie e a violência.

É urgente, indispensável, assinalar aos alunos e alunas da nova geração o roteiro a seguir, o caminho íntimo que pode conduzir com inteira exatidão à paz autêntica do coração tranqüilo.

As pessoas não sabem compreender realmente o que é a verdadeira paz interior e só querem que ninguém atravesse o seu caminho, que não sejam estorvadas, que não sejam molestadas, ainda que tomem por sua própria conta e risco o direito de estorvar, molestar e amargar a vida de seus semelhantes.

As pessoas jamais experimentaram a paz verdadeira e só têm sobre ela opiniões absurdas, idéias românticas e conceitos equivocados.

Para os ladrões, a paz seria poder roubar impunemente, sem que a polícia atravessasse seu caminho. Para os contrabandistas, a paz seria poder meter seu contrabando em todas as partes sem que as autoridades os impedissem.

Para os exploradores do povo, a paz seria poder vender bem caro, explorando a esquerda e a direita sem que os fiscais do governo os proibissem. Para as prostitutas, a paz seria poder gozar em seus leitos de prazer e explorar todos os homens livremente sem que os fiscais da saúde e da higiene intervissem por motivo algum em suas vidas.

Cada um forma em sua mente cinqüenta mil fantasias absurdas sobre a paz. Cada um quer erguer ao seu redor um muro egoísta de falsas idéias, crenças, opiniões e absurdos conceitos sobre o que é a paz.

Cada um quer paz a seu modo, de acordo com seus caprichos, com seus gostos, seus hábitos, costumes equivocados, etc. Cada um quer se auto-encerrar dentro de um muro protetor fantástico, com o propósito de viver sua própria paz concebida equivocadamente.

As pessoas lutam pela paz, desejam-na, querem-na, porém não sabem que coisa é a paz.

As pessoas só querem não ser estorvadas, poder fazer cada um suas diabruras bem tranqüilamente e à sua maneira. Isto é o que chamam paz.

Não importa que diabruras façam as pessoas, cada um julga que o que faz é bom. As pessoas encontram justificativas até para os piores delitos. Se o bêbado está triste, bebe porque está triste. Se está alegre, bebe porque está alegre. O bêbado sempre justifica o vício do álcool. Assim são todas as pessoas: para todo delito sempre encontram uma justificativa. Ninguém se considera perverso; todos se presumem de justos e honrados.

Existem muitos vagabundos que supõem equivocadamente que paz é poder viver sem trabalhar, viver tranqüilo e sem esforço algum, num mundo cheio de fantasias românticas maravilhosas.

Sobre a paz existem milhões de opiniões e conceitos equivocados. Neste doloroso mundo em que vivemos, cada um busca sua fantástica paz, a paz de suas opiniões. As pessoas querem ver no mundo a paz de seus sonhos, seu tipo especial de paz, ainda que dentro de si mesmas carreguem em seu interior os fatores psicológicos que produzem guerras, inimizades e problemas de todo tipo.

Por estes tempos de crise mundial, todo aquele que quer se tornar famoso funda organizações pró-paz, faz propaganda e se converte num paladino da paz. Não devemos esquecer que muitos políticos espertos ganharam o Nobel da Paz, ainda que tenham por sua conta todo um cemitério, que de uma ou de outra forma mandaram assassinar secretamente muitas pessoas quando se viram em perigo de ser eclipsados.

Há também verdadeiros Mestres da humanidade que se sacrificaram ensinando em todos os lugares da Terra a doutrina da dissolução do eu.

Esses Mestres sabem por experiência própria que só dissolvendo o Mefistófeles que levamos dentro vem a nós a paz do coração.

Enquanto existir dentro de cada indivíduo o ódio, a cobiça, a inveja, os ciúmes, o espírito de aquisição, a ira, o orgulho, etc., haverá guerras inevitavelmente.

Conhecemos muita gente no mundo que presume ter encontrado a paz.

Quando estudamos a fundo essas pessoas, pudemos evidenciar que nem remotamente conhecem a paz e que apenas se encerraram dentro de algum hábito solitário e consolador, ou dentro de alguma crença especial. Porém, na realidade, tais pessoas não experimentaram nem remotamente o que é a verdadeira paz do coração tranqüilo. Realmente, essa pobre gente só fabricou uma paz artificiosa que em sua ignorância confundem com a autêntica paz do coração.

É absurdo buscar a paz dentro dos muros equivocados de nossos preconceitos, crenças, desejos, idéias preconcebidas, hábitos, etc.

Enquanto existir dentro da mente os fatores psicológicos que causam as inimizades, dissensões, problemas, guerras, etc., não haverá paz verdadeira.

A autêntica paz vem da legítima beleza sabiamente compreendida.

A beleza do coração tranqüilo exala o perfume delicioso da verdadeira paz interior.

É urgente que se compreenda a beleza da amizade e o perfume da cortesia.

É urgente que se compreenda a beleza da linguagem. É preciso que nossas palavras levem em si mesmas a substância da sinceridade. Não devemos usar jamais palavras arrítmicas, desarmonicas, grosseiras e absurdas.

Cada palavra deve ser uma verdadeira sinfonia, cada frase deve estar cheia de beleza espiritual. É tão mau falar quando se deve calar quanto calar quando se deve falar. Há silêncios delituosos e há palavras infames.

Há vezes que falar é um delito e há vezes que calar também é um delito. Devemos falar na hora de falar e calar na hora de calar.

Não brinquemos com a palavra porque ela é de grande responsabilidade.

Toda palavra deve ser pesada antes de ser pronunciada porque cada palavra pode produzir no mundo muito de útil e muito de inútil, muito benefício e muito dano.

Precisamos cuidar de nossos gestos, modos, vestuário e atos de todo tipo. Que nossos gestos, que nosso vestuário, nossa maneira de sentar à mesa, nossa maneira de nos comportar ao comer, nossa forma de atender às pessoas na sala de aula, no escritório, na rua, etc., estejam sempre cheios de beleza e harmonia.

É necessário compreender a beleza da bondade, sentir a beleza da boa música, amar a beleza da arte criativa e refinar a nossa maneira de pensar, sentir e atuar.

A suprema beleza só poderá nascer em nós quando o eu estiver morto de forma radical, total e definitiva.

Sempre seremos feios, horríveis e asquerosos enquanto tivermos em nós bem vivo o Eu Psicológico. A beleza de forma integral é impossível em nós enquanto o Eu Psicológico existir.

Se queremos a paz autêntica, devemos reduzir o eu a poeira cósmica. Só assim haverá em nós beleza interior. Dessa beleza nascerá em nós o encanto do amor e a verdadeira paz do coração tranqüilo.

A paz criadora traz ordem para dentro de alguém, elimina a confusão e nos enche de legítima felicidade.

É necessário saber que a mente não pode compreender o que é a verdadeira paz. É urgente entender que a paz do coração tranqüilo não chega a nós através do esforço ou pelo fato de se pertencer a alguma sociedade ou organização dedicada a fazer propaganda da paz.

A paz autêntica advém a nós de forma totalmente natural e simples, quando reconquistamos a inocência da mente e do coração, quando nos tornamos como crianças, delicados, belos, sensíveis a tudo que é bonito

e a tudo que é feio, a tudo que é bom como a tudo que é mau, a tudo o que é doce e a tudo que é amargo.

É preciso reconquistar a infância perdida tanto na mente como no coração.

A paz é algo imenso, extenso, infinito. Ela não é uma coisa criada pela mente, não pode ser o resultado de um capricho nem produto de uma idéia. A paz é uma substância atômica que está além do bem e do mal, uma substância que está além de toda moral, uma substância emanada das próprias entranhas do Absoluto.

Capítulo 18

A VERDADE



A *via crucis* da nossa miserável existência começa na infância e na juventude, com muitas torções mentais, tragédias íntimas em família, contrariedades no lar e na escola, etc.

É claro que na infância e na juventude, salvo raras exceções, todos estes problemas não chegam a nos afetar de forma realmente profunda; porém, quando nos tornamos pessoas adultas, começam as interrogações: Quem sou? De onde venho? Por que tenho que sofrer? Qual é o objetivo desta existência?

No caminho da vida, todos nós fazemos estas perguntas. Todos nós alguma vez quisemos investigar, inquirir ou conhecer o porquê de tantas amarguras, dissabores, lutas e sofrimentos; mas infelizmente sempre terminamos engarrafados em alguma teoria, em alguma opinião, em alguma crença, no que nos falou o vizinho, no que nos respondeu algum velho decrépito, etc.

Perdemos a verdadeira inocência e a paz do coração tranqüilo. Por isso, não somos capazes de experimentar diretamente a verdade em sua forma mais crua. Dependemos do que os outros dizem e é claro que vamos pelo caminho equivocado.

A sociedade capitalista condena radicalmente os ateus, os que não crêem em Deus.

A sociedade marxista-leninista condena os que acreditam em Deus. Mas, no fundo, as duas são a mesma coisa; mera questão de opiniões,

caprichos das pessoas, projeções da mente. Nem a credulidade, nem a incredulidade, nem o ceticismo significam haver experimentado a Verdade.

A mente pode se dar ao luxo de acreditar, duvidar, opinar, fazer conjecturas, etc., mas isso não é experimentar a Verdade.

Também podemos nos dar ao luxo de crer no sol, ou de não crer nele, e até de duvidar dele, mas o astro-rei seguirá dando luz e vida a todo o existente, sem que nossas opiniões tenham a menor importância para ele.

Por trás da crença cega, por trás da incredulidade e do ceticismo, escondem-se muitos matizes de falsa moral e muitos conceitos equivocados de falsa respeitabilidade, em cuja sombra o Eu se fortalece.

A sociedade capitalista e a sociedade comunista têm, cada uma, a seu modo, e de acordo com seus caprichos, preconceitos e teorias, seu tipo especial de moral. O que é moral dentro do bloco capitalista é imoral dentro do bloco comunista e vice-versa.

A moral depende dos costumes, do lugar e da época. O que num país é moral em outro é imoral, e o que em uma época foi moral em outra época é imoral. A moral não tem valor essencial algum. Analisada a fundo, vê-se que é cem por cento estúpida.

A Educação Fundamental não ensina moral. A Educação Fundamental ensina uma ética revolucionária e é disso que necessitam as novas gerações.

Desde a noite aterradora dos séculos, em todos os tempos, sempre houve homens que se afastaram do mundo para buscar a Verdade.

É absurdo afastar-se do mundo para buscar a Verdade porque ela se encontra dentro do mundo e dentro do homem, aqui e agora.

A Verdade é o desconhecido de momento a momento, e não é separando-nos do mundo nem abandonando nossos semelhantes que poderemos descobri-la.

É absurdo dizer que toda verdade é meia verdade ou que toda verdade é meio erro.

A Verdade é radical. Ela é ou não é. Ela jamais pode ser pela metade, jamais pode ser meio erro.

É absurdo dizer que a Verdade é do tempo e o que em um tempo foi, em outro tempo não o é ou não o será.

A Verdade nada tem que ver com o tempo. A Verdade é atemporal. O Eu é do tempo, e por isso não pode conhecer a Verdade.

É absurdo supor ou crer em verdades convencionais, temporais ou relativas. As pessoas confundem os conceitos e opiniões com isso que é a Verdade.

A Verdade nada tem que ver com as opiniões, nem com as assim chamadas “verdades convencionais”, porque estas são unicamente projeções não transcendentais da mente.

A Verdade é o desconhecido de momento a momento e só pode ser experimentada na ausência do Eu Psicológico.

A Verdade não é questão de sofismas, conceitos ou opiniões. A Verdade só pode ser conhecida através da experiência direta.

A mente só pode opinar, e as opiniões nada têm a ver com a Verdade.

A mente jamais pode conceber a Verdade.

Os professores e professoras de escolas, colégios e universidades devem experimentar a Verdade e apontar o caminho aos seus discípulos e discípulas.

A Verdade é questão de experiência direta, e não questão de teorias, opiniões ou conceitos.

Podemos e devemos estudar, mas é urgente experimentar por nós mesmos, de forma direta, o que há de verdade em cada teoria, conceito, opinião, etc.

Devemos estudar, analisar, inquirir, mas também precisamos, com urgência improrrogável, experimentar a Verdade contida em tudo aquilo que estudamos.

É impossível experimentar a Verdade enquanto a mente se encontra agitada, convulsionada ou atormentada por opiniões contraditórias.

Só é possível se experimentar a Verdade quando a mente está quieta, quando a mente está em silêncio.

Os professores e professoras de escolas, colégios e universidades devem ensinar aos alunos e alunas o caminho da meditação interior profunda.

O caminho da meditação interior profunda nos conduz até a quietude e ao silêncio da mente.

Quando a mente está quieta, vazia de pensamentos, desejos, opiniões, etc., quando a mente está em silêncio, advém a nós a Verdade...

A INTELIGÊNCIA



Temos visto que muitos professores e professoras de História Universal aqui no Ocidente costumam zombar de Buddha, Confúcio, Maomé, Hermes, Quetzalcoatl, Moisés, Krishna, etc.

Sem dúvida, também pudemos comprovar até a saciedade o sarcasmo, o gracejo e a ironia jogada pelos professores e professoras contra as religiões antigas, contra os deuses e contra a mitologia. Tudo isso é precisamente falta de inteligência.

Nas escolas, colégios e universidades deveriam se tratar os temas religiosos com mais respeito, com alto sentido de veneração e com verdadeira inteligência criadora.

As formas religiosas conservam os valores eternos e estão organizadas de acordo com as necessidades psicológicas e históricas de cada povo e de cada raça.

Todas as religiões têm os mesmos princípios, os mesmos valores eternos, e só se diferenciam na forma.

Não é inteligente que um cristão zombe da religião do Buddha, da religião hebraica, ou hindu, porque todas as religiões se fundamentam sobre as mesmas bases.

As sátiras de muitos intelectuais contra as religiões e seus fundadores são devidas ao veneno marxista, que, nesta época, está intoxicando todas as mentes fracas.

Os professores e professoras de escolas, colégios e universidades devem orientar seus alunos e alunas pelo caminho do verdadeiro respeito aos nossos semelhantes.

De qualquer ponto de vista, é perverso e indigno o rufião que, em nome de uma teoria qualquer, zomba dos templos religiosos, das seitas, escolas ou sociedades espirituais.

Ao saírem das aulas, os estudantes têm de conviver com pessoas de todas as religiões, escolas e seitas, e não é inteligente que sequer saibam manter a devida compostura em um templo.

Ao sair da escola, depois de dez ou quinze anos de estudos, os rapazes e as moças estão tão lerdos e adormecidos como os demais seres

humanos; tão cheios de vacuidade e faltos de inteligência como no primeiro dia em que ingressaram na escola.

É urgente que os estudos, entre outras coisas, desenvolvam o centro emocional, porque nem tudo é intelecto. É necessário aprender a sentir as íntimas harmonias da vida, a beleza da árvore solitária, o canto de um passarinho no bosque, a sinfonia de música e as cores de um belo pôr do sol.

Também é necessário sentir e compreender profundamente todos os horríveis contrastes da vida, como a cruel e impiedosa ordem social desta época em que vivemos; ruas cheias de mães infelizes que mendigam um pedaço de pão com seus filhos desnutridos e famintos; os feios edifícios onde vivem milhares de famílias pobres; as estradas repugnantes por onde circulam milhares de carros impelidos por combustíveis que prejudicam os organismos, etc.

Depois de abandonar as aulas, o estudante tem que se defrontar não só com o seu próprio egoísmo e os seus próprios problemas, mas também com o egoísmo de todas as pessoas e os múltiplos problemas da sociedade humana.

O mais grave de tudo é que o estudante que terminou a escola, ainda que tenha preparo intelectual, não tem inteligência, pois sua consciência está adormecida; está deficientemente preparado para a luta com a vida.

Chegou a hora de investigar e de descobrir o que é isso que se chama inteligência. O dicionário e a enciclopédia são impotentes para definir seriamente a inteligência.

Sem inteligência, jamais poderia haver transformação radical, nem felicidade verdadeira; é bem raro na vida encontrarmos pessoas verdadeiramente inteligentes.

O importante na vida não é somente conhecer a palavra inteligência, mas sim experimentar em nós mesmos seu profundo significado.

São muitos os que se julgam inteligentes; não há bêbado que não se julgue inteligente. Karl Marx, julgando-se muito inteligente, escreveu sua farsa materialista, a qual custou ao mundo a perda dos valores eternos, o fuzilamento de milhares de sacerdotes das mais diferentes religiões, a violação de monjas budistas e cristãs, a destruição de muitos templos, a tortura de milhares e milhões de pessoas, etc.

Qualquer um pode se julgar inteligente; o difícil é sê-lo verdadeiramente.

Não é adquirindo mais informação livresca, mais conhecimentos, mais experiências, mais coisas para deslumbrar as pessoas, mais dinheiro para comprar juízes e policiais, etc., que se vai conseguir isso que se chama inteligência.

Não é com o mais que se pode chegar a ter inteligência. Equivocam-se redondamente aqueles que supõem que a inteligência pode ser conquistada com o processo do mais.

É urgente compreender a fundo, e em todos os terrenos da mente subconsciente e inconsciente, o que é esse pernicioso processo do “mais”, porque no fundo se oculta, muito secretamente, o querido Ego, o Eu, o Mim Mesmo que deseja e sempre quer mais e mais, para engordar e se robustecer.

O Mefistófeles que levamos dentro de nós, o Satã, o Eu, diz: “Eu tenho mais dinheiro, mais beleza, mais inteligência, mais prestígio, mais astúcia”, etc.

Quem quiser de verdade compreender o que é a inteligência terá que aprender a senti-la; deve vivenciá-la e experimentá-la através da meditação profunda.

Tudo o que as pessoas acumulam no sepulcro podre da infiel memória, informação intelectual, experiências da vida, se traduz sempre, fatalmente, em termos de mais e mais - de maneira que nunca chegam a conhecer o profundo significado de tudo isso que acumulam.

Muitos lêem um livro e depois o depositam na memória, satisfeitos por terem acumulado mais informação; mas quando são chamados a responder pela doutrina escrita no livro que leram, demonstram que desconhecem o profundo significado do ensinamento. No entanto, o Eu quer mais e mais informação, mais e mais livros, ainda que não tenha vivenciado a doutrina de nenhum deles.

Não se consegue inteligência com mais informação livresca, com mais experiência, com mais dinheiro nem com mais prestígio. A inteligência poderá florescer em nós quando compreendermos todo o processo do Eu, quando entendermos a fundo todo esse automatismo psicológico do mais.

É indispensável compreender que a mente é o centro básico do mais. Realmente, esse mais é o próprio Eu Psicológico que exige, e a mente é o seu núcleo fundamental.

Quem quiser ser inteligente de verdade, deve decidir morrer em si mesmo, não somente no nível intelectual, superficial, como também em todos os terrenos subconscientes e inconscientes da mente.

Quando o Eu morre, quando o Eu se dissolve totalmente, a única coisa que fica dentro de nós é o Ser autêntico, o Ser verdadeiro, a legítima inteligência tão cobiçada e tão difícil.

As pessoas julgam que a mente é criadora. Estão equivocadas; o Eu não é criador e a mente é o núcleo básico do Eu.

A inteligência é criadora porque ela é do Ser; ela é um atributo do Ser.

Não devemos confundir a mente com a inteligência.

Estão equivocados plenamente e de forma radical aqueles que supõem que a inteligência é algo que pode ser cultivado como uma flor de jardim ou como algo que se possa comprar, como se comprem títulos de nobreza, ou ainda possuindo uma formidável biblioteca.

É preciso compreender profundamente todos os processos da mente, todas as reações, esse mais psicológico que acumula, etc. Só assim brotará em nós, de forma natural e espontânea, a ardente labareda da inteligência.

Conforme o Mefistófeles que levamos dentro for se dissolvendo, o fogo da inteligência criadora irá se manifestando pouco a pouco até resplandecer abrasadoramente.

Nosso verdadeiro Ser é amor e desse amor nasce a autêntica e legítima inteligência, que não é do tempo.

Capítulo 20 A VOCAÇÃO



Com exceção das pessoas totalmente inválidas, todo ser humano tem de servir para alguma coisa na vida. O difícil é saber para o que serve cada indivíduo.

Se há alguma coisa verdadeiramente importante neste mundo, é conhecer a nós mesmos.

Raro é aquele que conhece a si mesmo e, ainda que pareça incrível, é difícil encontrar na vida alguém que tenha desenvolvido o sentido vocacional.

Quando alguém está plenamente convencido do papel que tem de representar na existência, faz de sua vocação um apostolado, uma religião, e se converte de fato e por direito próprio em um apóstolo da humanidade.

Quem conhece sua vocação ou quem chega a descobri-la por si mesmo, passa por uma tremenda mudança. Já não busca o sucesso, pouco lhe interessa o dinheiro, a fama, a gratidão, etc. Seu prazer está na alegria que lhe proporciona o haver respondido a um chamado íntimo, profundo, desconhecido, de sua própria essência interna.

O mais interessante de tudo isso é que o sentido vocacional nada tem que ver com o Eu, pois, ainda que pareça estranho, o Eu se aborrece com a nossa própria vocação, porque ao Ego somente lhe interessa as copiosas receitas financeiras, o status social, a fama, etc.

O sentido da vocação é algo que pertence à nossa própria Essência interior; é algo muito de dentro, muito profundo, muito íntimo.

O sentido vocacional leva o homem a investir com verdadeiro denodo e verdadeiro desinteresse nas mais tremendas empresas, à custa de todo tipo de sofrimentos e calvários.

Portanto, é apenas normal que o Eu não goste da verdadeira vocação.

O sentido da vocação nos conduz de fato pela senda do heroísmo legítimo, ainda que tenhamos de suportar estoicamente todo tipo de infâmias, traições e calúnias.

O dia em que um homem possa dizer de verdade: “eu sei quem sou e qual é a minha verdadeira vocação”, a partir desse instante começará a viver com verdadeira retidão e amor. Um homem assim vive em sua obra e sua obra nele.

Realmente, são bem poucos os homens que podem falar assim, com verdadeira sinceridade de coração. Aqueles que falam assim são os seletos, aqueles que têm em grau superlativo o sentido da vocação.

Achar a nossa verdadeira vocação é, fora de toda dúvida, o problema social mais grave, o problema que se encontra na própria base de todos os problemas da sociedade.

Encontrar ou descobrir nossa verdadeira vocação individual equivale de fato a descobrir um tesouro muito precioso.

Quando um cidadão encontra, com toda certeza e fora de toda dúvida, seu verdadeiro e legítimo ofício, torna-se, por este único fato, insubstituível.

Quando nossa vocação corresponde totalmente e de forma absoluta à posição que ocupamos na vida, exercemos nosso trabalho como um verdadeiro apostolado, sem cobiça alguma e sem desejo de poder.

O trabalho, em vez de produzir em nós cobiça, aborrecimento ou desejo de mudar de profissão, nos traz alegria verdadeira, profunda, íntima, ainda que tenhamos de suportar pacientemente uma dolorosa *via crucis*.

Pudemos verificar na prática que quando o posto não corresponde à vocação do indivíduo, ele só pensa em função do mais.

O mecanismo do Eu é o mais: mais dinheiro, mais fama, mais projeção, etc. Então, como é apenas natural, o sujeito costuma se tornar hipócrita, cruel, explorador, impiedoso, intransigente, etc.

Se estudarmos detidamente a burocracia, poderemos comprovar que rara vez na vida o posto corresponde à vocação individual.

Se estudarmos de forma minuciosa as diferentes associações do proletariado, poderemos evidenciar que em bem raras ocasiões o ofício corresponde à vocação individual.

Quando observamos cuidadosamente as classes privilegiadas, sejam elas do leste ou do oeste do mundo, podemos perceber a falta total do sentido vocacional. Os chamados “jovens de bem” agora assaltam à mão armada, violam mulheres indefesas, participam de “rachas” nas ruas das cidades, etc., unicamente para matar o tédio. Não tendo encontrado sua posição na vida, andam desorientados e se convertem em rebeldes sem causa, só para variar um pouco...

É espantoso o caótico estado da humanidade nesta época de crise mundial. Ninguém está contente com seu trabalho, porque a posição não corresponde à vocação. Chovem pedidos de emprego porque ninguém tem vontade de morrer de fome, mas os pedidos não correspondem à vocação daqueles que solicitam.

Muitos motoristas deveriam ser médicos ou engenheiros. Muitos advogados deveriam ser ministros e muitos ministros deveriam ser

alfaiates. Muitos engraxates deveriam ser ministros e muitos ministros deveriam ser engraxates, etc.

As pessoas estão em postos que não lhes correspondem, que nada têm a ver com a sua verdadeira vocação individual. Devido a isso, a máquina social funciona pessimamente. Isto é semelhante a um motor montado com peças que não foram criadas originalmente para ele; o resultado disso é inevitavelmente o desastre, o fracasso, o absurdo.

Temos podido comprovar plenamente na prática que, quando alguém não tem disposição vocacional para ser guia, instrutor religioso, líder político ou diretor de alguma associação espiritualista, científica, filantrópica, literária, etc., só pensa em função do mais e se dedica a fazer projetos e mais projetos com propósitos secretos e inconfessáveis.

É óbvio que, quando o posto não corresponde à vocação individual, o resultado é a exploração.

Nesta época terrivelmente materialista em que vivemos, o cargo de professor está sendo arbitrariamente ocupado por muitos mercadores que nem remotamente têm vocação para o magistério. O resultado de semelhante infâmia é a exploração, crueldade e a falta de verdadeiro amor.

Muitos sujeitos exercem o magistério exclusivamente com o propósito de conseguir dinheiro para pagar seus estudos na faculdade de medicina, de direito ou engenharia, ou ainda porque simplesmente não encontram nada mais para fazer. As vítimas de tal fraude intelectual são os alunos e alunas.

O verdadeiro professor por vocação é muito difícil de ser encontrado hoje em dia, e esta é a melhor sorte que podem chegar a ter os alunos e alunas de escolas, colégios e universidades.

A vocação do professor está sabiamente traduzida na comovente obra de Gabriela Mistral, intitulada **A Oração da Professora**. Diz a professora do interior, dirigindo-se ao Divino, ao Mestre Secreto:

“Dai-me o amor único de minha escola; que nem a queimadura da beleza seja capaz de roubar minha ternura de todos os instantes! Mestre, tornai perdurável o fervor e passageiro o desencanto. Arrancai de mim este impuro desejo de mal entendida justiça que ainda me turva, a mesquinha insinuação de protesto que sobe de mim quando me ferem; que não me doa a incompre-

ensão nem me entristeça o esquecimento daqueles que ensinei”.

“Dai-me ser mais mãe que as mães, para poder amar e defender como elas o que não é carne de minha carne. Dai-me alcance para fazer de uma de minhas crianças meu verso perfeito e a deixar nela cravado minha mais penetrante melodia, para quando meus lábios não cantarem mais”.

“Mostrai-me possível teu evangelho em meu tempo, para que não renuncie à batalha de cada dia e de cada hora por ele”.

Quem pode medir a maravilhosa influência psíquica de um professor assim inspirado, com tanta ternura, pelo sentido de sua vocação?

O indivíduo encontra sua vocação por um destes três caminhos:

1. O autodescobrimento de uma capacidade especial.
2. A visão de uma necessidade urgente.
3. A muito rara direção dos pais e professores que descobriram a vocação do aluno ou aluna mediante a observação de suas aptidões.

Muitos indivíduos descobriram sua vocação em determinado momento crítico de sua vida, frente a uma situação séria que reclamava solução imediata.

Gandhi era um advogado qualquer quando, por causa de um atentado contra os direitos dos hindus na África do Sul, cancelou sua passagem de volta para a Índia e ficou para defender a causa de seus compatriotas. Uma necessidade momentânea o encaminhou para a vocação de toda a sua vida.

Os grandes benfeitores da humanidade encontraram sua vocação diante de uma crise situacional que reclamava solução imediata. Recordemos Oliver Cromwell, o pai das liberdades inglesas, Benito Juárez, o forjador do novo México, José de San Martín e Simon Bolívar, os pais da independência sul-americana, etc.

Jesus Cristo, Buddha, Maomé, Hermes, Zoroastro, Confúcio, Fu-Ji, etc., foram homens que, em determinado momento da História, souberam compreender sua verdadeira vocação e se sentiram chamados pela voz interior que emana do Íntimo.

A Educação Fundamental está chamada a descobrir por diversos métodos a capacidade latente dos estudantes. Os métodos que a pedagogia extemporânea está utilizando atualmente para descobrir a vocação dos alunos e alunas são, fora de toda dúvida, cruéis, absurdos e impiedosos.

Os questionários vocacionais foram elaborados por mercadores que arbitrariamente ocupam o cargo de professor.

Em alguns países, antes dos cursos preparatórios e vocacionais, os alunos são submetidos a mais horrível crueldade psicológica. Fazem-lhes perguntas sobre matemática, civismo, biologia, etc.

O mais cruel destes métodos é o famoso teste psicológico, índice de QI, intimamente relacionado com a rapidez mental.

De acordo com o tipo de resposta, o aluno será qualificado e engarrafado em um dos três bacharelatos:

1. Física, matemática, etc.,
2. Ciências biológicas e
3. Ciências sociais.

Dos físicos e matemáticos saem os engenheiros, os arquitetos, os astrônomos, os aviadores, etc.

Das ciências biológicas saem os farmacêuticos, os enfermeiros, os biólogos, os médicos, etc.

Das ciências sociais saem os advogados, os literatos, os doutores em filosofia e letras, os administradores de empresas, etc.

O plano de estudo em cada país é diferente e é claro que não é em todos os países que existem estes três bacharelatos. Em muitos países só existe um bacharelato, e terminado este, o aluno passa para a universidade. Em alguns países a capacidade vocacional do estudante não é examinada e ele entra na faculdade com o desejo de formar-se numa profissão para ganhar a vida, mesmo quando ela não coincide com suas tendências inatas, com seu sentido vocacional.

Há países em que se examina a capacidade vocacional dos estudantes e há nações em que não se examina.

É absurdo não orientar vocacionalmente os estudantes, não examinar suas capacidades e tendências inatas.

Os questionários vocacionais são estúpidos, bem como todo esse jargão de perguntas dos testes psicológicos, dos índices de QI, etc.

Esses métodos de exame vocacional não servem porque a mente tem seus momentos de crise, e se o exame se verifica num desses momentos, o resultado é o fracasso e a desorientação do estudante.

Os professores já puderam verificar que a mente dos alunos tem, como o mar, suas altas e baixas marés, seu *plus* e seu *minus*.

Existe um biorritmo nas glândulas masculinas e femininas, assim como existe um biorritmo na mente. Em determinadas épocas, as glândulas masculinas encontram-se em *plus* e as femininas em *minus* ou vice-versa. A mente também tem o seu *plus* e o seu *minus*.

Quem quiser conhecer a ciência do bio-ritmo, aconselhamos que estude a famosa obra intitulada **Bio-Ritmo**, escrita pelo eminente sábio gnóstico-rosacruz, o Dr. Arnold Krumm-Heller, médico coronel do exército mexicano e professor de medicina na faculdade de Berlim.

Afirmamos enfaticamente que uma crise emocional ou um estado de nervosismo psíquico, diante da difícil situação de um exame, pode levar um estudante ao fracasso durante o exame vocacional.

Afirmamos que qualquer abuso do centro do movimento, produzido talvez por algum esporte, por uma excessiva caminhada ou por um trabalho físico árduo, pode dar origem a uma crise intelectual, ainda que a mente se encontre em *plus*, e conduzir o estudante ao fracasso durante um exame vocacional.

Afirmamos que uma crise qualquer, relacionada com o centro instintivo, talvez em combinação com o prazer sexual ou com o centro emocional, pode levar o estudante ao fracasso durante um exame vocacional.

Afirmamos que uma crise sexual qualquer, uma síncope de sexualidade reprimida ou um abuso sexual, pode exercer uma influência desastrosa sobre a mente e levá-la ao fracasso durante um exame vocacional.

A Educação Fundamental ensina que os germes vocacionais estão depositados não somente no centro intelectual, mas também em cada um dos outros quatro centros da psicofisiologia da máquina orgânica.

É urgente ter em conta os cinco centros psíquicos, chamados: intelecto, emoção, movimento, instinto e sexo. É absurdo pensar que o intelecto seja o único centro de cognição. Se examinarmos exclusivamente o

centro intelectual com o propósito de descobrir as aptidões vocacionais de determinado sujeito, além de cometermos uma grave injustiça, que é de fato muito prejudicial para o indivíduo e para a sociedade, incorremos em um erro; os germes da vocação não estão contidos apenas no centro intelectual, mas também em cada um dos outros quatro centros psicofisiológicos do indivíduo.

O único caminho óbvio para se descobrir a verdadeira vocação dos alunos e alunas é o verdadeiro amor.

Se pais de família e professores se associarem em mútuo acordo para investigar no lar e na escola, para observar detalhadamente os atos dos alunos e das alunas, poderão descobrir as tendências inatas de cada um deles.

Este é o único caminho que permitirá aos pais de família e aos professores descobrir o sentido vocacional dos alunos e alunas.

Isto exige verdadeiro amor de pais e mestres. É óbvio que se não existe verdadeiro amor nos pais e mães de família e autênticos mestres vocacionais, capazes de se sacrificarem de verdade por seus discípulos e discípulas, este empreendimento torna-se impraticável.

Se os governos querem de verdade ajudar a sociedade, precisam expulsar os mercadores do templo com o látigo da vontade.

Uma nova época cultural deve ser iniciada difundindo-se por todas as partes a doutrina da Educação Fundamental.

Os estudantes precisam defender seus direitos corajosamente e exigir dos governos verdadeiros professores vocacionados. Felizmente, existe a formidável arma das greves e os estudantes têm esta arma.

Em alguns países, já existem nas escolas, colégios e universidades, certos professores orientadores que realmente não são vocacionados; o posto que ocupam não coincide com suas tendências inatas. Esses mestres não podem orientar os outros porque nem a si próprios puderam orientar.

Necessita-se com urgência de verdadeiros mestres vocacionados, capazes de orientar inteligentemente os alunos e alunas.

É necessário saber que, devido à pluralidade do Eu, o ser humano representa automaticamente diversos comportamentos no teatro da vida. Os rapazes e moças têm um papel para a escola, um para as ruas e outro para o lar.

Se queremos descobrir a vocação de um jovem ou de uma jovem temos que observá-los na escola, no lar e nas ruas.

Este trabalho de observação só pode ser realizado por pais e professores verdadeiros, em íntima associação.

Na pedagogia antiquada existe também o sistema de observação das qualificações pessoais para deduzir vocações. O aluno que se distinguiu em civismo com as mais altas notas será classificado como um possível advogado; quem se distinguiu em biologia será apontado como um médico em potencial; e o que se destacou em matemática como um possível engenheiro, etc.

Este absurdo sistema de se deduzir vocações é demasiado empírico porque a mente tem os seus altos e baixos, não só na forma total já conhecida, como também em certos estados particulares especiais.

Muitos escritores, que na escola foram péssimos estudantes de gramática, destacaram-se na vida como grandes professores de linguagem. Muitos engenheiros notáveis tiveram sempre na escola as piores notas em matemática; infinidades de médicos foram na escola reprovados em biologia e ciências naturais...

É lamentável que muitos pais de família, em vez de estudar as aptidões de seus filhos, só vejam neles a continuidade de seu querido Ego, o "Mim Mesmo".

Muitos pais advogados querem que seus filhos continuem em seu escritório; e muitos empresários querem que seus filhos continuem dirigindo seus interesses egoístas, sem dar a mínima para suas inclinações vocacionais.

O Eu quer sempre subir, chegar ao topo da escada, fazer-se notar; e quando suas ambições fracassam, busca alcançar, através de seus filhos, o que por si mesmo não conseguiu atingir.

Esses pais ambiciosos metem seus filhos e suas filhas em postos e carreiras que nada têm a ver com o sentido vocacional deles...

Capítulo 21
OS TRÊS CÉREBROS



A Psicologia Revolucionária da Nova Era afirma que a máquina orgânica do animal intelectual falsamente chamado homem existe em forma tricentrada ou tricerebrada.

O primeiro cérebro está encerrado na caixa craniana. O segundo cérebro corresponde concretamente à espinha dorsal com sua medula central e todos os seus ramos nervosos. O terceiro cérebro não reside em um local definido nem é um órgão determinado. Realmente, o terceiro cérebro está constituído pelos plexos nervosos simpáticos e em geral por todos os centros nervosos específicos do organismo humano.

O primeiro cérebro é o centro pensante. O segundo cérebro é o centro do movimento, geralmente denominado de centro motor. O terceiro cérebro é o centro emocional.

Está completamente demonstrado na prática que todo abuso do cérebro pensante produz gasto excessivo de energia intelectual. Portanto, é lógico afirmar sem temor de dúvidas que os manicômios são verdadeiros cemitérios de mortos intelectuais.

Os esportes harmoniosos e equilibrados são úteis para o cérebro motor, porém o abuso do esporte significa gasto excessivo de energias motrizes e o resultado costuma ser desastroso.

Não é absurdo afirmar que existem mortos do cérebro motor. Tais mortos são conhecidos como inválidos, hemiplégicos, paraplégicos, paralíticos, etc.

O sentido estético, a mística, o êxtase e a música superior são necessários para o cultivo do centro emocional, porém o abuso de tal cérebro produz o desgaste inútil e o desperdício das energias emocionais. Abusam do cérebro emocional os existencialistas da nova era, os fanáticos do rock, os pseudo-artistas sensuais da arte moderna, os doentes passionais da sensualidade, etc.

Ainda que pareça incrível, a morte certamente se processa aos terços em cada pessoa. Já está comprovado até a saciedade que toda enfermidade tem sua base em algum dos três cérebros.

A Grande Lei depositou sabiamente em cada um dos três cérebros do animal intelectual determinado capital de valores vitais. Economizar este capital significa de fato alongar a vida; mal gastar este capital produz a morte.

Arcaicas tradições que chegaram até nós desde a noite aterradora dos séculos afirmam que a média da vida humana no antigo continente Mu, situado no Oceano Pacífico, oscilava entre doze e quinze séculos.

Com o passar dos séculos através de todas as idades, o uso equivocado dos três cérebros foi encurtando a vida pouco a pouco.

No país ensolarado de Kem, lá no velho Egito dos faraós, a média de vida humana alcançava apenas 140 anos.

Atualmente, nestes tempos modernos de petróleo e plástico, nesta época de existencialismo e de rebeldes do rock, a média da vida humana, segundo algumas companhias de seguros, é de apenas 50 anos.

Os senhores marxistas-leninistas da União Soviética, fanfarrões e mentirosos como sempre, andam dizendo por aí que inventaram soros especiais para alongar a vida; porém o velho Krushev ainda não tem oitenta anos e tem de pedir permissão a um pé para levantar o outro.

Na Ásia Central existe uma comunidade religiosa composta de anciões que nem se lembram mais de sua juventude. A média de vida desses anciões oscila entre 400 e 500 anos.

Todo o segredo da longa vida desses monges asiáticos consiste no sábio uso dos três cérebros.

O funcionamento equilibrado e harmonioso dos três cérebros significa economia dos valores vitais; como consequência lógica vem o prolongamento da vida.

Existe uma lei cósmica conhecida como *equalização das vibrações de diversas fontes*. Os monges do citado monastério sabem utilizar esta lei mediante o uso dos três cérebros.

A pedagogia antiquada conduz os alunos e alunas ao abuso do cérebro pensante; os resultados disso a psiquiatria já conhece.

O cultivo inteligente dos três cérebros é Educação Fundamental. Nas antigas escolas de Mistérios da Babilônia, Grécia, Índia, Pérsia, Egito, etc., os alunos e alunas recebiam informação integral e direta para os seus três cérebros, mediante o preceito, a dança, a música, etc., inteligentemente combinados.

Os teatros dos tempos antigos formavam parte da escola. O drama, a comédia e a tragédia combinados com a mímica especial, a música, o ensinamento oral, etc., serviam para dar informação aos três cérebros de cada indivíduo.

Então os estudantes não abusavam do cérebro pensante e sabiam usar com inteligência e de forma equilibrada os seus três cérebros.

As danças dos Mistérios de Elêusis na Grécia, o teatro na Babilônia e a escultura na Grécia foram sempre utilizados para transmitir conhecimentos aos discípulos e discípulas.

Agora, nesta época degenerada do *rock*, os alunos e alunas, confusos e desorientados, andam pela tenebrosa senda do abuso mental.

Atualmente, não existem verdadeiros sistemas criadores para o harmonioso cultivo dos três cérebros.

Os professores e professoras de escolas, colégios e universidades só se dirigem à memória infiel dos aborrecidos estudantes que esperam com ansiedade a hora de sair da aula.

É urgente, é indispensável saber combinar intelecto, movimento e emoção com o propósito de levar informação integral aos três cérebros dos estudantes.

É absurdo formar um só cérebro. O primeiro cérebro não é o único órgão de cognição. É criminoso abusar do cérebro pensante dos alunos e alunas.

A Educação Fundamental deverá conduzir os estudantes pelo caminho do desenvolvimento harmonioso dos três cérebros.

A Psicologia Revolucionária ensina claramente que os três cérebros têm três tipos de associações independentes, totalmente distintas. Estes três tipos de associações evocam diferentes impulsos do Ser.

Isto nos dá de fato três personalidades diferentes, que não possuem nada em comum, nem em sua natureza nem em suas manifestações.

A Psicologia Revolucionária da Nova Era ensina que em cada pessoa existem três aspectos psicológicos diferentes.

Com uma parte da essência psíquica desejamos uma coisa, com a outra parte desejamos algo diferente e graças à terceira parte fazemos algo totalmente oposto.

Em um instante de suprema dor, talvez a perda de um ente querido ou qualquer outra catástrofe íntima, a personalidade emocional chega

até o desespero enquanto a personalidade intelectual se pergunta do porquê de toda essa tragédia, e a personalidade do movimento só quer fugir da cena.

Estas três personalidades distintas, diferentes e muitas vezes até contraditórias devem ser inteligentemente cultivadas e instruídas com métodos e sistemas especiais em todas as escolas, colégios e universidades.

Do ponto de vista psicológico, é absurdo educar exclusivamente a personalidade intelectual.

O homem tem três personalidades que necessitam urgentemente da Educação Fundamental.

Capítulo 22

○ BEM E ○ MAL



O bem e o mal não existem. Uma coisa é boa quando nos convém e má quando não nos convém.

O bem e o mal são questões de conveniências egoístas e de caprichos da mente.

O homem que inventou os fatídicos termos “bem” e “mal” foi um atlante chamado Makari Kronvernkyon, distinto membro da sociedade científica Akaldan, situada no submerso continente atlante.

O velho sábio arcaico jamais suspeitou do grave dano que iria causar à humanidade com o invento de suas duas palavrinhas.

Os sábios atlantes estudaram profundamente todas as forças evolutivas, involutivas e neutras da natureza, mas ocorreu a este velho sábio a idéia de definir as duas primeiras com os termos de bem e mal. Chamou as forças evolutivas de “boas” e as forças involutivas, de “más”; às forças neutras não deu nome algum.

Essas forças manifestam-se dentro do homem e dentro da natureza, sendo a força neutra o ponto de apoio e equilíbrio.

Muitos séculos depois da submersão da Atlântida, com sua famosa cidade de *Posseidonis*, da qual fala Platão em sua “**República**”, existiu na civilização oriental de Tiklyamishayana um sacerdote antiqüíssimo que

cometeu o gravíssimo erro de abusar dos termos bem e mal, usando-os estupidamente como base para uma moral. O nome de tal sacerdote era Armanatoora.

Com o transcorrer da história através dos inumeráveis séculos, a humanidade viciou-se nestas duas palavrinhas e as converteu no fundamento de todos os seus códigos morais. Hoje em dia, qualquer um encontra estas duas palavrinhas até na sopa.

Atualmente, há muitos reformadores que querem a restauração moral, mas que, para desgraça deles e deste mundo aflito, têm a mente engarrafada entre o bem e o mal.

Toda moral fundamenta-se nas palavrinhas bem e mal, por isso todo reformador moral é de fato um reacionário.

Os termos bem e mal servem sempre para justificar ou condenar nossos próprios erros.

Quem justifica ou condena, não compreende. É inteligente compreender o desenvolvimento das forças evolutivas, porém não é inteligente justificá-las com o termo “boas”. É inteligente compreender os processos das forças involutivas, mas é estúpido condená-las com o termo de “más”.

Toda força centrífuga pode se converter em força centrípeta. Toda força involutiva pode se transformar em evolutiva.

Dentro dos infinitos processos da energia em estado evolutivo há infinitos processos de energia em estado involutivo.

Dentro de cada ser humano existem diferentes tipos de energia que evoluem, involuem e se transformam incessantemente.

Justificar determinado tipo de energia e condenar outro não é compreender. O vital é compreender.

A experiência da verdade tem sido bem rara entre a humanidade devido ao fato concreto do engarrafamento mental. As pessoas estão engarrafadas [ou acorrentadas] nos opostos “bem” e “mal”.

A Psicologia Revolucionária do Movimento Gnóstico baseia-se no estudo dos diferentes tipos de energia que operam no organismo humano e na natureza.

O Movimento Gnóstico tem uma ética revolucionária que nada tem a ver com a moral dos reacionários e tampouco com os termos conservadores e retardatários de bem e mal.

Dentro do laboratório psicofisiológico do organismo humano existem forças evolutivas, involutivas e neutras, que devem ser estudadas e compreendidas profundamente.

A palavra “bem” impede a compreensão das energias evolutivas, devido à justificativa.

A palavra “mal” impede a compreensão das forças involutivas, devido à condenação.

Justificar ou condenar não significa compreender. Quem quiser acabar com seus defeitos não deve justificá-los nem condená-los. É urgente compreender nossos erros.

Compreender a ira em todos os níveis da mente é fundamental para que em nós nasça a serenidade e a ternura.

Compreender os infinitos matizes da cobiça é indispensável para que em nós nasça a filantropia e o altruísmo.

Compreender a luxúria em todos os níveis da mente é condição indispensável para que em nós nasça a castidade verdadeira.

Compreender a inveja em todos os terrenos da mente é suficiente para que nasça em nós o sentido de cooperação e a alegria pelo bem-estar e progresso alheios.

Compreender o orgulho em todos os seus matizes e graus é a base para que nasça em nós de forma natural e simples a exótica flor da humildade.

Compreender o que é esse elemento de inércia chamado preguiça, não só em suas formas grotescas, mas também em suas formas mais sutis, é indispensável para que nasça em nós o sentido de atividade.

Compreender as diversas formas da gula e da gulodice equivale a destruir os vícios do centro instintivo, tais como entupir-se de comida, as bebedeiras, as caçadas, a ingestão contínua de carnes, o medo da morte, o desejo de perpetuar o Eu, o temor da aniquilação, etc.

Os mestres de escolas, colégios e universidades dão conselhos aos seus discípulos e discípulas para que melhorem, como se o Eu pudesse melhorar; para que adquiram determinadas virtudes, como se o Eu pudesse conseguir virtudes, etc.

É urgente compreender que o eu, o Ego não melhora jamais e que nunca será mais perfeito; quem cobiça virtudes robustece o Eu.

A perfeição total só nasce em nós com a dissolução do Eu.

As virtudes nascem em nós de forma natural e simples quando compreendermos nossos defeitos psicológicos não somente no nível intelectual, mas em todos os terrenos subconscientes e inconscientes da mente.

Querer melhorar é estúpido; desejar a santidade é inveja; cobiçar virtudes significa robustecer o Eu com o veneno da cobiça.

Necessitamos da morte total do Ego não só no nível intelectual, mas também em todos os esconderijos, regiões, terrenos e passagens da mente.

Quando morreremos absolutamente só ficará em nós “Isso” que é perfeito, “Isso” que está saturado de virtudes, “Isso” que é a Essência de nosso Ser Íntimo, “Isso” que não é do tempo.

Só compreendendo a fundo todos os infinitos processos das forças evolutivas que se desenvolvem dentro de nós mesmos, aqui e agora, só compreendendo de forma integral os diferentes aspectos das forças involutivas que se processam dentro de nós mesmos, de momento a momento, poderemos dissolver o Eu.

As palavras bem e mal servem para justificar e condenar, porém jamais para dar compreensão.

Cada defeito tem muitos matizes, fundos, aspectos e profundidades.

Compreender um defeito no nível intelectual não significa havê-lo compreendido nos diversos terrenos subconscientes, inconscientes e infraconscientes da mente.

Qualquer defeito pode desaparecer do nível intelectual e continuar nos outros terrenos da mente.

A ira se disfarça com a toga do juiz. Muitos cobiçam não ser cobiçosos. Há aqueles que não cobiçam dinheiro, mas cobiçam poderes psíquicos, virtudes, amores, felicidade aqui ou depois da morte, etc.

Muitos homens e mulheres se emocionam e se fascinam diante de pessoas do sexo oposto. Dizem que amam a beleza, mas seu próprio subconsciente os atraiçoa, a luxúria se disfarça com o sentido estético.

Muitos invejosos invejam os santos, fazem penitências e até se açoitam porque desejam também chegar a ser santos.

Muitos invejam aqueles que se sacrificam pela humanidade. Então, querendo ser grandes também, escarnecem daqueles a quem invejam e lançam contra eles toda a sua baba difamatória.

Há aqueles que se sentem orgulhosos de sua posição, de seu dinheiro, de sua fama e prestígio, bem como há aqueles que se sentem orgulhosos de sua condição humilde.

Diógenes sentia-se orgulhoso do tonel em que dormia; quando foi à casa de Sócrates, saudou-o dizendo: “Pisando teu orgulho, Sócrates, pisando teu orgulho”. “Sim, Diógenes! Com teu orgulho pisas o meu orgulho”, foi a resposta de Sócrates.

As mulheres vaidosas pintam seus cabelos, vestem-se e adornam-se com tudo que podem para despertar a inveja nas outras mulheres; mas a vaidade também se disfarça com a túnica da humildade.

Conta a tradição que Aristipo, o filósofo grego, querendo demonstrar ao mundo sua sabedoria e humildade, vestiu-se com uma túnica muito velha e cheia de remendos, empunhou em sua mão direita o bastão da filosofia e se foi pelas ruas de Atenas. Quando Sócrates o viu chegar, exclamou: “Ó Aristipo, vê-se a tua vaidade através dos furos de tua veste”!

Muitos são os que estão na miséria devido ao elemento preguiça; mas existe gente que trabalha demais para ganhar a vida e, no entanto, sentem preguiça para estudarem e conhecerem a si mesmos a fim de dissolver o Eu.

São muitos os que abandonaram a gula e a gulodice, porém, infelizmente, se embriagam e saem em caçadas cruéis.

Cada defeito é multifacetado, pois ele se desenvolve e se processa de forma gradativa desde o degrau mais baixo da escala psicológica até o degrau mais elevado.

Dentro da cadência deliciosa de um verso também se esconde o delito. O delito também se veste de santo, de mártir, de casto, de apóstolo, etc.

O bem e o mal não existem. Tais termos só servem para encobrirem evasivas e fugas do profundo e detalhado estudo de nossos próprios defeitos.

A MATERNIDADE



A vida do ser humano começa como simples célula, sujeita, naturalmente, ao tempo extraordinariamente rápido das células vivas.

Concepção, gestação, nascimento formam o trio maravilhoso e fantástico do início da vida de qualquer criatura.

É deveras surpreendente saber que nossos primeiros momentos de vida são vividos em tão minúscula escala, onde, cada um de nós, não passa de uma simples célula microscópica.

Começamos a existir em forma de insignificante célula e terminamos a vida como velhos anciãos, carregados de lembranças.

O Ego é memória. Muitos anciãos nem remotamente vivem no presente; muitos velhos vivem unicamente lembrando-se do passado. Todo velho não é mais que uma voz e uma sombra. Todo ancião é um fantasma do passado, é memória acumulada. É essa que continua nos genes de nossos descendentes.

A concepção humana inicia-se com tempos muito rápidos. Mas através dos diferentes processos da vida, vão se tornando mais e mais lentos.

Muitos leitores precisam dar-se conta da relatividade do tempo. O minúsculo inseto que vive somente umas poucas horas num dia de verão pode dar a impressão de não ter vivido nada. Mas vive tanto quanto um homem vive em oitenta anos.

Ocorre que o inseto vive tudo de forma intensa. O mesmo se dá com o homem que vive oitenta anos em relação à vida de um planeta com seus milhões de anos.

Quando o espermatozóide se une com o óvulo começa a gestação. A célula, com a qual começa a vida humana, contém 48 cromossomos.

[NT – Desconhecemos os motivos que levaram o autor a afirmar em todas suas obras que o ser humano possui 48 cromossomos como os macacos – quando a ciência diz que são 46 nos humanos].

Os cromossomos se dividem em genes; um cento deles ou pouco mais constituem ou formam um cromossomo.

Os genes são de difícil estudo por serem constituídos, cada um deles, de poucas moléculas que vibram com altíssima rapidez.

O maravilhoso mundo dos genes forma uma zona intermediária entre a terceira e a quarta dimensões.

Nos genes se encontram os átomos da herança. O Ego de nossos antepassados vem a impregnar o óvulo fecundado.

Nesta época atômica e eletrônica, de forma alguma é exagero afirmar-se que a energia eletromagnética, deixada por um antepassado que tenha dado o seu último suspiro, possa ter vindo impregnar os genes e cromossomos do óvulo fecundado por um descendente seu.

A estrada da vida é formada pelas pisadas dos cascos do cavalo da morte.

Durante o decurso da existência diferentes tipos de energias fluem pelo corpo humano. Cada tipo de energia tem o seu próprio sistema de ação; cada tipo de energia se manifesta a seu tempo e a sua hora.

Aos dois meses da concepção temos a função digestiva; aos quatro meses surge a função motora, intimamente ligada aos sistemas respiratório e muscular.

É maravilhoso o espetáculo científico do nascer e morrer de todas as coisas. Muitos sábios afirmam que existe íntima analogia entre o nascimento da criatura humana e o nascimento dos planetas no espaço sideral.

Aos nove meses nasce a criança; aos dez, inicia-se o crescimento com todo seu maravilhoso metabolismo e desenvolvimento simétrico e perfeito dos tecidos conjuntivos.

Quando a fontanela frontal do recém-nascido se fecha, aos dois ou três anos de idade, é sinal que o sistema cérebro-espinhal se encerrou de forma perfeita.

Muitos cientistas disseram que a natureza tem imaginação, e que essa imaginação dá forma viva a tudo que é, foi e será.

Multidões se riem da imaginação, e muitos até a chamam de “louca da casa”. Em verdade, confundem “imaginação” com “fantasia”.

Há quem afirme existir dois tipos de imaginação: A primeira, denominam de “imaginação mecânica”; a segunda, de “imaginação consciente”. Aquela é conformada pelos dejetos da mente; esta, pelo que há de melhor e mais decente dentro de nós.

Mediante a observação e a experiência pudemos verificar que existe também um tipo de sub-imaginação mecânica e doentia, infraconsciente e subjetiva.

Esse tipo de sub-imaginação automática funciona por baixo da zona intelectual. As imagens eróticas, os filmes passionais, romances carregados de linguagem de duplo sentido, piadas maliciosas, tudo isso costuma pôr em movimento, de forma inconsciente, a sub-imaginação mecânica.

Profundas análises e reflexões nos levaram à conclusão lógica que os sonhos eróticos e as poluções noturnas são devidas à sub-imaginação mecânica.

A castidade absoluta torna-se impossível enquanto existir sub-imaginação mecânica.

Torna-se evidente que a “imaginação consciente” é bem diferente disso que se denomina “imaginação mecânica, subjetiva, infraconsciente, subconsciente”.

Qualquer pensamento pode ser visto em forma auto-enaltecedora e dignificante. Porém a sub-imaginação mecânica, infraconsciente, subconsciente, inconsciente, pode nos trair ao funcionar automaticamente com matizes e imagens sensuais, passionais e submersas.

Se queremos castidade integral e profunda, necessitamos vigiar não só a imaginação consciente, como também a imaginação mecânica e sub-imaginação inconsciente, automática, subconsciente, submersa.

Não devemos nos esquecer jamais da íntima relação que há entre sexo e imaginação [fantasia].

Mediante a meditação profunda devemos transformar a imaginação mecânica e todas as formas de sub-imaginação e infra-imaginação automática, em imaginação consciente e objetiva.

A imaginação objetiva é, em si mesma, essencialmente criadora; sem ela nenhum inventor poderia ter concebido o telefone, o rádio, o avião, etc.

A imaginação feminina durante a gestação é fundamental para o desenvolvimento do feto. Está demonstrado que a mãe, com sua imaginação, pode alterar a mente do feto.

É muito importante que a mulher, durante a gestação, contemple belos quadros e paisagens encantadoras; escute boa música e palavras

harmoniosas. Assim poderá influenciar positivamente a mente da criatura que leva em suas entranhas.

A mulher em gestação não deve beber álcool, nem fumar, nem ter que olhar para coisas feias e desagradáveis. Tudo isso é prejudicial ao desenvolvimento harmonioso do feto.

É preciso saber compreender e tolerar os caprichos e faltas da mulher grávida.

Muitos homens intolerantes e falhos de compreensão agridem e insultam a mulher durante a gravidez. As amarguras e aflições causadas pelo marido em sua esposa repercutem sobre a mente do feto em gestação, e também em sua formação biológica.

Considerando-se o poder da imaginação positiva, é lógico afirmar então que a mulher em estado de gestação não deve olhar coisas feias, desagradáveis, desarmônicas, nojentas, etc.

É mais que hora do Estado preocupar-se e resolver os grandes problemas relacionados com a maternidade.

Torna-se incoerente que uma sociedade que se tem como cristã e democrática não saiba respeitar e venerar o sentido religioso da maternidade.

É algo monstruoso ver milhares de mulheres em estado de gestação sem amparo algum, abandonadas pelo marido e pela sociedade, vagando pelas ruas em busca de algo para comer ou realizando, muitas vezes, trabalhos pesados para sobreviver com a criatura que leva em seu ventre.

Esses estados de barbárie da atual sociedade, essa crueldade e falta de responsabilidade dos governos e dos povos, indicam claramente que ainda estamos bem longe da democracia.

Os hospitais e as salas de parto não resolvem esse problema porque ali somente podem ir as mulheres quando já estão em trabalho de dar à luz.

É preciso criar lares coletivos ou autênticas comunidades, com belos jardins e recantos harmoniosos, dotadas de salas e quartos para receber e abrigar essas mulheres pobres e sem recursos, juntamente com seus filhos, durante seu estado de gestação.

Esses lares coletivos funcionariam como abrigo para as mulheres desamparadas e em estado de gestação. E deveriam ter conforto e be-

leza, jardins, boa música, assistência médica e social. Isso solucionaria totalmente o grande problema da maternidade desamparada.

Devemos compreender que a sociedade humana é uma grande família; não existe problema alheio. Todo problema, de uma forma ou de outra, afeta, no respectivo círculo, a todos os membros da sociedade. É absurdo discriminar as mulheres grávidas pelo fato de serem pobres; é um crime subestimá-las, desprezá-las ou interná-las em asilos de indigentes.

Na sociedade em que vivemos não pode haver filhos e enteados; todos somos humanos e temos os mesmos direitos. Precisamos criar a verdadeira democracia, se de fato não quisermos ser devorados pelo comunismo.

Capítulo 24

A PERSONALIDADE HUMANA



Um homem nasceu, viveu 65 anos, e morreu. Onde estava antes? Onde poderá estar após sua morte?

A ciência oficial nada sabe disso, mas essa é a formulação geral de todas as questões sobre a vida e a morte.

Axiomaticamente podemos afirmar: “O homem morre porque seu tempo termina; não existe nenhum amanhã para a personalidade do morto”.

Cada dia é uma onda do tempo; cada mês é uma outra onda do tempo; igualmente, cada ano é uma onda do tempo. Todas as ondas encadeadas, no seu todo, constituem a “grande onda da vida”.

O tempo é redondo, e a vida da personalidade humana, é uma curva fechada.

A vida da personalidade humana se desenvolve no seu tempo, nasce em seu tempo e morre em seu tempo; jamais poderá haver um “mais além” do seu tempo.

Isso do tempo é uma questão que tem sido estudada por muitos sábios. Sem dúvida, o tempo é a quarta dimensão.

A Geometria de Euclides só é aplicável ao mundo de três dimensões. Mas o mundo é formado de sete dimensões; a quarta é o tempo.

A mente humana concebe a eternidade como uma prolongação do tempo em linha reta. Nada pode ser mais equivocado que tal conceito; a eternidade é a quinta dimensão.

Cada momento da existência se sucede no tempo e se repete eternamente.

A morte e a vida são os extremos que se tocam. Uma vida termina para o homem que morre, mas inicia para outro; termina um tempo e se inicia outro. A morte se acha intimamente vinculada ao “eterno retorno”.

Isso quer dizer que temos que retornar ou regressar a este mundo depois da morte para repetir o mesmo drama existencial. Porém, se a personalidade humana perece com a morte, quem ou quê retorna a este mundo?

É preciso esclarecer definitivamente que é o Ego quem retorna e quem continua existindo depois da morte.

É necessário que nossos leitores não confundam a “Lei do Retorno” com a “teoria da reencarnação”, ensinada pela moderna teosofia.

A teoria da reencarnação teve origem no culto a Krishna, uma religião hindu, do tipo védico, infelizmente adulterada e acomodada por seus reformadores.

No autêntico e original culto a Krishna, só os Heróis, os Guias, aqueles dotados de “individualidade sagrada” eram os únicos que “reencarnavam”.

O Eu Pluralizado “retorna”, “regressa” – e isso não é “reencarnação”. As massas, as multidões “retornam”, mas isso não é “reencarnação”.

A idéia do “retorno” das coisas e dos fenômenos, a idéia da repetição eterna não é muito antiga; podemos encontrá-la na sabedoria pitagórica e na antiga cosmogonia hindu.

O eterno retorno dos Dias e Noites de Brahma, a incessante repetição dos Kalpas, estão, invariavelmente, associados de forma íntima à sabedoria pitagórica e à Lei de Recorrência ou do “Eterno Retorno”.

Buddha Gautama ensinou sabiamente a doutrina do eterno retorno e da Roda das Vidas sucessivas. Porém sua doutrina foi muito adulterada por seus seguidores.

A cada novo retorno é preciso formar uma nova personalidade humana; esta se forma nos primeiros sete anos de vida.

O ambiente familiar, a vida das ruas e a escola dão à personalidade humana sua tintura característica original.

O exemplo dos mais velhos é algo marcante para a personalidade infantil.

A criança aprende mais com o exemplo do que com a palavra. A forma equivocada de viver, os maus exemplos, os costumes degenerados dos mais velhos dão à personalidade da criança essa tintura peculiar do ceticismo e da perversidade desta época atual.

Nos tempos atuais o adultério se tornou mais popular que feijão com arroz; logicamente, isso propicia ocorrências dantescas nos lares modernos.

Muitas são as crianças que precisam suportar com dor e ressentimentos as surras e a violência doméstica do padrasto ou da madrasta. É evidente que isso marca a personalidade infantil com a dor, o rancor e o ódio.

Um dito popular diz que “os filhos alheios são sempre mais feios que os nossos”. Naturalmente, há exceções, mas são bem poucas.

As discussões entre os pais, devido aos ciúmes, o choro e o lamento da afligida mãe ou do pai oprimido, arruinado e desesperado deixam na personalidade infantil marcas indeléveis de profunda dor e melancolia que jamais serão esquecidas durante a vida.

Nas elegantes mansões urbanas as orgulhosas madames maltratam suas empregadas quando essas vão ao salão de beleza ou maquiam o rosto. O orgulho dessas senhoras se sente mortalmente ferido...

A criança que vê toda essa infâmia se sente atingida em seu íntimo, e reage tomando partido ou de sua mãe soberba e orgulhosa ou colocando-se do lado da empregada vaidosa e humilhada; o resultado de tudo isso costuma ser catastrófico para a personalidade da criança.

Desde que foi criada a TV a unidade familiar foi perdida. Em outros tempos o homem chegava do trabalho e era recebido por sua esposa com muita alegria. Hoje em dia a mulher já não recebe mais o seu marido porque está ocupada vendo a novela.

Dentro dos lares modernos o pai, a mãe, os filhos e as filhas parecem autômatos inconscientes diante da TV.

Agora o marido não pode mais comentar nada com sua esposa sobre os problemas do dia, do trabalho, da vida porque ela vive ocupada vendo o filme, a novela e as fofocas da vida dos artistas.

Os filhos, educados nesse ambiente doméstico moderno, só pensam em revólveres, pistolas e metralhadoras de brinquedo para imitar e viver em suas fantasias as cenas dantescas da criminalidade que viram na TV.

Lástima que a TV seja utilizada para finalidades tão nocivas e destrutivas. Se a humanidade soubesse usar esse invento de modo positivo, seja para estudar as ciências naturais, seja para ensinar a verdadeira arte régia da mãe natureza ou ainda para passar ensinamentos positivos para a sociedade, então esse invento seria uma bênção para todos, e poderia ser utilizado de forma inteligente para bem formar as personalidades humanas.

É um total absurdo alimentar a personalidade infantil com música vulgar, desarmônica e arrítmica. É uma estupidez alimentar a personalidade infantil com episódios de ladrões e policiais, vícios e prostituição, pornografia e dramas de adultérios.

O resultado disso tudo é visível nos grandes centros urbanos: jovens de classe média que se tornam assassinos e traficantes.

Lamentável que as mães açoitem seus filhos, surrem e insultem com palavras de baixo calão ou vulgares. A consequência disso é o ressentimento, o ódio, a perda do respeito e do afeto.

Na vida prática pudemos evidenciar que crianças educadas em meio a surras e gritos se transformam em pessoas vulgares e cheias de grosserias, destituídas dos sentidos do respeito e da veneração.

Urgente é a necessidade de criar autêntico equilíbrio em todos os lares. É indispensável saber que a doçura e a severidade devem se equilibrar mutuamente, como os dois pratos da balança da justiça.

O pai representa a severidade; a mãe representa a doçura. O pai personifica a sabedoria; a mãe simboliza o amor.

Sabedoria e amor, severidade e doçura devem estar equilibrados como os pratos da balança da justiça cósmica.

Os pais devem aprender a viver em equilíbrio para o bem de todos os lares.

É urgente, é necessário que todos os pais e mães de família compreendam a necessidade de semear na mente infantil os eternos valores do espírito.

É lamentável que as crianças da atualidade tenham perdido o sentido da veneração. Isso é devido aos filmes de *cowboys*, mocinhos e bandidos, à televisão; essas coisas perverteram a mente das nossas crianças.

A Psicologia Revolucionária do Movimento Gnóstico de forma clara e precisa distingue o que é Essência e o que é Ego.

Durante os três ou quatro primeiros anos de vida somente se manifesta na criança a beleza da Essência. Então, ela é terna, doce e bonita, em todos os aspectos psicológicos.

Quando o Ego começa a controlar a terna personalidade da criança toda essa beleza infantil da Essência desaparece, e afloram em casa os defeitos psicológicos próprios de todo ser humano.

Portanto, devemos diferenciar o Ego da Essência; também é preciso distinguir a personalidade da Essência.

O ser humano nasce com a Essência, não com a personalidade; esta última é preciso ser criada.

Personalidade e Essência devem se desenvolver de forma harmoniosa e equilibrada.

Na prática, pudemos verificar que quando a personalidade se desenvolve exageradamente à custa da Essência, o resultado é a sem-vergonhice.

A observação e a experiência de muitos anos nos permitiram compreender que quando a Essência se desenvolve totalmente sem atentar para um mínimo da educação harmoniosa da personalidade, o resultado é o surgimento do místico sem intelecto, sem personalidade; nobre de coração, mas incapaz e inepto para a vida...

O harmonioso desenvolvimento da personalidade e da Essência gera homens e mulheres geniais.

Na Essência encontra-se tudo que nos é próprio; na personalidade, tudo que nos é dado ou emprestado.

Na Essência temos nossas qualidades inatas; na personalidade temos o exemplo dos mais velhos, o que aprendemos no lar, na escola e na rua.

É muito importante que as crianças recebam o alimento da Essência e também o da personalidade.

A Essência se alimenta de ternura, carinho, amor, música, beleza, harmonia, flores, etc.

A personalidade deve ser alimentada com o bom exemplo dos mais velhos, com o bom ensino das escolas, [com as boas companhias, etc.].

É indispensável que as crianças entrem na escola aos sete anos de idade; até os sete anos é destinado ao jardim de infância.

As crianças devem aprender as primeiras letras em forma lúdica; assim o estudo se torna atraente, prazenteiro e feliz.

A Educação Fundamental ensina que desde o jardim de infância deve-se atender, de forma especial, a cada um dos três aspectos da personalidade humana: pensamento, movimento e ação. Assim, a personalidade da criança se desenvolve de forma harmoniosa e equilibrada.

A questão da formação e desenvolvimento da personalidade infantil é algo de extrema responsabilidade dos pais e dos professores.

A qualidade da personalidade humana depende exclusivamente do tipo de material psicológico com o qual foi criada e alimentada.

Em torno da personalidade, da Essência e do Ego existe muita confusão por parte dos estudantes de psicologia.

Alguns confundem personalidade com Essência; outros confundem o Ego com a Essência.

Muitas são as escolas pseudo-esotéricas ou pseudo-ocultistas que têm como meta a vida impessoal.

É necessário esclarecer que não é a personalidade que temos a dissolver. É o Ego, é esse “eu mesmo” que devemos desintegrar e reduzir a pó.

A personalidade é tão só um veículo de expressão ou de ação que foi necessário ser criado.

Em nosso mundo existem “Calígulas”, “Átilas”, “Hitleres”, etc. Por mais perversa que seja, a personalidade pode ser transformada radicalmente, quando o Ego é dissolvido de forma total.

Essa questão da dissolução do Ego ou Eu confunde e incomoda muitos pseudo-esoteristas; eles estão convencidos que o Ego ou Eu é algo divino; confundem Ego com Ser ou com a Mônada Divina.

Compreender que o Ego ou Eu nada tem de divino é algo muito necessário e urgente.

O Ego é o mesmo Satã bíblico; um amontoado de memórias, desejos, paixões, ódios, ressentimentos, concupiscências, adultérios, herança genética da família, da raça e da nação, dentre outros.

Muitos afirmam que há, dentro de nós, um Eu Superior e um Eu Inferior. Superior e Inferior são apenas duas secções de uma mesma coisa. Eu Superior e Eu Inferior são dois segmentos do mesmo Ego.

A Mônada, o Ser Divino, o Íntimo nada tem a ver com nenhuma forma de Ego. O Ser é o Ser – isso é tudo. A razão de ser do Ser é o próprio Ser.

A personalidade em si mesma é tão só um veículo; nada mais. Através da personalidade podem se expressar o Ego ou o Ser. Tudo depende de nós mesmos.

Portanto, é urgente dissolvermos o Ego, o Eu, para que somente se manifeste por meio de nossa personalidade, a Essência psicológica de nosso verdadeiro Ser.

É indispensável que os educadores compreendam perfeitamente a necessidade de cultivar de forma harmoniosa os três aspectos da personalidade humana.

Um perfeito equilíbrio entre personalidade e Essência, um desenvolvimento harmonioso do pensamento, da emoção e do movimento, e uma ética revolucionária constituem as bases da Educação Fundamental.

Capítulo 25

A ADOLESCÊNCIA



É chegada a hora de abandonar, de forma definitiva, o falso pudor e os preconceitos relacionados à questão sexual.

De modo claro e preciso é necessário compreender o tema sexual dos adolescentes de ambos os sexos.

Aos 14 anos de idade a energia sexual irrompe-se no corpo do adolescente, fluindo, então, de forma avassaladora pelo sistema neuro-simpático.

Esse tipo especial de energia modifica o corpo humano, alterando a voz masculina e dando início à função ovulatória feminina.

O corpo humano é uma autêntica fábrica que transforma elementos grosseiros em finas substâncias vitais.

O alimento que chega ao estômago passa por inúmeras transformações e refinamentos até culminar nessa substância meio sólida e meio líquida, denominada por Paracelso de *ens seminis* (a entidade do sêmen).

Esse “vidro líquido, flexível, maleável”, esse esperma contém em si mesmo, potencialmente, todos os germes da vida.

O Gnosticismo reconhece no esperma o mesmo *Kaos*, de onde surgem todas as formas de vida.

Os velhos alquimistas medievais, como Paracelso, Sendivogius, Nicolas Flamel, Raimundo Lulio, dentre outros, estudaram com profunda veneração o *ens seminis*, o “mercúrio” da filosofia secreta.

Este **VITRIOL**, [*Visita Interiora Terrae, Rectificando Invenies Occultum Lapidem*] é um autêntico elixir, elaborado inteligentemente pela natureza dentro das vesículas seminais.

Nesse “mercúrio” da antiga sabedoria, nesse sêmen, encontram-se de fato todas as possibilidades existenciais.

É lamentável que muitos jovens, por falta de orientação psicológica adequada, entreguem-se ao vício da masturbação ou se desviem pelas vias infra-sexuais da homossexualidade.

É dada muita informação intelectual sobre os mais variados temas aos jovens e crianças. Também são motivados para a via do esporte, cujo abuso encurta a vida. Porém, infelizmente, quando as energias sexuais se irrompem no corpo do adolescente, tanto os pais de família quanto os professores das escolas, baseados em falsos puritanismos e numa moral estúpida, decidem se calar de forma criminoso...

Existem silêncios delituosos e palavras infames. Calar sobre a questão sexual é um delito. Ensinar equívocos sobre a sexualidade humana também é outro delito.

Se os pais e os professores se calam, os pervertidos falam, e as vítimas serão os adolescentes desinformados.

Se o adolescente não pode consultar os pais e os professores, então vai consultar os colegas da escola, possivelmente já desviados do verdadeiro caminho. O resultado disso não se faz esperar; o novo adolescente,

seguindo falsos conselhos, acabará por se dedicar à masturbação ou se desviará pela via da infra-sexualidade ou do homossexualismo.

O vício da masturbação arruína totalmente a potência cerebral. É necessário saber que existe uma íntima relação entre o sêmen e o cérebro; é preciso “cerebrizar” o sêmen e “seminizar” o cérebro.

Seminiza-se o cérebro com o exercício da transmutação da energia sexual, sublimando-a e a convertendo em poder cerebral. Desse modo, o sêmen se cerebriza e o cérebro se seminiza.

A ciência gnóstica estuda a fundo a endocrinologia, e ensina métodos e sistemas de transmutação das energias sexuais. Mas este é um assunto que foge à proposta deste livro.

Para melhor se informar sobre Gnosticismo o leitor deve estudar nossos livros e ingressar numa de nossas escolas.

Os adolescentes devem sublimar as energias sexuais cultivando o sentido estético, aprendendo música, escultura, pintura, fazendo passeios nas altas montanhas, junto à natureza, etc.

Quantos rostos que poderiam ser belos murcharam. Quantos cérebros se degeneraram – tudo por falta de um grito de alerta em momento oportuno.

O vício da masturbação, seja masculina, seja feminina, tornou-se mais corriqueiro que lavar as mãos.

Os manicômios estão cheios de homens e mulheres que arruinaram suas vidas com o repulsivo vício da masturbação. O destino dos masturbadores é o manicômio.

O vício do homossexualismo tem apodrecido as raízes desta civilização caduca e perversa. Parece inacreditável que em países, como a Inglaterra, que se presumem “cultos e civilizados” existam salas de cinemas onde são exibidos filmes sobre homossexualidade.

Incrível que, precisamente, seja na Inglaterra onde estão fazendo esforços para legalizar oficialmente casamentos homossexuais.

[NT – Este livro foi escrito em fins dos anos 60. No ano da graça de 2009, isso é realidade em muitos lugares do mundo].

Nas grandes metrópoles do mundo atualmente existem prostíbulos e clubes homossexuais.

A tenebrosa confraria dos inimigos da mulher possui hoje em dia organizações pervertidas que surpreendem pela sua degeneração.

Muitos podem ficar muito surpresos com isso da “fraternidade degenerada”, mas não devemos nos esquecer que em todos os tempos da história sempre existiram máfias e grupos criminosos.

A doentia confraria dos inimigos da mulher é uma fraternidade delituosa, sem sombra de dúvida.

Os inimigos da mulher sempre ou quase sempre ocupam postos-chave na colméia burocrática.

Quando um homossexual vai à prisão, em seguida é liberado devido à oportuna influência que tem, junto aos homens-chave da fraternidade do delito.

Se um efeminado cai em desgraça, logo a seguir recebe ajuda econômica de todos os sinistros personagens da confraria do delito.

Os tenebrosos membros do homossexualismo se reconhecem entre si pelo uniforme que vestem.

É surpreendente saber que os afeminados usam uniformes, mas assim é. O uniforme dos homossexuais é toda nova moda que surge. Os afeminados sempre iniciam a nova moda. Quando uma moda se torna comum, inventam outra, e assim, seu uniforme é sempre uma novidade.

Todas as grandes cidades do mundo moderno possuem milhões de homossexuais.

O vício do homossexualismo inicia sua vergonhosa marcha na adolescência.

Muitas escolas de rapazes e mocinhas adolescentes são verdadeiros prostíbulos do tipo homossexual.

Milhões de mocinhas adolescentes marcham resolutamente pelo tenebroso caminho dos inimigos do homem.

Milhões de adolescentes do sexo feminino são homossexuais. A confraria do delito entre o homossexualismo feminino é tão forte quanto a confraria do delito entre o sexo masculino.

É mais que hora de abandonar-se radicalmente e de forma definitiva o falso pudor, e sinalizar aos adolescentes, de ambos os sexos, de forma franca e direta, todos os mistérios sexuais.

Somente assim as novas gerações poderão ser encaminhadas pela senda da regeneração.

A JUVENTUDE



A juventude se divide em dois períodos de sete anos cada: o primeiro começa aos 21 anos e termina aos 28; o segundo começa aos 28 e termina aos 35.

Os fundamentos da juventude encontram-se no lar, na escola e no mundo.

A juventude, construída nos princípios da Educação Fundamental torna-se efetivamente edificante e essencialmente dignificante.

A juventude, quando levantada sobre bases falsas, por consequência lógica é uma via equivocada.

A maioria dos homens emprega a primeira parte da vida para tornar miserável a sua segunda metade.

Os jovens, devido a um conceito equivocado de “hombridade”, acabam indo parar nos braços das prostitutas.

Os excessos da juventude são como notas promissórias assinadas agora para serem pagas na velhice com juros e dividendos bastante elevados.

Sem Educação Fundamental, a juventude converte-se em permanente embriaguez: erros, bebedeiras e paixões bestiais.

Tudo o que o homem há de ser no futuro revela-se em estado potencial nos primeiros trinta anos de vida.

Todas as grandes ações humanas que conhecemos, tanto de épocas passadas quanto dos tempos atuais, a maioria delas foram iniciadas antes dos trinta anos.

O homem que alcança os trinta anos de vida muitas vezes se sente como saído de uma grande batalha, na qual viu tombar seus companheiros, um após outro.

Aos trinta anos homens e mulheres já perderam sua vivacidade e seu entusiasmo; quando fracassam nas primeiras iniciativas tornam-se pessimistas e abandonam o jogo [da vida].

As ilusões da maturidade sucedem as ilusões da juventude. Sem Educação Fundamental, a herança da velhice costuma ser o desespero.

A juventude é passageira. A beleza é o esplendor da juventude, mas ela é ilusória; não dura muito.

Os jovens são geniais, mas têm pouco juízo. Raros na vida são os jovens de forte juízo e exuberante genialidade.

Sem uma Educação Fundamental os jovens tornam-se passionais, bêbados, irônicos, debochados, concupiscentes, luxuriosos, gulosos, cobiçosos, invejosos, ciumentos, jactanciosos, ladrões, orgulhosos, preguiçosos, etc.

A mocidade é como um sol de verão que logo se põe. Aos jovens lhes encanta desperdiçar os valores vitais da juventude.

Os mais velhos gostam de explorar os jovens e levá-los à guerra.

O jovem pode se transformar e transformar o mundo, se orientado pela via da Educação Fundamental.

Na juventude estamos cheios de ilusões que apenas nos levam ao desencanto.

O Ego aproveita o fogo da juventude para se robustecer e se tornar poderoso.

O Ego quer prazeres e sensações passionais a qualquer preço, mesmo que isso torne a velhice um completo desastre.

O jovem só se interessa pela fornicação, bebida e prazeres de toda espécie.

Os jovens não querem se dar conta que ser escravo dos prazeres é próprio de meretrizes, não de homens verdadeiros.

Nenhum prazer é eterno. A sede de prazeres é uma enfermidade que torna os “animais intelectuais” mais depreciáveis.

O grande poeta Jorge Manrique escreveu:

Quão rápido vai o prazer
Como depois de acordado
Da dor
Como se a nosso parecer
Qualquer tempo passado
Tivesse sido melhor

Aristóteles, falando sobre o prazer, dizia: “Quando se trata de julgar o prazer, os homens não somos juízes imparciais”.

O animal intelectual se diverte justificando o prazer. Frederico, o Grande, não viu inconveniente em afirmar de forma enfática: “O prazer é o bem mais real desta vida”.

A dor mais intolerável advém do prolongamento do prazer mais intenso.

Os jovens libertinos nascem como praga. O Eu Libertino sempre tem justificativa para o prazer.

O libertino crônico detesta o Matrimônio Perfeito ou prefere adiá-lo...

Adiar o casamento devido a “melhor aproveitar a vida” é coisa grave.

É um absurdo acabar com a vitalidade da juventude e logo se casar. As vítimas de tamanha estupidez são os filhos.

Muitos homens se casam porque se sentem cansados; muitas mulheres se casam por curiosidade; o resultado é a decepção.

Todo homem sábio ama verdadeiramente e de todo o coração a mulher que escolheu.

Devemos sempre nos casar na juventude, a menos que queiramos ter uma velhice miserável.

Para tudo há tempo na vida. Que um jovem se case é natural; mas que um ancião o faça, é estupidez.

Os jovens devem se casar e saber formar seu lar. Não devemos esquecer que o monstro dos ciúmes destrói os lares.

Salomão dizia que “os ciúmes são cruéis como a tumba, e suas brasas são brasas de fogo”.

A raça dos animais intelectuais é ciumenta como os cães. Os ciúmes são totalmente bestiais.

O homem ciumento de sua mulher não sabe com quem vive. Melhor não zelar para sabermos que classe de mulher temos.

A venenosa gritaria de uma mulher ciumenta é mais mortífera que os caninos de um cão raivoso.

É falso dizer que onde há ciúme existe amor. O ciúme jamais nasce do amor; amor e ciúme são incompatíveis. A origem do ciúme está no temor.

O Ego justifica o ciúme com muitos argumentos; o ego tem medo de perder o ser amado.

Quem quiser de verdade dissolver o Ego deve estar sempre disposto a perder aquilo que mais ama.

Na prática pudemos verificar, depois de muitos anos de observação, que os solteirões libertinos tornam-se maridos ciumentos.

Todo homem foi terrivelmente fornicário.

Homem e mulher devem se unir voluntariamente e por amor; nunca por medo ou ciúmes.

Diante da Grande Lei o homem responde por sua conduta, e a mulher, pela sua.

O marido não pode responder pela conduta da mulher, nem a mulher pode responder pela conduta do marido. Que cada um responda por sua conduta e se dissolvam os ciúmes.

A questão básica da juventude é o casamento.

A jovem namorada com muitos pretendentes acaba “solteirona” porque todos, ao fim, se desiludem dela.

As jovens precisam aprender a conservar seus noivos se, de fato, querem o casamento.

Não devemos confundir o amor com a paixão. Os jovens enamorados bem como as mocinhas não sabem distinguir entre o que é amor e o que é paixão.

A paixão é um veneno que engana a mente e o coração.

Todo homem e toda mulher apaixonados juram de pés juntos que verdadeiramente estão enamorados. Mas, satisfeita a paixão animal, o castelo de cartas vem abaixo.

O fracasso de tantos casamentos se deve ao fato de terem se casado por paixão e não por amor.

O passo mais importante que damos na juventude é o do casamento. As escolas, colégios e universidades deveriam preparar os jovens e as mocinhas para esse importante acontecimento.

É lamentável ver muitos se casarem por meras questões financeiras e conveniências sociais.

Quando o casamento é realizado por paixão ou por conveniências sociais ou ainda por meros interesses financeiros, o resultado é o fracasso.

Muitos são os casais que fracassam no casamento por incompatibilidade de caráter.

A mulher que se casar com um tipo ciumento, irado, furioso, se tornará vítima de um verdugo.

O jovem que se casar com uma mulher ciumenta, irada, furiosa, passará sua vida num inferno.

Para haver autêntico amor entre dois seres é necessário dissolver o Ego do ciúme, acabar com a paixão animal, desintegrar a ira e acabar com os interesses pessoais [egoístas].

O Ego causa danos nos lares; o Eu Mesmo destrói a harmonia. Se os jovens estudarem nossa Educação Fundamental e se propuserem a eliminar o Ego, é claro que, depois, poderão seguir a Via do Matrimônio Perfeito.

Só com a dissolução do ego poderá haver verdadeira felicidade nos lares. Aos jovens, que querem ser felizes no casamento sugerimos estudar a fundo nossa Educação Fundamental e dissolver o Ego.

Muitos pais zelam demasiadamente por suas filhas; nem querem que estas tenham namorado ou noivo. Semelhante conduta é absurda; as mocinhas precisam de um noivo para se casarem.

O resultado disso são os noivados secretos, com o risco de elas serem vítimas dos galãs sedutores.

As mocinhas devem ter a liberdade de noivar, namorar. Mas como ainda não dissolveram o Ego, não é indicado deixarem-nas sozinhas com o noivo.

Os jovens e mocinhas devem ter liberdade de fazer festas em sua casa. As distrações sadias não prejudicam ninguém; os jovens precisam de distrações [sadias].

O que prejudica a juventude é a bebida, o cigarro, a fornicação, a farra, as baladas, os bares, etc.

Festas familiares, decentes bailes domésticos, boa música, passeios no campo, etc., não têm como prejudicar ninguém.

A mente prejudica o amor. Muitos jovens perderam a oportunidade de se casarem com magníficas mulheres devido ao medo do futuro, insegurança financeira e lembranças do passado.

Os medos da vida, de passar fome e de ficar na miséria, além dos ilusórios projetos mentais, constituem a causa fundamental para adiar o casamento.

Muitos são os jovens que se propõem a não se casarem antes de conseguirem determinada soma de dinheiro, ter casa própria, carro do ano e outras tantas bobagens, como se isso fosse a causa da felicidade.

Lamentável que esses jovens percam belas oportunidades matrimoniais por causa do medo da vida, da morte, da opinião alheia, etc.

Pessoas assim acabam ficando solteiras a vida toda, ou se casam muito tarde, quando já não dispõem mais de tempo para construir um lar e educar os filhos.

Tudo o que precisa um homem para criar e manter um lar é ter uma profissão ou uma atividade, por mais humilde que seja – isso é tudo.

Muitas mocinhas ficam solteironas por quererem escolher marido. As mulheres calculistas, interesseiras e egoístas acabam solteironas ou fracassam no casamento. Necessário é que compreendam que os homens se desiludem desse tipo de mulher.

Algumas jovens, desejosas de caçar marido, exageram na maquiagem, depilam as sobrancelhas, pintam o cabelo, usam perucas e cílios postiços, etc. Esse tipo de mulher nada sabe da psicologia masculina.

Por natureza, o homem detesta bonecas pintadas; ele prefere a beleza totalmente natural e o sorriso límpido, ingênuo.

O homem busca na mulher a sinceridade, a simplicidade, o amor verdadeiro e desinteressado ou a ingenuidade da natureza. As mocinhas que querem se casar precisam aprender mais sobre a psicologia masculina.

O amor é o sumo da sabedoria. O amor se alimenta do amor. O fogo da eterna juventude é o amor.

Capítulo 27

A MATURIDADE



A maturidade [ou idade adulta] começa aos 35 anos e termina aos 56.

Na maturidade, o homem deve saber governar sua casa e orientar seus filhos.

Na vida comum, na maturidade o homem é um chefe de família. Um homem que não forma seu lar e sua riqueza na juventude e na maturidade, não o fará mais, e, de fato, é um fracassado.

Aqueles que tentam formar um lar e riqueza durante a velhice são dignos de piedade.

O Ego da cobiça vai aos extremos e busca acumular grandes fortunas.

Tudo o que o ser humano precisa é de pão, casa e proteção. É necessário comer, vestir e ter um teto. Não é necessário acumular grandes riquezas para viver.

Nós não defendemos nem a riqueza nem a miséria; os extremos são condenáveis.

Muitos são os que rolam no lodo e na miséria; muitos também são os que rolam no lodo e na riqueza.

É preciso ter um mínimo de riqueza; ou seja: ter uma boa casa com jardim, uma fonte de renda, vestir-se bem e não passar fome. Isso é o normal.

A miséria, a fome, a doença e a ignorância jamais devem existir em país algum do mundo que se presuma culto e civilizado.

Contudo, a democracia não existe; precisamos criá-la. Enquanto existir um só cidadão sem ter o que comer, onde morar e o que vestir, a democracia não passará de um ideal distante.

Os chefes de família devem ser compreensivos, inteligentes; jamais bêbados, glutões, tiranos, etc.

Todo homem maduro sabe, por experiência própria, que os filhos seguem seu exemplo; se este é equivocado, marcará absurdas derrotas em seus descendentes.

É realmente uma estupidez que o homem adulto tenha várias mulheres e viva em bebedeiras, farras e festas.

Sobre o homem maduro pesa a responsabilidade de toda a família; é claro que se ele seguir por vias equivocadas, trará mais desordens ao mundo, mais confusão e mais amarguras.

Pai e mãe devem compreender a diferença entre os sexos. É absurdo que as filhas estudem física, química, álgebra, etc. O cérebro feminino é diferente do cérebro masculino. Essas matérias são mais adequadas ao sexo masculino, mas são inúteis e até mesmo danosas para a mente feminina.

É necessário que pais e mães lutem de todo coração para promover uma mudança vital nos currículos escolares.

A mulher deve aprender a ler, escrever, tocar piano, tecer, bordar; em geral, aprender os ofícios femininos.

A mulher deve ser preparada desde os bancos escolares para a sublime missão que lhe corresponde na vida como mãe e esposa.

É absurdo danificar o cérebro feminino com complicados e difíceis estudos próprios para o sexo masculino.

É preciso que tanto os pais de família quanto os professores de escolas, colégios e universidades se preocupem em trazer à mulher a feminilidade que lhe corresponde. É estúpido militarizar as mulheres, obrigá-las a marchar com bandeiras e tambores pelas ruas das cidades como se fossem homens.

A mulher deve ser bem feminina e o homem bem masculino.

O sexo do meio, o homossexualismo, é produto da degeneração e da barbárie.

As mocinhas que se dedicam a longos e difíceis estudos se tornam velhas e ninguém mais quer se casar com elas.

Na vida moderna é conveniente que as mulheres façam carreiras curtas, dediquem-se ao belo, aprendam taquigrafia, costura, pedagogia, etc.

Normalmente, a mulher deve se dedicar unicamente à vida doméstica. Mas, devido à crueldade desta época, a mulher precisa trabalhar fora para comer e se vestir.

Numa sociedade verdadeiramente culta e civilizada, a mulher não necessita trabalhar fora de casa para poder viver. Isso de trabalhar fora é crueldade da pior espécie.

O homem atual, degenerado, criou uma falsa ordem de coisas, levando a mulher a perder sua feminilidade; tirou-a de casa e a tornou escrava.

A mulher feita marimacho, com intelecto masculino, fumante e lendo jornal, seminua, usando minissaia ou jogando carta, é o resultado do homem degenerado desta época, a seqüela social de uma civilização que agoniza.

A mulher tipo espã, a doutora viciada, a atleta olímpica, beberrona, desnaturalizada, que nega o peito aos filhos para não perder a beleza, é o sintoma execrável de uma civilização falsa.

É chegada a hora de organizar o exército de salvação mundial, com homens e mulheres de boa vontade, que verdadeiramente estejam dispostos a lutar contra essa falsa ordem de coisas.

É chegada a hora de estabelecer no mundo uma nova civilização, uma nova cultura.

A mulher é a pedra fundamental do lar; se essa pedra está mal lavrada, cheia de arestas e deformações de todo tipo, o resultado na vida social é a catástrofe.

Com o homem é diferente; por isso se pode dar ao luxo de estudar medicina, física, química, matemática, direito, engenharia, astronomia, etc.

Um colégio militar masculino é natural, normal. Mas um colégio militar feminino, além de absurdo, acaba sendo ridículo.

É desagradável ver as futuras esposas, futuras mães que levarão seus filhos em seus seios, marchando como homens pelas ruas das cidades.

Isso não só demonstra a perda da feminilidade como também põe o dedo na ferida, sinalizando a perda da masculinidade do homem.

O homem que é homem de verdade, o homem másculo, não pode aceitar nunca um desfile militar feminino. O escrúpulo masculino, a idiosincrasia psicológica do homem, o pensamento masculino sente aversão a esse tipo de espetáculo, que demonstra claramente o grau de degeneração humana.

Precisamos que a mulher retorne ao lar, à sua feminilidade, à beleza natural, à sua ingenuidade original, à sua verdadeira simplicidade. Precisamos acabar com essa ordem de coisas e restabelecer na face da terra uma nova civilização e uma nova cultura.

Os pais de família, os educadores devem saber levantar as novas gerações com verdadeira sabedoria e amor.

Os filhos homens devem receber não só informação intelectual e aprender um ofício ou diploma profissional. É preciso que os homens conheçam o sentido da responsabilidade e se encaminhem pela senda da retidão e do amor consciente.

Sobre os ombros dos homens adultos pesa a responsabilidade de uma esposa e dos filhos e filhas.

O homem maduro, com elevado sentido de responsabilidade, casto, sóbrio, capacitado, virtuoso, etc., é respeitado por sua família e por toda a sociedade.

O homem maduro, que escandaliza todo mundo com seus adultérios, fofocações, dissabores, injustiças, torna-se repulsivo para a sociedade,

e não só causa dor a si mesmo, mas também faz amarga a vida dos familiares, e atrai dor e confusão para todos.

É preciso que o homem maduro saiba viver corretamente o seu tempo. É importante que o homem maduro compreenda que a juventude ficou para trás.

É ridículo querer repetir na maturidade as mesmas aventuras de quando jovem. Cada época da vida tem o seu encanto, e é preciso saber viver de acordo.

O homem maduro deve trabalhar intensamente antes que chegue a velhice, tal como a formiga que providentemente fez suas reservas de alimentos antes da chegada do inverno.

Muitos homens jovens desperdiçam ignorantemente seus valores vitais; quando alcançam a idade madura, tornam-se horríveis, miseráveis e fracassados.

É realmente ridículo ver muitos homens maduros repetindo as aventuras da juventude, sem se darem conta que agora se tornaram horríveis e a juventude se foi.

Uma das maiores tragédias da época atual é o vício da bebida. Na juventude, muitos se viciam na bebida; ao chegarem à idade adulta, não constituíram família, não fizeram seu pé de meia, não têm uma boa profissão; andam de bar em bar, acabados, repulsivos e mal vestidos, mendigando bebida.

Os chefes de família e os educadores devem dar especial atenção aos jovens, orientando-os retamente, com o sadio propósito de fazer um mundo melhor.

Capítulo 28

A VELHICE



Os primeiros 40 anos de vida nos dão o livro; os 30 anos seguintes nos dão a análise.

Aos 20 anos o homem é um pavão; aos 30, um leão; aos 40, um camelo; aos 50, uma serpente; aos 60, um cão; aos 70, um macaco, e, aos 80, unicamente uma voz e uma sombra.

O tempo revela tudo; revela até mesmo o que não lhe foi pedido.

Não existe nada, feito pela mão do animal intelectual, falsamente chamado homem, que cedo ou tarde, não seja destruído pelo tempo.

“*Fugit irreparabile tempus*”: O tempo flui e não pode ser recuperado.

O tempo traz à luz pública tudo o que agora está oculto, e encobre e esconde tudo o que neste momento brilha com esplendor.

A velhice é como o amor: não pode ser escondido – nem quando se disfarça com as roupas da juventude.

A velhice abate o orgulho dos homens, e os humilha; porém, uma coisa é ser humilde e outra é cair humilhado.

Quando a morte se aproxima, os velhos, decepcionados com a vida, descobrem que a velhice não é um fardo.

Todo mundo traz a esperança de viver longamente, e chegar à velhice; entretanto, a velhice assusta.

A velhice começa aos 56 anos; depois, segue em períodos consecutivos de sete anos cada, conduzindo-nos à decrepitude e à morte.

A maior tragédia dos velhos não está no fato em si de serem velhos, mas na tolice de não quererem reconhecer que já são velhos e, também, na estupidez de se acharem jovens, como se a velhice fosse um delito.

O melhor da velhice é o fato de nos encontrarmos próximos da meta [da vida, que é a morte].

O Eu Psicológico, o Mim Mesmo, o Ego não se aperfeiçoa com o tempo nem com a experiência; pelo contrário: ele se complica, se torna mais difícil e mais trabalhoso. Por isso diz o ditado popular: *Gênio e figura até a sepultura*.

O Ego dos velhos complicados se autoconsola dando belos conselhos já que não pode mais dar feios exemplos de vida.

Os velhos sabem bem que a velhice é um terrível tirano que os proíbe, sob pena de morte, gozar dos prazeres da juventude; preferem então consolar-se dando bons conselhos.

O Eu esconde o Eu; o Eu esconde uma parte de si mesmo, e a tudo rotula com belas frases e bons conselhos de vida.

Uma parte do Ego esconde a outra parte dele mesmo; o Ego sempre esconde o que lhe convém.

Está completamente demonstrado pela observação e pela experiência que quando os vícios nos abandonam, agrada-nos pensar que fomos nós que os abandonamos.

O coração do “animal intelectual” não se torna melhor com o passar dos anos, mas sim, pior. Se na juventude fomos cobiçosos, embusteiros, iracundos, na velhice seremos muito mais.

Os velhos vivem no passado; são o resultado de muitos ontens; ignoram totalmente o momento que vivemos. Os velhos são memória acumulada.

A única forma de se chegar à velhice perfeita é dissolvendo o Ego. Quando aprendemos a morrer de momento a momento, alcançamos a sublime ancianidade.

A velhice possui um grande sentido de sossego e liberdade para aqueles que dissolveram o Ego.

Quando morrem as paixões em forma radical, total e definitiva, ficamos livres não só de um amo, mas de muitos.

É muito difícil encontrar na vida velhos inocentes, que sequer possuam resíduos egoísticos. Essa classe de anciãos é infinitamente feliz e vive de momento a momento.

O homem encanecido na sabedoria, o ancião sábio, senhor do amor, de fato se transforma em farol de luz que sabiamente guia a corrente dos incontáveis séculos.

No mundo existiram e existem atualmente alguns anciãos mestres que sequer possuem os últimos resíduos de ego. Esses Arhats Gnósticos são tão exóticos e divinos como a flor de lótus.

O venerável Mestre Ancião que dissolveu o Ego Pluralizado de forma radical e definitiva é a perfeita expressão da perfeita sabedoria, do amor divino e do sublime poder.

O Mestre Ancião, que já não mais possui Egos, efetivamente é a plena manifestação do Ser Divino.

Esses sublimes anciões, esses *Arhats* gnósticos, têm iluminado o mundo desde antigos tempos; recordemos Buddha, Moisés, Hermes, Ramakrishna, Daniel, o Santo Lama e outros.

Os professores das escolas, colégios e universidades, os pais de família, todos devem ensinar as novas gerações a respeitar e a venerar os velhos.

“Isso” que não tem nome, “Isso” que é divino, “Isso” que é real, possui três aspectos: Sabedoria, Amor e Verbo.

O divino, como Pai, é sabedoria cósmica; como Mãe, é amor infinito, e, como Filho, é o Verbo.

No pai de família está representada a sabedoria; na mãe, o amor; e nos filhos, a palavra [Verbo].

O ancião pai merece todo o apoio da família. O pai, já velho, não pode trabalhar; é justo que os filhos o mantenham e o respeitem.

A velha mãe também não pode trabalhar; portanto, é preciso que os filhos velem por ela e a amem, e façam desse amor uma religião.

Quem não sabe amar seu pai, quem não sabe adorar sua mãe, marcha pelo caminho da esquerda, pelo caminho do erro.

Os filhos não têm o direito de julgarem seus pais; ninguém é perfeito neste mundo. Quem não tem um tipo de defeito, tem de outro, e todos fomos modelados pelas mesmas tesouras.

Muitos subestimam o amor paterno; outros até se riem do amor paterno. Quem assim se comporta na vida, sequer chegou a entrar no caminho que nos conduz a “Isso” que não tem nome.

O filho ingrato, que detesta seu pai e se esquece de sua mãe, de fato é um perverso que abomina tudo que é divino.

A revolução da consciência não significa ingratidão, esquecer o pai, subestimar a mãe adorável. A revolução da consciência é sabedoria, amor e perfeito poder.

No pai está o símbolo da sabedoria; na mãe está a fonte viva do amor, sem cuja essência puríssima, realmente é impossível alcançar as mais elevadas realizações íntimas.

Capítulo 29

A MORTE



É hora de compreendermos a fundo e em todos os níveis mentais o que realmente é a morte em si mesma. Só assim será possível entender, de forma íntegra e verdadeira, o que é a imortalidade.

Ver o corpo humano de um ente querido dentro de um caixão não significa haver compreendido o mistério da morte.

A verdade é o desconhecido de cada momento. A verdade sobre a morte não é uma exceção.

O Ego sempre quer, como é normal, um seguro de vida, uma garantia a mais, um avalista com poderes que se encarregue de assegurar-nos uma boa condição e algum tipo de imortalidade além da assustadora sepultura.

O Ego não tem nenhuma vontade de morrer; o Ego quer viver para sempre e tem muito medo da morte.

A verdade não é uma questão de crer ou não crer. A verdade nada tem a ver com credulidade, nem com ceticismo. A verdade não é uma questão de idéias, teorias, opiniões, conceitos, preceitos, pressupostos, preconceitos, afirmações, negações; e a verdade sobre os mistérios da morte não é diferente disso.

A verdade sobre o mistério da morte só pode ser conhecida por meio da experiência direta.

Não há como passar a experiência real da morte a quem não a conhece.

Qualquer poeta pode escrever belos livros sobre o amor. Porém, é impossível comunicar a verdade sobre o amor a quem jamais o tenha experimentado. Do mesmo modo, dizemos que é impossível comunicar a verdade sobre a morte a quem jamais a tenha experimentado.

Quem quiser conhecer a verdade sobre a morte, deve indagar, experimentar por si mesmo e buscar como é devido; só assim poderemos descobrir o profundo significado da morte.

A observação e a experiência de muitos anos nos permitiram compreender que as pessoas não se interessam em realmente compreender o profundo significado da morte. A única coisa que realmente interessa às pessoas é seguir vivendo depois da sua morte – e isso é tudo.

Muitas pessoas desejam seguir vivendo mediante os bens materiais, o prestígio, a família, as crenças, as idéias, os filhos, etc.

Quando compreendem que qualquer tipo de continuidade psicológica é impossível, inútil, passageira, instável, então, sentindo-se sem garantia alguma e inseguras, espantam-se, horrorizam-se e se enchem de infinito terror.

Essa pobre gente não quer compreender que tudo nesta vida se desenvolve no tempo e com o tempo. E que tudo que continua decai com o tempo, se mecaniza, torna-se rotineiro e aborrecido.

É urgente, necessário, indispensável fazermo-nos plenamente conscientes do profundo significado da morte; somente assim desaparecerá o temor de deixar de existir.

Observando cuidadosamente a humanidade podemos verificar que a mente se acha sempre enfrascada no conhecido; querem que isso siga para além do sepulcro.

A mente, enfrascada no conhecido, jamais poderá experimentar o desconhecido, o real e verdadeiro.

Só rompendo o frasco do tempo, mediante a correta meditação, podemos experimentar o eterno, o que não é do tempo, o real.

Aqueles que desejam continuar, temem a morte; e suas crenças e teorias só servem de analgésico.

A morte, em si mesma, nada tem de assustador; é algo muito bonito, sublime, inefável. Mas a mente engarrafada no conhecido, só se move dentro do círculo vicioso que oscila entre a credulidade e o ceticismo.

Quando realmente nos fazemos conscientes do profundo significado da morte, então descobrimos por nós mesmos, mediante a experiência direta, que a vida e a morte constituem um todo íntegro, uma única realidade.

A morte é a depositária da vida. A estrada da vida está marcada com as pegadas das patas do cavalo da morte.

A vida é energia determinada e determinadora. Desde o nascimento até a morte fluem, por dentro do organismo humano, diferentes tipos de energia.

O único tipo de energia que o corpo humano não pode resistir é a energia do raio da morte. Esse raio possui uma voltagem muito elevada. O corpo humano não pode suportar tamanha voltagem.

Assim como um raio pode despedaçar uma árvore, também o raio da morte, ao fluir pelo corpo humano, o destroça, inevitavelmente.

O raio da morte conecta o fenômeno da morte com o fenômeno do nascimento.

O raio da morte gera tensões elétricas muito íntimas e certa nota-chave que tem o poder determinante de combinar os genes dentro do óvulo fecundado.

O raio da morte reduz o corpo humano aos seus elementos básicos.

O Ego, o Eu energético continua, infelizmente, em nossos descendentes.

A verdade sobre a morte, o que é esse intervalo entre a morte e a concepção, é algo que não pertence ao tempo e que somente mediante a ciência da meditação podemos experimentar.

Os professores das escolas, colégios e universidades precisam ensinar a seus alunos sobre o caminho que leva à experiência da realidade, do que é verdadeiro.

Capítulo 30

A EXPERIÊNCIA DO REAL



No solene umbral do templo de Delfos havia uma tabuleta hierática, esculpida em pedra que dizia: *Nosce te ipsum*.

Conhece-te a ti mesmo e conhecerás o universo e os deuses.

A ciência transcendental da meditação tem, como pedra fundamental e angular, esse sagrado lema dos antigos hierofantes gregos.

Se realmente e de forma muito sincera quisermos estabelecer a base para a correta meditação, é preciso compreender a nós mesmos em todos os níveis da mente.

De fato, criar a verdadeira base da meditação é estar livre da ambição, do egoísmo, do medo, do ódio, da cobiça de poderes psíquicos, da ânsia de resultados, etc.

É claro que depois de haver criado a pedra fundamental da meditação, a mente fica quieta e em profundo silêncio.

De um ponto de vista rigorosamente lógico torna-se absurdo querer experimentar a realidade sem nos conhecermos.

É indispensável compreendermos de forma íntegra, em todos os níveis mentais, cada problema conforme vai aparecendo; cada desejo, cada lembrança, cada defeito psicológico.

Claro que durante a prática de meditação passam pela tela mental, em sinistra procriação, todos os defeitos psicológicos que temos, todas as nossas alegrias e tristezas, incontáveis lembranças, múltiplos impulsos provenientes do mundo externo e interno, desejos de todo tipo, paixões de toda espécie, antigos ressentimentos, ódios, etc.

Quem verdadeiramente quiser criar em sua mente a pedra fundamental da meditação deve pôr plena atenção nesses valores positivos e negativos de nosso entendimento e compreendê-los em forma íntegra, não somente no nível meramente intelectual, mas também em todos os níveis subconscientes, infraconscientes e inconscientes da mente. Jamais devemos nos esquecer que a mente é composta de muitos níveis.

O profundo estudo desses valores significa de fato “conhecimento de si”.

Cada filme na tela mental tem um começo e um fim. Quando termina o desfile de formas, desejos, paixões, ambições, lembranças, etc., então a mente fica quieta e em profundo silêncio, vazia de toda classe de pensamentos.

Os atuais estudantes de psicologia precisam experimentar o vazio iluminador. A irrupção do vazio dentro de nossa própria mente permite experimentar, sentir, vivenciar um elemento que transforma; esse elemento é a realidade.

Diferenciemos “mente quieta” de “mente aquietada” pela força. Diferenciemos uma mente em silêncio e uma mente silenciada.

Sob qualquer dedução lógica temos que compreender que quando a mente está aquietada pela força, no fundo, em outros níveis mentais, não está quieta, e luta por se libertar.

Desde o ponto de vista analítico temos que compreender que quando a mente está silenciada à força, no fundo não está em silêncio; grita e se desespera terrivelmente.

A verdadeira quietude e silêncio natural e espontâneo da mente advêm-nos como uma graça, como uma dita, quando termina o filme muito íntimo e pessoal de nossa própria existência na maravilhosa tela intelectual.

Somente quando a mente estiver natural e espontaneamente quieta, só quando a mente se encontrar em delicioso silêncio, vem o Vazio Iluminador.

O Vazio não é fácil de ser explicado; não é definível ou descritível; qualquer conceito nosso pode falhar no ponto principal.

O Vazio não pode ser descrito ou expresso em palavras. Isso é devido a que a linguagem humana se formou para denominar coisas, pensamentos e sentimentos; não é adequada para expressar, de forma clara e específica, fenômenos, coisas e sentimentos não existentes [em nosso mundo].

Tratar de discutir o Vazio dentro dos limites de uma língua limitada pelas formas da existência, realmente e sem dúvida torna-se de fato ridículo e absurdamente equivocado.

“O Vazio é a não-existência, e a existência não é o vazio”.

“A forma não difere do Vazio e o Vazio não difere da forma”.

“A forma é o Vazio e o Vazio é a forma porque graças ao Vazio as formas existem”.

“O Vazio e a existência se complementam entre si sem se oporem. O Vazio e a existência se incluem e se abraçam”.

“Quando os seres de sensibilidade normal vêem um objeto, vêem somente o aspecto existente, mas não vêem o seu Vazio”.

“Todo ser iluminado pode ver simultaneamente o aspecto existente e o Vazio de qualquer coisa”.

“O Vazio é simplesmente uma palavra que denota a natureza não substancial e não pessoal dos seres; é um sinal indicativo do estado de absoluto desprendimento e de liberdade”.

Os professores das escolas, colégios e universidades devem estudar a fundo nossa psicologia revolucionária, e logo ensinar aos estudantes o caminho que os levará a experimentar a realidade.

Só é possível chegar à experiência da realidade quando o pensamento houver cessado.

A irrupção do Vazio nos permite experimentar a clara luz da realidade.

Esse conhecimento presente da realidade vazia, sem característica e sem cheiro, vazio de natureza, é a verdadeira realidade, a bondade universal.

A tua inteligência, cuja verdadeira natureza é o vazio que não deve ser visto como o vazio do nada, mas como a inteligência mesma, sem travas, brilhante, universal e feliz, é a Consciência, o Buddha universalmente sábio.

A tua própria consciência vazia e a inteligência brilhante e gozosa são inseparáveis; é sua união do Dharmakaya, o estado de perfeita iluminação.

A tua própria Consciência brilhante, vazia e inseparável do grande Corpo de Esplendor, não tem nascimento nem morte, e é a imutável luz Amitabha Buddha.

Esse conhecimento basta. Reconhecer o Vazio da própria inteligência como o estado de Buddha e considerá-la como tua própria Consciência, é continuar no divino espírito de Buddha.

Conserva teu intelecto sem se distrair durante a meditação; esqueça que estás meditando; não pense que estás meditando, porque quando se pensa que está meditando, esse pensamento basta para turvar a meditação. Tua mente deve estar Vazia para experimentar o que é Real...

Capítulo 31

A PSICOLOGIA REVOLUCIONÁRIA



Os professores e professoras das escolas, colégios e universidades devem estudar profundamente a psicologia revolucionária ensinada pelo Movimento Gnóstico Internacional.

A psicologia da revolução em marcha é radicalmente distinta de tudo quanto antes se conhecia sob essa denominação.

Sem dúvida, podemos dizer sem temor a erros, que no curso dos séculos que nos precederam, desde a profunda noite das eras anteriores, jamais a psicologia caiu tanto quanto nesta época dos “rebeldes sem causa” e dos “deuses do *rock*”.

A psicologia retardatária e reacionária dos tempos modernos, para cúmulo das desgraças, perdeu totalmente seu sentido de ser e sua conexão com sua verdadeira origem.

Nesses tempos de degeneração sexual e de total deterioração da mente, não só se tornou impossível definir com total exatidão a palavra “psicologia” como também se tornaram desconhecidas suas verdadeiras matérias fundamentais.

Aqueles que equivocadamente pensam que a psicologia é uma ciência contemporânea estão mal informados; a psicologia é uma ciência muito antiga, tendo suas origens nas antigas escolas de mistérios iniciáticos.

O tipo esnobe, troçador, galhofeiro, retardatário piadista, zombador ultramoderno, este não consegue definir o que é psicologia, porque, à exceção desta época atual, a psicologia jamais se expressou com esse nome, devido ao fato de que, por esse ou outros motivos, sempre foi suspeita e acusada de tendências subversivas de caráter político ou religioso; por isso, viu-se na necessidade de se disfarçar com diferentes nomes.

Desde antigos tempos, em diferentes cenários e culturas, a psicologia sempre representou seu papel, inteligentemente disfarçada com a roupagem da Filosofia.

Nas margens do rio Ganges, na sagrada Índia dos Vedas, desde a aterradora noite dos séculos, existem formas de Yoga que, no fundo, são pura psicologia experimental de grande profundidade.

As sete escolas de Yoga sempre foram descritas como métodos, procedimentos ou sistemas filosóficos.

No mundo árabe, os sagrados ensinamentos dos sufis, em parte metafísicos, em parte religiosos, são realmente de ordem psicológica.

Na velha Europa, apodrecida até o tutano dos ossos pelas inúmeras guerras, preconceitos raciais, religiosos, políticos, etc., a psicologia, ainda no fim do século XIX, se disfarçou com os trajes da filosofia para poder passar despercebida.

A Filosofia, mesmo com todas as suas divisões e subdivisões, como a Lógica, a Epistemologia, a Ética, a Estética, etc., em si mesma é auto-reflexão evidente; é cognição mística do Ser; é funcionalismo cognitivo da Consciência desperta.

O erro de muitas escolas filosóficas consiste em haver considerado a psicologia como algo inferior à filosofia; como algo relacionado

unicamente aos aspectos mais baixos e até mesmo triviais da natureza humana.

O estudo comparado de religiões nos permite concluir logicamente que a ciência psicológica sempre esteve associada de forma íntima aos princípios religiosos.

Qualquer estudo comparativo de religiões vem demonstrar que na literatura sagrada mais ortodoxa dos diferentes países e épocas existem maravilhosos tesouros da ciência psicológica.

Profundas investigações no terreno do gnosticismo nos permitem achar essa maravilhosa compilação realizada por diversos autores gnósticos que remontam aos primeiros tempos do cristianismo; é conhecida como *Philokalia*, ainda usada em nossos dias pela Igreja Ortodoxa Oriental, especialmente na formação dos seus monges.

Fora de toda dúvida e sem temor de equívoco podemos asseverar enfaticamente que a *Philokalia* é essencialmente psicologia experimental pura.

Nas antigas escolas de mistérios da Grécia, Egito, Roma, Índia, Pérsia, México, Assíria, Caldéia, dentre tantas, a psicologia sempre esteve ligada à filosofia, à arte objetiva, à ciência e à religião.

Nos antigos tempos a psicologia se ocultava inteligentemente entre as graciosas formas das sagradas dançarinas ou em meio ao enigma dos caracteres hierográficos, ou ainda nas belas esculturas, ou na poesia, ou na tragédia e até mesmo na maravilhosa música dos templos.

Antes que ciência, filosofia, arte e religião se separassem e se tornassem independentes, a psicologia reinou soberana em todas as antigas escolas de mistérios.

Quando os colégios iniciáticos fecharam suas portas, com o advento do *Kali-Yuga*, ou Idade Negra, na qual ainda nos encontramos, a psicologia sobreviveu por meio dos símbolos das diversas escolas esotéricas e pseudo-esotéricas do mundo moderno; mas especialmente encontra-se no esoterismo gnóstico.

Muitas análises e detalhadas investigações profundas nos permitem compreender com total claridade que os diferentes sistemas e doutrinas psicológicas que existiram no passado e ainda existem no presente, podem ser divididas em duas categorias:

1. Doutrinas tais quais muitos intelectuais consideram; a moderna psicologia efetivamente é parte dela.

2. Doutrinas que estudam o homem do ponto de vista da revolução da Consciência.

Estas últimas em verdade são as doutrinas originais, as mais antigas; somente elas permitem compreender as origens vivas da psicologia e seu profundo significado.

Quando todos tenhamos compreendido de forma total, em todos os níveis mentais, o quão importante é o estudo do homem do ponto de vista da “revolução da consciência”, então entenderemos que a psicologia é o estudo dos princípios, leis e fatos intimamente relacionados com a transformação radical e definitiva do indivíduo.

É premente que os professores das escolas, colégios e universidades compreendam de forma integral a hora crítica que vivemos bem como o catastrófico estado de desorientação psicológica em que se encontra a nova geração.

É preciso encausar a “nova geração” no caminho da revolução da consciência; isso só será possível mediante a psicologia revolucionária da Educação Fundamental.

Capítulo 32

A REBELDIA PSICOLÓGICA



Aqueles que viajaram pelo mundo para estudar os diferentes povos, puderam comprovar que a natureza desse pobre “animal intelectual”, equivocadamente chamado “homem”, é sempre a mesma, seja na envelhecida Europa ou na cansada África de tanta escravidão; seja na sagrada terra dos Vedas ou nas Índias Ocidentais; na Áustria ou na China.

Esse fato concreto, essa tremenda realidade que assombra o estudioso, pode ser especialmente verificada quando se visita escolas, colégios e universidades.

Vivemos a época da produção em série. Hoje tudo é produzido em linha e em grande escala: séries de aviões, carros, mercadorias luxuosas, etc.

Mesmo parecendo grotesco, é bem real que as escolas e universidades se converteram em linhas de produção de intelectuais.

Nesta época de produção em série, o único objetivo na vida é encontrar segurança financeira; as pessoas têm medo de tudo e buscam segurança.

Pensamento independente, nesta época de linhas de produção, torna-se quase impossível; o moderno sistema educacional baseia-se em meras conveniências.

A novíssima geração vive bem de acordo com essa mediocridade intelectual. Se alguém tenta ser diferente dos demais, todo mundo o desqualifica, critica, e o deixa falando sozinho; até mesmo negam trabalho.

O desejo de conseguir dinheiro para viver e se divertir, a preocupação de obter êxito na vida, a busca de segurança financeira, o desejo de comprar coisas para se destacar diante dos demais, tudo isso põe fim ao pensamento puro, natural e espontâneo.

Está mais que demonstrado que o medo embota a mente e endurece o coração.

Por estes tempos de tanto medo e busca de segurança, as pessoas se escondem em suas covas, em suas tocas, em seus esconderijos, nos lugares onde crêem ter mais segurança e menos problemas, e dali não querem sair mais; temem a vida e temem novos empreendimentos e novas aventuras.

Toda essa alardeada educação moderna se baseia no medo e na busca de segurança; as pessoas vivem assustadas, com medo até da própria sombra.

As pessoas sentem pavor de tudo: temem sair das velhas normas sociais, serem diferentes dos demais, pensar de forma revolucionária, romper com os preconceitos sociais decadentes, etc.

Felizmente, existem no mundo alguns poucos sinceros e compreensivos que de fato desejam examinar profundamente todos os problemas da mente. Mas na grande maioria sequer existe o espírito de incomformidade e de rebeldia.

Há dois tipos de rebeldia:

1. Rebeldia psicológica violenta.
2. Rebeldia psicológica profunda da inteligência.

O primeiro tipo de rebeldia é reacionário, conservador e retardatário. O segundo tipo é revolucionário.

No primeiro caso encontramos os reformadores, os que gostam de remendar roupas velhas e reformar paredes de velhos edifícios para que não desabem; é o tipo regressivo ou revolucionário sangrento; é o adepto dos golpes militares e de estado; é o homem de fuzil no ombro; é o ditador que delira levando ao paredão todos os que não aceitam seus caprichos e suas idéias.

No segundo caso de rebeldia psicológica encontramos um Buddha, um Jesus, um Hermes; é o transformador, é o rebelde inteligente, é o intuitivo; são os grandes paladinos da revolução da consciência.

Aqueles que se educam apenas com o propósito absurdo de conquistar magníficas posições na colméia social ou de subir ao topo da escada e se fazerem notar, carecem de verdadeira profundidade; são imbecis por natureza; superficiais, ociosos e cem por cento espertalhões.

Está perfeitamente demonstrado que, quando no ser humano não existe verdadeira integração de pensamento e sentimento, mesmo que tenha recebido boa educação, a vida torna-se incompleta, contraditória, aborrecida e atormentada por inumeráveis temores de todo tipo.

Não há dúvida, e podemos afirmar enfaticamente e sem medo de errar que, sem educação integral, a vida se torna prejudicial, inútil e danosa.

O animal intelectual tem um ego interno composto, infelizmente, por distintas entidades, e que se fortalece mediante a educação equivocada.

O Eu pluralizado, que todos possuímos, é a causa fundamental de todos os nossos complexos e contradições.

A Educação Fundamental deve ensinar às novas gerações a nossa didática psicológica para dissolver esse ego pluralizado.

Só com a dissolução das várias entidades que no conjunto formam o Ego é que poderemos estabelecer em nós um centro permanente de consciência individual; então, seremos íntegros.

Enquanto existir em nós o Eu Pluralizado, não somente amargaremos nossa vida como também a dos demais.

De que vale estudar Direito e nos tornarmos advogados se perpetuamos os pleitos? De que vale acumular em nossa mente muito conhecimento se seguimos confusos? De que servem as habilidades técnicas e industriais se as usamos para destruir nosso semelhante?

De nada serve instruímo-nos, assistir às aulas, estudar, se no processo do diário viver nos destruímos uns aos outros.

O objetivo da educação não deve ser o de unicamente produzir a cada ano novos buscadores de emprego, novos folgazões, novos indivíduos grosseiros que sequer sabem respeitar a religião do semelhante.

O verdadeiro objetivo da Educação Fundamental deve ser o de criar autênticos homens e mulheres íntegros; portanto, mais conscientes e mais inteligentes.

Infelizmente os professores de escolas, colégios e universidades pensam tudo, menos despertar a inteligência integral dos seus alunos.

Qualquer pessoa pode cobiçar e adquirir títulos, condecorações, diplomas e até mesmo se tornar eficiente no terreno prático mecanicista da vida, mas isso não significa ser inteligente.

A inteligência jamais pode ser mero funcionamento mecânico; a inteligência não é o resultado de simples acúmulo de informação livresca; a inteligência não é a capacidade de reagir automaticamente com palavras brilhantes diante de qualquer desafio ou situação.

A inteligência não é mera verbalização da memória. A inteligência é a capacidade de receber diretamente a Essência, o Real, aquilo que verdadeiramente “é”.

A Educação Fundamental é a ciência que nos permite despertar esta capacidade em nós mesmos e nos demais.

A Educação Fundamental ajuda cada indivíduo a descobrir os verdadeiros valores que surgem como resultado da investigação profunda e da compreensão integral de si mesmo.

Quando não existe em nós “autoconhecimento”, então a auto-expressão se converte em auto-afirmação egoísta e destrutiva.

A Educação Fundamental só se ocupa em despertar em cada indivíduo a capacidade de compreender a si mesmo em todos os níveis da mente, e não simplesmente em se entregar à complacência da auto-expressão equivocada do Eu Pluralizado.

EVOLUÇÃO, INVOLUÇÃO E REVOLUÇÃO



Na prática pudemos verificar que tanto as escolas materialistas quanto as escolas espiritualistas estão totalmente enfrascadas no dogma da evolução.

As opiniões atuais, sobre a origem do homem e sua passada evolução, no fundo são sofismas rasteiros; não resistem a uma análise profunda.

Mesmo que as teorias de Darwin sejam aceitas como artigo de fé cega por Karl Marx e seu cacarejado *Materialismo Dialético*, a realidade é que os cientistas atuais nada sabem sobre a origem do homem; nada lhes consta; nada experimentaram em forma direta; carecem de provas concretas, exatas e precisas sobre a evolução humana.

Por outro lado, se tomarmos a humanidade histórica dos últimos vinte ou trinta mil anos antes de Cristo, encontraremos provas exatas ou sinais inconfundíveis de um tipo superior de homem, incompreensível para a sociedade moderna, cuja presença pode ser demonstrada por inúmeros achados, hieróglifos antigos, pirâmides milenares, estranhos monólitos, papiros misteriosos, além de incontáveis monumentos de eras desconhecidas.

Em relação ao homem pré-histórico, essas estranhas e misteriosas criaturas de aspecto semelhante ao animal intelectual, e, ainda assim, diferentes e misteriosos, cujos ossos são encontrados em profundos sítios arqueológicos do período glacial ou pré-glacial, nada sabem os cientistas a seu respeito em forma exata e precisa ou por experiência direta.

A ciência gnóstica ensina que o animal intelectual, tal qual o conhecemos, não é um ser perfeito; ainda não é humano no sentido completo dessa palavra. A natureza o desenvolve até certo ponto, e depois o deixa em total liberdade para prosseguir seu desenvolvimento, ou então, acaba perdendo suas possibilidades e se degenera.

As leis da evolução e da involução formam o eixo mecânico da natureza, e isso nada tem a ver com a “auto-realização íntima do ser”.

Dentro do animal intelectual existem grandes possibilidades que podem ser desenvolvidas; ou então, desperdiçadas. Não é de lei natural

que elas se desenvolvam. A mecânica evolutiva simplesmente não pode desenvolvê-las.

O desenvolvimento de tais possibilidades latentes só é possível sob condições bem definidas; e isso exige grandes e super-esforços pessoais e individuais, com uma eficiente ajuda de parte daqueles Mestres que no passado da humanidade realizaram tais trabalhos [sobre si].

Quem quiser desenvolver todas as possibilidades humanas latentes e se transformar em homem real deve seguir o caminho da “revolução da consciência”.

O animal intelectual é um grão, uma semente. Dessa semente pode nascer a Árvore da Vida, que é o Homem Real – aquele “homem” que o grego Diógenes buscou pelas ruas de Atenas com uma lanterna acesa em pleno meio-dia, sem havê-lo encontrado.

Não é uma lei natural que esse grão, essa semente tão especial, venha a germinar [e se desenvolver]. O natural é que se perca [se degenere].

O “homem real” é tão diferente do “animal intelectual” quanto o é o raio das nuvens.

Se o grão não morre, a semente não germina. É necessário e premente que morra o Ego, o Eu, o Mim Mesmo, para que nasça o Homem.

Todos os professores de escolas, colégios e universidades devem ensinar aos alunos o caminho da ética revolucionária; somente assim é possível realizar a morte do Ego.

Dando ênfase, podemos afirmar que a “revolução da Consciência” não somente é rara neste mundo, mas também que cada vez se torna ainda mais rara.

A “revolução da Consciência” tem três aspectos perfeitamente definidos:

1. Morrer
2. Nascer
3. Sacrificar-se em favor da humanidade.

A ordem dos fatores não altera o produto. *Morrer* é questão de ética revolucionária e dissolução do Ego. *Nascer* é questão de “transmutação sexual”; esse assunto corresponde à sexologia transcendental, e quem quiser estudar esse tema, deve conhecer nossos livros e participar de nossos cursos. *Sacrificar-se* pela humanidade é caridade universal consciente.

Se não quisermos a “revolução da Consciência”, se não fizermos super-esforços para desenvolver essas possibilidades latentes que nos levarão à auto-realização íntima, é claro que tais possibilidades jamais se desenvolverão.

Bem poucos são os que se auto-realizam, os que se salvam. Nisso, não há nenhuma injustiça. Por que o pobre animal intelectual deveria receber o que não quer?

É necessária uma radical, total e profunda mudança. Porém nem todo mundo quer mudar; não sabem como mudar. Quando mostramos o caminho, dizem que não entendem, não compreendem, não têm interesse. Então, por que haveria de se lhes dar à força o que não querem?

A verdade é que o indivíduo, antes de adquirir novas faculdades ou novos poderes, que não possui nem conhece sequer remotamente, precisa adquirir aquilo que equivocadamente acredita possuir, mas que, em verdade, ainda não tem.

Capítulo 34

O INDIVÍDUO ÍNTEGRO



A Educação Fundamental, em seu verdadeiro sentido, é a compreensão profunda de nós mesmos; dentro de cada pessoa encontram-se todas as leis da natureza. Quem quiser conhecer todas as maravilhas da natureza deve estudá-las dentro de si mesmo.

A falsa educação só se dedica a enriquecer o intelecto; qualquer um pode fazer isso; basta ter dinheiro para se dar ao luxo de adquirir livros.

Não nos manifestamos contra a cultura intelectual; apenas nos pronunciamos contra a gula intelectual.

A falsa educação intelectual somente oferece sutis escapatórias para fugirmos de nós mesmos.

Todo erudito, todo viciado intelectual, sempre dispõe de maravilhosas evasivas para fugir de si mesmo.

Do intelectualismo sem espiritualidade se formam os canalhas sem-vergonhas que têm levado o mundo ao caos e à destruição.

A técnica jamais poderá nos capacitar para nos conhecermos em forma íntegra ou integral.

Os pais de família mandam seus filhos à escola, ao colégio, à universidade, ao centro politécnico para aprenderem uma profissão, uma técnica para ganhar a vida.

É óbvio que precisamos ter uma profissão, conhecer uma técnica; mas isso é secundário. O básico e fundamental é conhecermos a nós mesmos; saber quem somos, de onde viemos, para onde vamos, qual é o propósito de nossa vida.

Na vida há de tudo: alegrias, tristezas, amores, paixões, prazeres, dores, belezas, feiúras, etc. Quando sabemos viver intensamente, quando compreendemos em todos os níveis da mente, encontramos nosso lugar na sociedade; criamos nossa técnica e nossa maneira pessoal de viver, sentir e pensar. Porém, o contrário disso é cem por cento falso; a técnica em si mesma jamais poderá nos proporcionar compreensão profunda e verdadeira.

A educação moderna se revelou um fracasso total porque exagera na importância da técnica e da profissão. É óbvio que, ao sublinhar a técnica, transforma o ser humano num *robot*, num ente mecânico, destruindo as humanas possibilidades.

Cultivar a capacidade e a eficiência sem a compreensão da vida, sem o conhecimento de si mesmo, sem a percepção direta do processo do Mim Mesmo, sem um estudo detalhado do próprio modo de pensar, sentir, desejar e agir, somente serve para ampliar nossa própria crueldade, nosso próprio egoísmo e esses fatores psicológicos que nos levam à guerra, à fome, à miséria e à dor.

O desenvolvimento exclusivo da técnica tem formado mecânicos, cientistas, técnicos, físicos atômicos, vivissecadores de pobres animais, inventores de armas destrutivas, etc.

Todos esses profissionais, todos esses inventores de bombas atômicas e de hidrogênio, todos esses vivissecadores que atormentam as criaturas da natureza, todos esses enganadores, servem unicamente para a guerra e a destruição.

Nada sabem, nada entendem da integridade da natureza em suas infinitas manifestações.

O progresso tecnológico em geral, os sistemas de transportes, as máquinas contadoras, os sistemas elétricos de iluminação, os elevadores

dos edifícios, a informática em geral, etc., resolvem milhares de problemas que temos no nível superficial da vida. Mas [como efeito colateral] introduz no indivíduo e na sociedade uma ampla gama de problemas mais amplos e profundos.

Viver exclusivamente no nível superficial sem considerar os demais níveis e regiões da mente humana, significa, de fato, atrair sobre nós e nossos filhos, miséria, choro e desespero.

A maior necessidade, a questão mais urgente de cada indivíduo, de cada pessoa, é compreender a vida em sua forma integral, unitotal [holística]; somente assim estaremos em condições de poder resolver satisfatoriamente todos os nossos íntimos problemas pessoais ou particulares.

O conhecimento técnico por si mesmo jamais poderá resolver nossos problemas psicológicos, nossos complexos.

Se quisermos ser homens reais, indivíduos íntegros, devemos nos auto-explorar psicologicamente para conhecermos a nós mesmos em todos os níveis da mente e do pensamento. A tecnologia, sem dúvida alguma, se torna um instrumento destrutivo quando não compreendemos de verdade o completo processo existencial ou quando não temos integral conhecimento de nós mesmos.

Se o animal intelectual soubesse amar de verdade, se conhecesse a si mesmo, se houvesse compreendido integralmente o processo existencial, jamais teria cometido o crime de fracionar o átomo.

Nosso avanço tecnológico é fantástico, porém só aumentamos nosso poder agressivo para nos destruírmos mutuamente. Por todas as partes reinam o terror, a fome, a ignorância e as enfermidades.

Nenhuma profissão, nenhuma técnica jamais poderá nos dar isso que se chama plenitude e verdadeira felicidade.

Todo mundo na vida sofre intensamente em sua profissão, em sua atividade, em sua rotina diária. As ocupações de cada um se converteram em instrumento de inveja, intriga, ódio e amargura.

O universo dos médicos, o mundo dos artistas, a roda dos engenheiros e advogados, todos estão cheios de dor, intrigas, competição, inveja, calúnias, etc.

Sem termos a devida compreensão de nós mesmos, a profissão, o ofício, a atividade que exercemos nos levará sempre à dor e à busca de escapatórias.

Uns buscam escapatórias por meio da bebida, outros pelas drogas; outros ainda, nos vícios, nas aventuras extraconjugais, etc.

Sempre que reduzimos toda a vida a uma técnica, a uma profissão, a um sistema de ganhar dinheiro, o resultado sempre será o aborrecimento, o enfado e a busca de escapatórias.

Devemos nos converter em indivíduos íntegros, completos; isso só é possível pelo autoconhecimento e pela dissolução do Eu Psicológico.

A Educação Fundamental, ao mesmo tempo em que estimula o aprendizado de uma técnica para ganhar a vida, deve realizar algo de maior importância, como ajudar a humanidade a experimentar e sentir o processo existencial em todos os níveis e territórios da mente.

Se alguém tem algo a dizer, pois que o diga, e isso de dizer algo é bem interessante, porque assim cada um vai criando o seu próprio estilo. Porém, aprender estilos alheios sem haver experimentado diretamente por si mesmo a vida em sua forma integral só leva à superficialidade.

Capítulo 35

O HOMEM-MÁQUINA



O homem-máquina é o animal mais infeliz que existe neste vale de lágrimas. Ainda assim tem a pretensão e a insolência de se autodenominar “rei da natureza”.

“*Nosce te ipsum*”. Homem, conhece-te a ti mesmo. Esta é uma antiga máxima de ouro, escrita nos invictos muros do Templo de Delfos, na Grécia antiga.

O homem, esse animal intelectual que se denomina de homem, criou milhares de máquinas complicadas e complexas. Para fazer uso de algumas delas, às vezes são necessários anos de estudos e aprendizados. Mas quando se trata dele mesmo, se esquece desse fato, mesmo sendo ele próprio uma máquina ainda mais complicada que todas as demais que inventou.

Não existe criatura humana que não esteja cheia de idéias totalmente falsas sobre si mesma. O mais grave é que não quer se dar conta de que é, realmente, uma máquina.

A máquina humana não tem liberdade de movimentos; funciona unicamente por múltiplas e variadas influências internas e choques externos.

Todos os movimentos, atos, palavras, idéias, emoções, sentimentos e desejos da máquina humana são gerados por influências exteriores e por múltiplas, estranhas e difíceis causas internas.

O animal intelectual é um pobre títere falante dotado de memória e vitalidade; é um boneco vivo que tem a tola ilusão de ter poder de fazer algo, quando, em realidade, nada pode fazer [tudo “acontece” em sua vida].

Por um instante imagine, querido leitor, um boneco mecânico e automático, controlado por um mecanismo complexo.

Imagine agora que esse boneco tem vida, se apaixona, fala, caminha, deseja, faz guerra, etc.

Imagine que esse boneco pode mudar de dono a cada instante. Imagine que cada dono é uma pessoa diferente, que tem seus próprios critérios ou preferências, sua própria maneira de se divertir com ele.

De posse do boneco, um dono qualquer, querendo dinheiro, apertará alguns botões, e então o boneco se dedica a fazer negócios. Outro dono, um tempo depois, pode querer que o boneco dance e ria. Um terceiro dono vem e o põe a brigar; vem um quarto dono e o põe a namorar; um quinto chega e o coloca a namorar outra mulher; um sexto o colocará a brigar com um vizinho que chama a polícia; um sétimo fará com que ele se mude de residência.

Realmente, esse boneco do nosso exemplo não fez nada, mas ele acredita que fez; tem a ilusão de fazer, quando, em realidade, nada pode fazer porque não tem um ser individual [são outros que o levam a fazer, apertando certos botões...].

Sem dúvida, tudo “aconteceu” como quando chove, troveja, sai o sol. Mas o pobre boneco acredita que foi ele quem fez acontecer; tem a tola ilusão que fez tudo sozinho quando, na realidade, não fez nada; foram seus donos que se divertiram com o pobre boneco mecânico.

Assim é o pobre animal intelectual, querido leitor: um boneco mecânico como esse do nosso exemplo. Ele crê que faz quando nada pode fazer; é um títere de carne e osso controlado por uma legião de entidades energéticas sutis que, no seu conjunto, constituem isso que se chama Ego, Eu pluralizado.

O evangelho cristão denomina essas entidades de “demônios”; seu verdadeiro nome é “legião”.

Se dissermos que o Ego é uma legião de demônios que controla a máquina humana, não estamos exagerando; assim é.

O homem-máquina não tem individualidade alguma; não possui o Ser; só o Ser verdadeiro tem o poder de fazer.

Só o Ser pode nos dar verdadeira individualidade; só o Ser nos converte em homens verdadeiros.

Quem realmente quiser deixar de ser simples boneco mecânico, deve eliminar cada uma dessas entidades que no seu conjunto formam o Eu.

Cada uma dessas entidades maneja a máquina humana a seu modo.

Para deixar de ser boneco mecânico precisa se dar conta de sua própria mecanicidade; compreender sua mecanicidade.

Quem não quiser compreender isso nem aceitar a própria mecanicidade, quem não quiser entender corretamente esse fato, não tem nenhuma chance de mudar; é um infeliz, um desditado. Mais lhe valeria pendurar uma pedra ao pescoço e se atirar ao fundo do mar.

O animal intelectual é uma máquina; mas é uma máquina bem especial. Se essa máquina chegar a compreender que é “máquina” e se for bem conduzida e se as circunstâncias permitirem, poderá deixar de ser máquina e se transformar em “homem”.

Antes de tudo é necessário compreender a fundo, em todos os níveis da mente, que não temos verdadeira individualidade; que não temos um centro permanente de Consciência; que em determinado momento somos uma pessoa e, em outro, outra pessoa. Tudo depende da entidade que controla a situação em determinado momento.

O que nos dá a ilusão de unidade e integridade, em parte é devido às sensações que o corpo físico possui; por outra parte, é devido ao nome e sobrenome; e, por fim, temos a memória e um determinado número de hábitos mecânicos que nos foram implantados pela educação ou que adquirimos por imitação.

O pobre animal intelectual não poderá deixar de ser máquina, não poderá mudar, não poderá adquirir o Ser individual verdadeiro e se transformar em homem legítimo enquanto não tiver o valor de eliminar, mediante profunda compreensão, e em sucessiva ordem, cada uma des-

sas entidades psicológicas que, no todo, constituem isso que é chamado de Ego, Eu, Mím mesmo.

Cada idéia, cada paixão, cada vício, cada afeto, cada ódio, cada desejo, etc., tem sua entidade correspondente; no seu conjunto, essas entidades formam o Eu pluralizado da psicologia gnóstica.

Todas essas entidades metafísicas, todos esses Eus que formam o Ego, não têm verdadeira ligação entre si; não se coordenam entre si. Cada uma delas [para se manifestarem] depende totalmente das circunstâncias, mudanças de impressões, eventos, etc.

A tela mental muda de cor e cena a cada momento; tudo depende da entidade que controla a mente em determinado instante.

Pela tela mental vai passando, em contínua procissão, as distintas entidades psicológicas.

Essas entidades que constituem o Ego se associam, se dissociam e formam certos grupos especiais de acordo com suas afinidades; ou brigam, discutem e se ignoram entre elas mesmas.

Cada entidade da legião chamada Eu, cada pequeno Eu, crê ser o ego total, o único; nem remotamente suspeita que é tão só uma ínfima parte do Ego.

O Eu que hoje jura amor eterno a uma mulher, mais tarde é destronado por outro Eu que nada tem a ver com esse juramento; então, o castelo de cartas desmorona, e a pobre mulher chora a decepção da promessa não cumprida.

A entidade que hoje jura fidelidade a uma causa, amanhã é substituída por outra entidade que nada tem a ver com a causa, e então a pessoa se retira ou se afasta da mesma.

O Eu que hoje jura fidelidade à Gnose, amanhã é trocado por outra entidade que detesta a Gnose.

Os professores devem estudar este livro de Educação Fundamental, e por compaixão, ter o valor de orientar seus alunos a seguir pelo maravilhoso caminho da “revolução da Consciência”.

É preciso que os alunos compreendam a necessidade de se conhecerem em todos os terrenos da mente.

Necessitamos uma orientação intelectual mais eficiente; necessitamos compreender o que somos, e isso deve começar desde os mesmos bancos de escola.

Não negamos que é necessário dinheiro para comer, pagar as contas e nos vestirmos.

Não negamos que é preciso preparação intelectual e uma profissão técnica para ganharmos dinheiro. Mas isso não é tudo! Isso é secundário!

Primeiro que tudo, o mais importante é saber quem somos, o quê somos, de onde viemos, para onde vamos, qual é o propósito de nossa vida.

O lamentável é seguirmos como bonecos automáticos, míseros mortais, homens-máquina.

É premente que deixemos de ser máquinas; é urgente convertemo-nos em homens verdadeiros.

É preciso uma mudança radical, e ela deve começar precisamente pela eliminação de cada uma dessas entidades que no seu conjunto constituem o Eu Pluralizado.

O pobre homem intelectual ainda não é homem. Mas tem dentro de si, em estado latente, todas as possibilidades para se converter em homem.

Não é uma lei da natureza que essas possibilidades se desenvolvam; o normal é que elas se percam.

Só mediante grandes e super-esforços essas possibilidades humanas podem se desenvolver.

Muito temos a eliminar e muito temos a adquirir. Faz-se necessário fazer um inventário para saber quanto sobra e quanto falta.

É evidente que o Ego fica sobrando nessa história; é algo inútil e prejudicial.

É lógico dizer que temos que desenvolver certos poderes, certas faculdades, certas capacidades que o homem-máquina se atribui e crê possuir, mas que na realidade não tem nem possui.

O homem máquina acredita que tem verdadeira individualidade, consciência desperta, vontade consciente, poder de fazer, etc. Mas não tem nada disso!

Se quisermos deixar de ser máquinas, se quisermos despertar consciência, ter verdadeira vontade consciente, individualidade e capacidade de fazer, é indispensável começar por conhecer a nós mesmos e logo dissolver o Ego.

Quando o Ego for dissolvido somente ficará em nós o Verdadeiro Ser.

PAIS E PROFESSORES



O maior problema da educação pública não são os alunos de Primeiro Grau, Segundo Grau ou Terceiro Grau. O maior problema são os pais e os professores.

Se pais e professores não conhecem a si mesmos, se não são capazes de compreender a criança, se não sabem entender a fundo sua relação com essas criaturas que começam a viver, se somente se preocupam em alimentar o intelecto de seus estudantes, como poderemos criar uma nova categoria de educação?

A criança, o aluno, a aluna, vão à escola para receber orientação consciente. Porém, se os professores são de limitado critério, conservadores, reacionários, retardatários, assim serão os alunos.

Os educadores precisam se reeducar a si mesmos, revisar seus conhecimentos e compreender que estamos entrando em uma Nova Era. Ao transformarmos os educadores, transformaremos a educação pública.

Educar o educador é o mais difícil de tudo porque aquele que leu muito, aquele que tem um título, aquele que ensina, que é professor, já se tornou o que é. Sua mente está enfrascada nas cinquenta mil teorias estudadas em sua vida; já não muda nem a canhoneiros.

Os professores deveriam ensinar a “como pensar”. Infelizmente só se dedicam a ensinar o “em quê pensar”.

Pais e professores vivem cheios de horríveis preocupações financeiras, sociais, sentimentais, etc.

Pais e professores especialmente ocupados com seus próprios conflitos e penas, não estão seriamente interessados em estudar e resolver os problemas que trazem e apresentam os jovens da Nova Era.

Existe uma tremenda degeneração mental, moral e social. Mas, os pais e professores estão cheios de ansiedades e preocupações pessoais e só têm tempo para pensar no aspecto econômico dos filhos, em lhes dar uma boa profissão para que não morram de fome. Isso é tudo!

Contrário à crença geral, a maioria dos pais de família não ama verdadeiramente seus filhos. Se os amassem, lutariam pelo bem estar

comum; se preocupariam pelos problemas da educação pública, com o propósito de obterem uma verdadeira mudança.

Se amassem de verdade a seus filhos, não haveria guerras, não destacariam tanto a família e o país em detrimento da totalidade do mundo, porque isso cria problemas, guerras, divisões prejudiciais e um ambiente infernal para os filhos.

As pessoas estudam e se preparam para serem médicos, engenheiros, advogados, etc. Mas ninguém se prepara para a tarefa mais grave e difícil, que é ser pai ou mãe de família.

Esse egoísmo familiar, essa falta de amor ao semelhante, essa política de isolamento familiar, é cem por cento absurda, porque se transforma em fator de deterioração e constante degeneração social.

O progresso e a verdadeira revolução somente são possíveis derrubando-se as famosas muralhas chinesas que nos separam e nos isolam do resto do mundo.

Todos formamos uma só família. É um absurdo nos torturarmos mutuamente e considerarmos como família apenas umas poucas pessoas que convivem conosco.

O exclusivismo egoísta de família detém o progresso social e divide os seres humanos; cria guerras, castas, privilégios e problemas financeiros e econômicos.

Quando os pais de família amarem de verdade a seus filhos, as paredes e grades do abominável isolamento social cairão por terra, e então a família deixará de ser um círculo egoísta e absurdo.

Caindo os egoístas muros familiares, haverá comunhão fraternal com todos os demais pais e mães de família, com todos os professores e toda a sociedade.

O resultado da verdadeira fraternidade é a autêntica transformação social; é a legítima revolução educativa para fazer um mundo melhor.

O educador deve ser mais consciente, deve reunir os pais e mães de família e a associação de pais e mestres, e falar claramente.

É necessário que os pais compreendam que a tarefa da educação pública se realiza sobre a firme base da cooperação mútua entre professores e pais.

É necessário dizer aos pais que a Educação Fundamental é indispensável para levantar as novas gerações.

É indispensável dizer aos pais que a formação intelectual é necessária, mas que não é tudo. Necessita-se de algo mais; necessita-se ensinar os jovens a se conhecerem a si mesmos, a conhecerem seus próprios erros e seus defeitos psicológicos.

É preciso dizer aos pais que os filhos devem ser gerados por amor e não por paixão animal.

É cruel e impiedoso projetar nossos desejos animais, nossas violentas paixões sexuais, nossos sentimentalismos doentios e nossas emoções bestiais em nossos descendentes.

Os filhos são nossas próprias projeções; é criminoso infectar o mundo com projeções bestiais.

Os professores de todos os níveis devem reunir os pais e mães nos auditórios de eventos para lhes ensinar o caminho da responsabilidade moral para com os filhos, a sociedade e o mundo.

Os educadores têm o dever de se reeducarem e de orientar os pais e mães de família.

Precisamos amar verdadeiramente para transformar o mundo. Necessitamos unir-nos para levantar no mundo o sagrado templo da Nova Era que está se iniciando agora em meio ao augusto troar do pensamento.

Capítulo 37

A CONSCIÊNCIA



As pessoas confundem “Consciência” com “inteligência” ou “intelecto” – e a uma pessoa muito inteligente ou muito intelectualizada dão o qualificativo de “muito consciente”.

Nós afirmamos, sem temer erros e equívocos, que a Consciência humana é uma espécie bem particular de “apreensão do conhecimento interior totalmente independente das atividades mentais”.

A faculdade da Consciência nos permite o conhecimento de nós mesmos.

A Consciência nos dá o conhecimento íntegro do que “é”, de onde se “está”, do que realmente se “sabe” e certamente do que se “ignora”.

A psicologia gnóstica ensina que só o homem mesmo pode chegar a conhecer a si próprio.

Somente nós podemos saber se somos conscientes em dado momento ou não. Somente nós podemos saber sobre nossa própria Consciência, se esta existe ou não, em determinado instante.

Só o próprio homem e ninguém mais pode se dar conta por um momento ou instante se antes desse momento ou instante realmente era ou não era consciente; se tinha sua consciência presente ou estava ausente, adormecida. Depois, esquecerá essa experiência ou a conservará como uma lembrança, como a recordação de uma forte experiência.

É importante saber que a Consciência no animal racional não é algo contínuo, permanente. Normalmente, no animal intelectual chamado homem a Consciência dorme profundamente.

Raros, bem raros são os momentos em que a Consciência está desperta. O animal intelectual trabalha, dirige automóveis, se casa, morre, etc. com a Consciência totalmente adormecida; só desperta ou acorda em momentos muito especiais.

A vida do ser humano é uma vida de sonhos. Mas ele acredita que está desperto; jamais admitiria que está sonhando, que tem a consciência adormecida.

Se alguém chegasse a despertar se sentiria profundamente envergonhado consigo mesmo; compreenderia de imediato o quanto é ridículo e o quanto de palhaço tem.

Esta vida é espantosamente ridícula, horrivelmente trágica e, raramente, sublime.

Se um boxeador chegasse a despertar em meio à luta, olharia envergonhado para o respeitável público e sairia correndo do horrível espetáculo, para espanto das adormecidas e inconscientes multidões.

Quando o ser humano admite que tem a consciência adormecida, podem estar certos que começa a despertar.

As escolas reacionárias da antiquada psicologia, que negam a existência da Consciência e até a inutilidade dessa palavra, revelam um estado de sonho bem mais profundo. Os seguidores dessas escolas

dormem muito mais profundamente, num estado infraconsciente e inconsciente.

Quem confunde a Consciência com as funções psicológicas do pensamento, sentimento, motricidade e sensações, de fato está muito inconsciente; dorme profundamente.

Quem admite a existência da Consciência, mas nega plenamente os distintos graus conscienciais, revela falta de experiência consciente; revela sonho de consciência.

Toda pessoa que alguma vez tenha despertado momentaneamente, sabe muito bem, por experiência direta, que existem diferentes graus de consciência, observáveis em si mesmo.

Primeiro: Por quanto tempo ficamos conscientes?

Segundo: Quantas vezes despertamos a consciência na vida?

Terceiro: Amplitude e profundidade; de que se era consciente?

A psicologia gnóstica e a antiga *Philokalia* afirmam que mediante grandes e super-esforços de um tipo bem especial se pode despertar a consciência e fazê-la contínua e controlável.

A Educação Fundamental tem por objeto despertar a Consciência. De nada servem dez ou quinze anos de estudos na escola, colégio e universidade se, ao concluir o curso, somos autômatos adormecidos.

Não é exagero afirmar que mediante um grande esforço o animal intelectual pode ser consciente de si mesmo tão somente por uns quantos minutos.

É claro que podem haver algumas raras exceções, mas temos que buscá-las com a lanterna de Diógenes. Esses casos bem raros estão representados por homens verdadeiros, como Buddha, Jesus, Hermes, Quetzalcoatl, etc.

Esses fundadores de religiões possuíam consciência contínua; foram grandes iluminados.

Normalmente, as pessoas não são conscientes de si mesmas. A ilusão de serem conscientes em forma contínua nasce da memória e dos processos do pensamento.

O homem que pratica exercícios retrospectivos para se lembrar de toda sua vida, de fato pode recordar e se lembrar de quantas vezes se casou, quantos filhos teve, quem foram seus pais, seus professores, etc.

Mas isso não significa despertar a consciência; simplesmente é se lembrar de atos esquecidos [ou inconscientes], e isso é tudo.

É preciso repetir o que já dissemos em capítulos anteriores: existem quatro estados de consciência. São eles:

1. Sonho
2. Estado de vigília
3. Autoconsciência
4. Consciência objetiva.

O pobre animal intelectual equivocadamente chamado de “homem” vive apenas em dois desses estados. Parte de sua vida transcorre no sonho e a outra parte no estado de vigília, que também é sonho [sonho acordado].

O homem que dorme e está sonhando crê que desperta pelo fato de regressar ao estado de vigília. Porém, em realidade, durante esse estado de vigília, continua sonhando.

Isso se parece ao amanhecer: as estrelas se ocultam devido à luz solar, mas elas continuam existindo, mesmo que nossos olhos não as vejam.

Na vida normal, comum e corrente, o ser humano nada sabe de autoconsciência e muito menos sabe de consciência objetiva.

Entretanto, as pessoas são orgulhosas; todo mundo se crê autoconsciente. O animal intelectual crê firmemente que tem consciência de si mesmo, e de forma alguma aceita que se lhe diga que é adormecido e vive inconsciente de si mesmo.

Existem momentos excepcionais em que o animal intelectual desperta. Mas esses momentos são bem raros; por exemplo, num caso de grande risco, de perigo supremo, durante intensa emoção, sob novas circunstâncias, devido a momentos inesperados, etc.

Realmente, é uma desgraça que o pobre animal intelectual não tenha nenhum domínio sobre esses fugazes estados de consciência, que não podem ser evocados e que não podem ser tornados contínuos.

Ainda assim, a Educação Fundamental afirma que o homem pode obter o controle da Consciência e adquirir autoconsciência.

A psicologia gnóstica tem métodos e procedimentos científicos para despertar a Consciência.

Se quisermos despertar consciência temos que começar por examinar, estudar e logo eliminar todos os obstáculos que aparecerem à nossa frente.

Neste livro ensinamos [ou mostramos] o caminho para despertar a consciência começando dos bancos escolares.

Índice



| | |
|--|-----|
| Apresentação..... | 05 |
| Prefácio da edição original..... | 09 |
| Capítulo 1 - A Livre Iniciativa..... | 13 |
| Capítulo 2 - A Imitação..... | 18 |
| Capítulo 3 - As Autoridades..... | 23 |
| Capítulo 4 - A Disciplina..... | 28 |
| Capítulo 5 - O Que Pensar e Como Pensar..... | 34 |
| Capítulo 6 - A Busca da Segurança..... | 38 |
| Capítulo 7 - A Ambição..... | 42 |
| Capítulo 8 - O Amor..... | 45 |
| Capítulo 9 - A Mente..... | 49 |
| Capítulo 10 - Saber Escutar..... | 55 |
| Capítulo 11 - Sabedoria e Amor..... | 58 |
| Capítulo 12 - A Generosidade..... | 61 |
| Capítulo 13 - Compreensão e Memória..... | 64 |
| Capítulo 14 - Integração..... | 68 |
| Capítulo 15 - A Simplicidade..... | 71 |
| Capítulo 16 - O Assassinato..... | 75 |
| Capítulo 17 - A Paz..... | 80 |
| Capítulo 18 - A Verdade..... | 85 |
| Capítulo 19 - A Inteligência..... | 88 |
| Capítulo 20 - A Vocação..... | 91 |
| Capítulo 21 - Os Três Cérebros..... | 100 |
| Capítulo 22 - O Bem e o Mal..... | 103 |
| Capítulo 23 - A Maternidade..... | 108 |
| Capítulo 24 - A Personalidade Humana..... | 112 |

| | |
|---|-----|
| Capítulo 25 - A Adolescência | 118 |
| Capítulo 26 - A Juventude | 122 |
| Capítulo 27 - A Maturidade..... | 127 |
| Capítulo 28 - A Velhice | 131 |
| Capítulo 29 - A Morte | 134 |
| Capítulo 30 - A Experiência do Real..... | 137 |
| Capítulo 31 - A Psicologia Revolucionária..... | 140 |
| Capítulo 32 - A Rebeldia Psicológica..... | 143 |
| Capítulo 33 - Evolução, Involução e Revolução | 147 |
| Capítulo 34 - O Indivíduo Íntegro | 149 |
| Capítulo 35 - O Homem-Máquina..... | 152 |
| Capítulo 36 - Pais e Professores..... | 157 |
| Capítulo 37 - A Consciência | 159 |



Samael Aun Weor

O grande mestre gnóstico do século XX



Nos dias 27 de outubro de cada ano a comunidade gnóstica mundial celebra o advento de Samael - o Quinto Anjo do Apocalipse - o Senhor do Quinto Raio - o Logos de Marte - o Décimo Avatar de Vishnu.

Mas, afinal, quem é Samael? Quantos de fato o conheceram (ou conhecem)? Qual seu papel na história contemporânea? Que influências suas idéias exercem e exercerão sobre a cultura, a ciência e a religião do novo milênio? Como pode a humanidade admitir que o Avatar de Aquário já veio e se foi de nosso convívio? Sendo o Avatar um abridor de caminhos e aplainador de terrenos para a vinda do Cristo ou de Vishnu, quando virá o Cristo da Era de Aquário?

Estas são algumas das mais palpitantes questões que os esoteristas modernos estão buscando compreender. Samael, no **Talmud**, **Zohar** e outros livros que comentam a Bíblia, é mencionado como um “Anjo Caído”;

efetivamente, ele estava “caído” até o século passado, mas para cumprir sua missão como Avatar da Era de Aquário teve que se “levantar” - e o fez magistralmente. Por isso, vale a pena conhecer algo de sua vida e sua obra.

Para aqueles que nunca ouviram falar de Samael, torna-se necessário tecer alguns comentários acerca de sua obra e da sua missão terrena no século XX. Mesmo o leigo tem idéia de que é muito difícil a formação ou o nascimento de um Adepto ou Mestre de Sabedoria; a maioria inclusive ignora que eles existem. Portanto, seguem valendo as perguntas: O que é um Mestre de Sabedoria? O que é “levantar-se”?

Bem poucos, pouquíssimos mesmo, são os que chegam ao nível de “Mestre de Sabedoria”. Samael Aun Weor foi um desses poucos. Por isso, a Ele foi confiada a transcendental missão de ser o Avatar de Aquário, o esperado Kalki Avatar, Décimo Avatar de Vishnu, o abridor de caminhos para a vinda do próprio Vishnu ou do Cristo Cósmico na Era de Aquário.

O bodhisattwa de Samael nasceu no dia 6 de março de 1917 numa família aristocrática de Bogotá, Colômbia. Foi batizado com o nome de Victor Manuel Gómez Rodríguez. Desde muito cedo demonstrou talentos e capacidades incomuns, como a de se lembrar de suas vidas passadas e a de se desdobrar em astral conscientemente.

Ao fim de sua juventude já havia passado por diferentes escolas espirituais, como espiritismo, yoga, rosacruz, teosofia. Sempre levou uma vida nômade. Bem cedo recebeu a chave secreta do Grande Arcano – que é o segredo dos segredos para quem quer o Caminho Iniciático.

Suas capacidades e sabedoria logo se tornaram marcantes. Ficou conhecido no círculo esotérico de seu país, ao final dos anos 40, como “o jovem Mestre Aun Weor”. Falava com grande autoridade, e todos os que o escutavam sentiam a força que emanava de seu Ser. Os que o conheceram pessoalmente naquela época não podiam deixar de notar duas coisas: seu grande amor à humanidade e sua extrema humildade.

Em 1948 lhe foi revelado no mundo espiritual qual seria sua missão, conformada em três aspectos:

1. Formar uma nova cultura.
2. Forjar uma nova civilização.
3. Criar o Movimento Gnóstico.

Em 1950 é editado o primeiro livro do “jovem Mestre Aun Weor”. O trabalho que ele desenvolveu nessa época está bem detalhado no livro

A História da Gnose, escrito por seu primeiro discípulo, Julio Medina Vizcaino.

Um trabalho tão grande para a época e o país não poderia deixar de provocar reações. E a tempestade apareceu em forma de perseguições, calúnias, traições, etc. Em 1952 Aun Weor é preso sob a acusação de “curandeirismo”. Anos mais tarde, com a família (dois filhos pequenos e a esposa grávida do terceiro), teve que abandonar o país para não ser morto pelos “poderes deste mundo”. Cruzou o Panamá e os países da América Central parte a pé parte pegando carona, até chegar ao México, onde viveu até desencarnar em 1977.

Em 27 de outubro de 1954, no templo subterrâneo de Serra Nevada de Santa Marta, Colômbia, um grande acontecimento espiritual marca a vida de Aun Weor. Na presença de seus poucos discípulos, acontece o advento de Samael. Aun Weor alcançava a Quinta Iniciação Maior e seu verdadeiro e real Ser [Samael] penetrou na Alma Humana [Manas] devidamente preparada pelas ordálias iniciáticas de Aun Weor. Desde então assumiu sua total identidade íntima como Samael Aun Weor.

Dia 4 de fevereiro de 1962 iniciava-se oficialmente a Era de Aquário. Graças a um excelente trabalho desenvolvido na época por vários de seus discípulos, seus livros já eram distribuídos e circulavam por diversos países da América do Sul, incluindo o Brasil, onde a Gnose chega em São Paulo nesse mesmo ano.

As décadas de 60 e 70 foram muito fecundas para o Mestre Samael Aun Weor. Além de haver escrito suas mais notáveis obras, num total de quase 70 livros, criou também diversas instituições, abrangendo assim os principais segmentos sociais. Destacamos dentre elas:

1. **POSCLA** – Partido Operário Socialista Cristão Latino-Americano
2. **ICU** – Instituto de Caridade Universal
3. **IGCU** – Igreja Gnóstica Cristã Universal
4. **AGEACAC** – Associação Gnóstica de Estudos Antropológicos

Em paralelo foram organizados e realizados diversos Congressos Mundiais que chegavam a reunir mais de 3.000 (três mil) participantes.

Toda essa larga trajetória de realizações bem sucedidas foi interrompida pouco antes da noite do Natal de 1977. Na noite de 24 de dezembro de 1977 ocorreu o desencarne do Mestre Samael Aun Weor.

Por havermos acompanhado parte de toda essa história, sabemos diretamente que o Mestre Samael não foi um simples escritor esotérico, nem foi simplesmente um estudioso do hermetismo ou tampouco o criador de mais uma simples “seita” como propagam os eternos detra- tores da Divina Gnose.

Samael, além de haver encarnado todos os princípios espirituais que ensinou ao mundo no século XX, soube também sintetizar a essência do buddhismo e do cristianismo; decodificou a ciência alquímica; rasgou os véus dos mistérios sexuais e abriu as portas da antropologia esotérica que nos dá o elo perdido para unificar e conciliar todas as culturas e civilizações do passado e do presente, do Oriente e do Ocidente.

Assim como Deus se esconde em sua própria Creação, também o Kalki Avatar da Era de Aquário se oculta em sua própria obra. Porém, para alguns inimigos da divindade, Samael Aun Weor é apenas o criador de uma das mais destrutivas seitas do século XX. Por paradoxal que pareça aos olhos dos não-iniciados, o Movimento Gnóstico, iniciado por Samael, é a única escola autenticamente iniciática que restou à humanidade nos tempos atuais. Seus livros abordam de forma escancarada todo o processo de cristificação do ser humano que anela trilhar o autêntico Caminho da Iniciação Branca.

A Igreja Gnóstica do Brasil



Igreja (*Ecclesia*) originalmente significava “assembléia”, “reunião” e, por denotação, “comunidade”; tem o mesmo sentido da “*sangha*” hindu. Hoje, **Igreja** é vista como instituição religiosa, mas para o futuro, as antigas *ecclesiae* novamente assumirão o caráter de comunidades espirituais.

“Tu és Pedro e sobre essa pedra edificarei minha Igreja e as portas do inferno não prevalecerão contra ela”. Palavras do Cristo Jesus que inspiraram a Igreja de Roma a propagar ao mundo que “a sua” era a verdadeira igreja. Porém, de acordo com um dos maiores doutores dela mesma, Santo Agostinho, até o século V da nossa era, essas palavras “Tu és Pedro ...” não se referiam à pessoa humana do apóstolo, mas sim, à confissão que Pedro fizera da divindade de Jesus: “Tu és o Cristo, filho do Deus Vivo”, declarou Pedro. Portanto, a pedra fundamental da Igreja é o Cristo, e não Pedro.

“A confissão da divindade do Cristo, diz Agostinho, é a pedra fundamental da Igreja”. O próprio Agostinho diz ainda que a pessoa de Pedro, chamada por Jesus de “carne e sangue”, não podia ser a pedra fundamental da igreja, até mesmo porque, em outras passagens do evangelho, Jesus chama Pedro de Satanás, por ter pensamentos humanos e não divinos. Nesse caso, essa igreja seria uma igreja de Satanás e não do Cristo.

A pedra fundamental da Igreja é a divindade de Jesus, o Cristo encarnado na pessoa de Jesus. Esse sempre foi o axioma defendido pelos gnósticos dos primeiros séculos; sabiam os gnósticos antigos que não existe nem pode haver verdadeira igreja fora do Cristo.

Detalhes como esses sempre foram motivo de terríveis discordâncias nos Concílios do passado. Diz Samael Aun Weor:

“A Igreja do Cristo não é deste mundo. Ele mesmo disse que meu reino não é deste mundo”.

“No nome do Deus Vivo (o Cristo) há uma igreja invisível aos olhos da carne, mas visível para os olhos da alma e do espírito. Esta é a

Igreja Gnóstica primitiva, à qual pertencem o Cristo e os Profetas. Essa igreja tem seus bispos, apóstolos, diáconos e sacerdotes que oficiam no altar do Deus Vivo”.

“O Patriarca dessa igreja invisível é Jesus, o Cristo. (...) Na Igreja Gnóstica vemos o Cristo sentado em seu trono, onde podemos conversar com ele pessoalmente”.

(Do livro *A Virgem do Carmo*, cap. VIII, pág. 20 e 21).

Samael Aun Weor fundou a Igreja Gnóstica Cristã Universal na década de 70, no México, hoje com ramos e derivações em diversos países. Porém, há muitos e importantes antecedentes ligados à criação da Igreja Gnóstica por Samael. As raízes da Igreja Gnóstica na América Latina remontam ao início do século XX (ano de 1910 mais exatamente) quando o médico alemão Dr. Arnold Krumm-Heller chegou ao México procedente da Alemanha.

É por demais sabido nos círculos esotéricos e espirituais latino-americanos que Krumm-Heller era o Patriarca da Igreja Gnóstica da Europa para a América Latina. Ocorre que Samael foi discípulo de Krumm-Heller (Mestre Huiracocha) nos anos 1940, e dele recebeu os ensinamentos básicos que levaram o então Hierofante de Mistérios Menores, Aun Weor, a criar mais tarde o Movimento Gnóstico e a própria Igreja Gnóstica, utilizando inclusive os mesmos ritos que a Igreja Gnóstica de Krumm-Heller usava.

O distanciamento ou separação de Samael com a organização do seu Mestre não aconteceu de forma conflituosa. Deu-se de forma natural pela morte ou desencarne de Krumm-Heller em 1948. Portanto, ainda que não haja uma ligação formal e jurídica entre a Igreja Gnóstica criada por Krumm-Heller (V. M. Huiracocha) e o Movimento Gnóstico de Samael, não há como esconder o fato de que o Movimento Gnóstico de Samael Aun Weor sucedeu espiritualmente o trabalho e a própria Igreja Gnóstica de Huiracocha.

A demonstração mais inequívoca disso são os ritos internos utilizados pelas instituições gnósticas criadas por Samael. Eles foram trazidos da Europa por Krumm-Heller. Além disso, nas primeiras obras de Samael, é muito forte a inspiração e a presença dos ensinamentos dados pelo Mestre Huiracocha antes de desencarnar. Basta ler os primeiros livros de Samael Aun Weor para se perceber esse traço marcante. Afinal, todo discípulo, antes de se tornar mestre, traz consigo os traços do seu Iniciador.

Qualquer apreciação do Movimento Gnóstico e da Igreja Gnóstica de Samael Aun Weor fora desse contexto levará aos naturais desvios e falsas conclusões. A história e os fatos apontam o surgimento da Gnose em terras americanas no início do século XX [1910], tendo inclusive surgido antes na América Latina que na América do Norte, onde um ramo, também oriundo da Europa, se estabeleceu em 1928, quase 20 anos depois de haver chegado ao nosso continente.

Em 1962, a Gnose de Samael chega ao Brasil, em São Paulo. Em 1972 chega a Curitiba. É nesse ano que começa a nossa história, a história da Igreja Gnóstica do Brasil.



SEDE NACIONAL DA IGB

www.gnose.org.br

Curitiba – Paraná – Brasil

Rua José Tomasi, 824 – Bairro Santa Felicidade

CEP: 82015-630

Fone: 41 3372 7038

E-mail: **faleconosco@gnose.org.br**

Livros publicados pela IGB-Edisaw

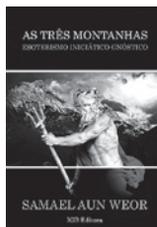
Consulte nossa página na internet:

www.edisaw.com.br



O MATRIMÔNIO PERFEITO

A Porta de Entrada da Iniciação



AS 3 MONTANHAS

Esoterismo Iniciático Gnóstico



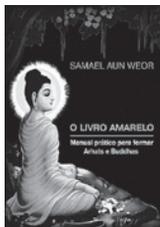
A CONVERSÃO DE BELZEBU

De Príncipe dos Demônios a Anjo de Deus



KUNDALINI YOGA

Os Mistérios da Serpente de Fogo



O LIVRO AMARELO

Manual prático para formar Buddhas e Arhats



OS MISTÉRIOS MAIORES

As Iniciações secretas de Jesus no Egito



EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL

Educar é bem mais que programar pessoas a produzir e consumir



A GRANDE REBELIÃO

Mudar a forma de pensar para mudar a forma de viver



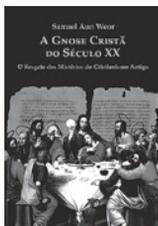
PSICOLOGIA REVOLUCIONÁRIA

Bases espirituais para
criar nova vida interior



O CRISTO CÓSMICO

O mistério de sua
crucificação na
matéria



A GNOSE CRISTÃ DO SÉCULO XX

O resgate dos Mistérios
do Cristianismo Antigo



MEDICINA OCULTA

Tratado de Medicina
Oculta e Magia
Prática



Este livro digital foi disponibilizado gratuitamente pelo
Projeto Abragnose Digital, mantido pela
ABRAGNOSE - Academia Brasileira de Gnose.

O Projeto Abragnose Digital, por meio de contribuições
de estudantes gnósticos e simpatizantes,
tem por objetivo disponibilizar versões digitais gratuitas
de obras publicadas pela EDISAW - Editora Samael Aun Weor.

Para adquirir cópias impressas de obras do catálogo da EDISAW,
a preço de custo, visite a nossa loja na página www.edisaw.com.br.
Ao adquirir as versões impressas das obras da EDISAW
você contribui para a expansão do seu catálogo e
para a manutenção de sua obra de divulgação
do conhecimento gnóstico contemporâneo.

Para ajudar a manter este e outros trabalhos de cunho cultural,
assistencial e missionário você pode também contribuir diretamente
para com a ABRAGNOSE realizando doações
por meio da seguinte conta bancária:

Banco do Brasil
Agencia: 3390-1
Conta: 27.361-9
CNPJ 14.578.176/0001-30
Academia Brasileira de Gnose

Agradecemos o seu apoio!

Paz Inverencial!



EDISAW

Aviso de copyright:

Todos os direitos reservados para a EDISAW - Editora Samael Aun Weor.
A distribuição deste material é permitida desde que seja mantida a totalidade do material,
e seja expressamente mencionada a fonte (EDISAW / Projeto Abragnose Digital)
e ambos os nossos endereços na internet (www.gnose.org.br e www.edisaw.com.br).



A Educação Fundamental em seu verdadeiro sentido é o estudo profundo de nós mesmos. Quem quiser conhecer as maravilhas da natureza deve estudá-las dentro de si mesmo: *Nosce te ipsum*.

A educação meramente intelectual e técnica jamais nos capacitará para o autoconhecimento. O básico é nos conhecermos, saber quem somos, de onde viemos, para onde vamos e qual é o propósito de nossa vida.

A educação moderna se revelou um fracasso total; ao supervalorizar o aspecto exterior da existência, transformou o ser humano num *robot*, destruindo suas humanas possibilidades.

Essa educação jamais poderá resolver os problemas psicológicos e as necessidades espirituais. O avanço tecnológico do mundo é fantástico, resolveu milhares de problemas do nível superficial da vida, porém isso só fez aumentar nossa agressividade. Em todas as partes reinam o terror, a fome, a ignorância, as enfermidades, as guerras, a violência e os conflitos sociais.

A Educação Fundamental propõe o aprendizado de uma técnica ou profissão para ganhar a vida e também dá o conhecimento transcendental.



Gnose é aqui:
www.gnose.org.br

EDISAW

ISBN 978-85-62455-06-3



9 788562 455063